

HAROLD S. KUSHNER



**QUANDO COISAS
RUINS ACONTECEM
ÀS PESSOAS BOAS**



Do mesmo autor de
QUANDO TUDO
NÃO É O BASTANTE

Nobel



A Editora Nobel tem como objetivo publicar obras com qualidade editorial e gráfica, consistência de informações, confiabilidade de tradução, clareza de texto, e impressão, acabamento e papel adequados. Para que você, nosso leitor, possa expressar suas sugestões, dúvidas, críticas e eventuais reclamações, a Nobel mantém aberto um canal de comunicação.

Entre em contato com:
CENTRAL DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR
R. Pedroso Alvarenga, 1046 - 9º andar - 04531-004 - São Paulo, SP
Fone: (11) 3706-1466 - Fax: (11) 3706-1462
www.editoranobel.com.br
E-mail: ednobel@editoranobel.com.br

Publicado originalmente sob o título:
When bad things happen to good people
©1981 Harold Kushner
© 1988 AMPUB Comercial Ltda.

Direitos desta edição reservados à
AMPUB Comercial Ltda.
(Nobel é um selo editorial da AMPUB Comercial Ltda.)
Rua Pedroso Alvarenga, 1046 - 9º andar - 04531-004 - São Paulo - SP
Fone: (11) 3706-1466 - Fax: (11) 3706-1462
www.editoranobel.com.br
E-mail: ednobel@editoranobel.com.br

Revisão: Ivan Neto
Impressão: Paym Gráfica e Editora Ltda.
Reimpressão: 2005

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kushner, Harold S. K98q Quando coisas ruins acontecem às pessoas boas / Harold S. Kushner : tradução Francisco de Castro Azevedo. - São Paulo : Nobel, 1988. ISBN 85-213-0565-6 1. Deus - Onipotência 2. Religião - Filosofia 3. Sofrimento 4. Teodicéia I. Título 88-1839 296.311 -220.1	CDD-
---	------

Índices para catálogo sistemático:

1. Deus : Onipotência : Controvérsias : Judaísmo 296.311
2. Filosofia teológica 200.1
3. Sofrimento : Justificação : Teodicéia : Judaísmo 296.311
4. Teodicéia : Judaísmo 296.311

Harold Kushner

Quando coisas ruins acontecem às pessoas boas

Tradução: Francisco de Castro Azevedo



EM MEMÓRIA
DE AARON ZEV KUSHNER
(1963-1977)

E Davi disse: Vivendo ainda a criança, jejeuei e chorei, porque dizia: Quem sabe se o Senhor se compadecerá de mim, e continuará viva a criança? Porém, agora que é morta, por que jejuaria eu? Poderei eu fazê-la voltar? Eu irei a ela, porém ela não voltará para mim. (II Samuel 12:22-23)

Índice

Prefácio à edição brasileira.....	5
Introdução:	
Por que escrevi este livro.....	6
CAPÍTULO 1	
Por que o justo sofre?.....	7
CAPÍTULO 2	
Um homem chamado Jó.....	15
CAPÍTULO 3	
Nem sempre existe uma razão.....	20
CAPÍTULO 4	
Não há exceção para os bons.....	23
CAPÍTULO 5	
Deus nos deixa espaço para sermos humanos.....	28
CAPÍTULO 6	
Deus ajuda aos que param de castigar-se.....	32
CAPÍTULO 7	
Deus não pode fazer tudo, mas faz coisas muito importantes.....	41
CAPÍTULO 8	
Para que serve então a religião?.....	47
Agradecimentos.....	52

Prefácio à edição brasileira

A vida não é justa. Coisas terríveis acontecem a pessoas boas e decentes. Os melhores entre nós adoecem, sofrem e morrem. Crianças inocentes contraem moléstias incuráveis. Adolescentes perdem a vida em acidentes absurdos. Bebês vêm ao mundo deformados. Jovens mães morrem de leucemia.

Mas por quê? Por que acontecem coisas ruins a pessoas boas? E, mais importante ainda, como reagir em face de tais tragédias?

Harold Kushner, nesta pequena obra-prima que talvez seja o mais compreensivo e compreensível livro de filosofia teológica já escrito, nos conduz numa busca de soluções para estas perguntas. E ao longo do caminho o leitor tem o privilégio de entrever a alma do autor, uma alma que se encheu de amor e compaixão pela condição humana em decorrência da morte trágica e prematura do seu próprio filho, Aaron, aos 14 anos de idade.

Quando uma crise se abate repentinamente sobre nós ou sobre aqueles que amamos, ela desperta em nós uma série de emoções, desde o sentimento de culpa por aquilo que fizemos ou deixamos de fazer, até a revolta contra Deus por ter permitido que tal tragédia acontecesse. É fácil, é humano, questionar a bondade de Deus quando estamos diante de uma criança que está prestes a morrer. É fácil duvidar do poder divino, da assim chamada "onipotência" de Deus, nestas horas. Porque, se Deus fosse realmente bom, Ele não faria as pessoas sofrerem. E se Deus fosse todo-poderoso, Ele impediria tais coisas de acontecerem.

Incontáveis filósofos e teólogos vêm tentando, através dos séculos, reconciliar estas ideias, porém muitas vezes as soluções apresentadas são dogmáticas demais e não trazem nenhum alívio. Tendo ele próprio se debatido com o dilema, o tormento e a angústia, Kushner chegou à conclusão de que a crença na onipotência de Deus é cruel e ilusória. O que ele propõe é uma abordagem diferente, e até certo ponto revolucionária. Não é Deus que causa a tragédia, a doença, o sofrimento. Existe uma "aleatoriedade" no universo e a natureza é moralmente cega. Um terremoto não distingue entre pessoas boas e ruins. Nem o câncer. Nem o derrame cerebral. Nem a progéria. Não são "atos de Deus"; são acasos da natureza.

Portanto, diz Kushner, se queremos continuar a acreditar em Deus, precisamos parar de acreditar na Sua onipotência.

Bem, perguntamos, se Deus não é todo-poderoso, se Ele não pode interceder para impedir o sofrimento humano, então por que acreditar em Deus? Por que não jogar fora a religião de uma vez? A resposta de Kushner: porque é Deus que nos dá força, coragem e paciência para enfrentarmos os golpes da vida. Deus não é nosso adversário, mas sim nosso aliado. Deus é a fonte do nosso poder de suportar, nossa capacidade de superar e nossa determinação de continuar.

Perguntar "Por que eu?" ou "Como pôde Deus deixar que isto acontecesse comigo?" não leva a nada. É a pergunta errada, é uma pergunta que não tem resposta. E mesmo que pudéssemos descobrir quem foi o culpado... e daí?

Coisas ruins que acontecem a pessoas boas não podem ser explicadas e não podem ser compreendidas. A verdadeira pergunta é: o que fazer agora? Será que conseguimos aceitar o fato de que esta vida é imperfeita? Será que conseguimos amá-la assim mesmo, simplesmente porque é a única que temos? Será que conseguimos reconhecer a capacidade de perdoar e a capacidade de amar como armas que Deus nos deu para que possamos continuar a viver num mundo que não é de todo justo e perfeito?

A afirmação de fé do Rabino Kushner diante do seu trauma pessoal é um exemplo admirável e inspirador. Alguns, indubitavelmente, discordarão de suas ideias. Mas para muitos de nós que fomos esmagados pela tragédia, que buscamos desesperadamente um ponto de apoio quando um acontecimento cruel e absurdo fez desmoronar o nosso mundo, as palavras de Kushner são uma fonte de consolo e esperança.

Sem pretender nada mais do que compartilhar conosco a sabedoria de um homem "machucado pelo destino", este livro nos traz uma das mais belas, sensatas e humanas lições de vida de todos os tempos.

Rabino Henry I. Sobel

Introdução:

Por que escrevi este livro

Este livro não é um tratado abstrato sobre Deus e teologia. Nele não se usam palavras difíceis ou maneiras habilidosas de rerepresentar as questões no esforço de nos convencer de que nossos problemas não são realmente problemas, que apenas supomos que eles são problemas. Este livro é muito pessoal, escrito por alguém que acredita em Deus e na bondade do mundo, por alguém que passou a maior parte de sua vida tentando ajudar outras pessoas a crer, e que foi compelido por uma tragédia pessoal a repensar tudo o que ensinava sobre Deus e os caminhos de Deus.

Nosso filho Aaron acabara de completar três anos quando nossa filha Ariel nasceu. Aaron era uma criança brilhante e feliz — antes dos dois anos de idade era capaz de identificar uma dúzia de diferentes variedades de dinossauros e de explicar pacientemente a um adulto que os dinossauros estavam extintos. Minha mulher e eu havíamos começado a ficar preocupados com sua saúde quando ele parou de ganhar peso, aproximadamente aos oito meses de idade, e desde a época, depois de ter feito o primeiro aniversário, em que seu cabelo começou a cair. Médicos famosos o examinaram, deram nomes complicados à sua doença e garantiram que ele, embora não crescesse muito, seria normal em tudo o mais. Um pouco antes do nascimento de nossa filha, mudamo-nos de Nova Iorque para um subúrbio de Boston, de cuja congregação me tornei rabino. Descobrimos que o pediatra local fazia pesquisas sobre problemas de crescimento infantil, e apresentamos-lhe Aaron. Dois meses depois — no dia em que nossa filha nasceu — ele visitou minha esposa no hospital e disse-nos que a doença de nosso filho se chamava progéria, "envelhecimento rápido". O médico disse também que Aaron não passaria dos 90 cm de altura, que não teria cabelos na cabeça nem pêlos no corpo, que se pareceria com um velho sendo ainda uma criança e que morreria no início da adolescência.

Como alguém reage a notícias como estas? Eu era um rabino jovem e inexperiente, não afeito ainda ao processo da dor, como ficaria depois com o decorrer do tempo. O que eu senti aquele dia foi uma sensação profunda e dolorida de deslealdade. Nada fazia sentido. Eu tentara fazer o que me parecia correto aos olhos de Deus. Mais que isto, eu levava uma vida mais comprometida com a religião que a maioria das pessoas que conhecia, pessoas que tinham famílias grandes e saudáveis. Eu acreditava estar trilhando os caminhos de Deus e realizando Sua obra. Como isto podia acontecer a minha família? Se Deus existia, se Ele tinha um mínimo de equidade, pelo menos para amar e perdoar, como podia Ele fazer isto comigo?

E mesmo que eu conseguisse me convencer de que merecia aquela punição por algum pecado de negligência ou orgulho de que não tinha consciência, por que Aaron deveria sofrer? Era uma criança inocente, entrando feliz no seu terceiro ano de idade. Por que deveria ele sofrer física e psicologicamente todos os dias de sua vida? Por que deveria ser observado com curiosidade, apontado, onde quer que chegasse? Por que a condenação de chegar até a adolescência, de ver os outros meninos e meninas começarem a namorar e de perceber que ele jamais conheceria o casamento ou a paternidade? Simplesmente, não fazia sentido.

Como a maioria das pessoas, minha esposa e eu havíamos crescido fazendo de Deus a imagem de um pai onisciente e onipotente que nos trata como nossos pais terrenos o fazem, ou ainda melhor. Se fôssemos obedientes e merecedores, Ele nos recompensaria. Se saíssemos da linha, Ele nos disciplinaria, relutantemente porém com firmeza. Ele nos protegeria do mal ou nos impediria de fazer o mal a nós mesmos e, ao final, nos premiaria pelo que tivéssemos merecido durante a vida.

Como a maioria das pessoas, eu tinha consciência das tragédias que obscureciam a paisagem — jovens que morriam em desastres de carro, pessoas alegres e amáveis colhidas por paralisias, vizinhos e parentes de cujos filhos deficientes mentais os outros comentavam em tons reticentes. Mas essa consciência nunca me levou a questionar a justiça ou a equidade de Deus. Tinha para mim que Deus sabia mais Sobre o mundo do que eu.

Então chegou aquele dia no hospital em que o médico nos falou de Aaron e nos explicou o que vinha a ser progéria. Aquilo era a negação de tudo que eu vinha ensinando. Eu só podia ficar repetindo comigo mesmo: "Isto não pode estar acontecendo. Não é assim que o mundo tem de funcionar." Admitia-se que tragédias como aquela acontecessem a pessoas egoístas e desonestas, as quais eu, como rabino, tentaria confortar assegurando-lhes o amor condescendente de Deus. Mas, se minhas crenças sobre o mundo eram verdadeiras, como poderia acontecer a mim, a meu filho?

Li recentemente de uma mãe israelense que todos os anos, no aniversário do filho, abandonava o local da festa, recolhia-se ao seu quarto e chorava, porque o filho se encontrava agora um ano mais perto do serviço militar, um ano mais perto de expor sua vida ao perigo, possivelmente um ano mais perto de torná-la uma das milhares de mães de Israel que têm um filho morto em batalha para prantear. Pude entender exatamente o que ela sentia. Todos os anos, haveríamos, minha mulher e eu, de celebrar o aniversário de

Aaron. Nós nos alegraríamos pelo seu crescimento e pelo crescimento de suas habilidades. Mas seríamos sufocados pelo frio conhecimento prévio de que aquele aniversário nos aproximava mais do dia em que ele seria tirado de nós.

Tive o pressentimento, então, de que um dia escreveria este livro. Eu o escreveria compelido pela necessidade de traduzir em palavras algumas coisas importantíssimas que pude compreender e nas quais passei a acreditar. E o escreveria para ajudar outras pessoas que acaso algum dia se encontrassem em situação semelhante. Eu me dirigiria a todos os que desejavam continuar crendo, mas cujo ressentimento para com Deus lhes dificultava a manutenção da fé e o recebimento do conforto pela religião. E me dirigiria a todos aqueles cujo amor por Deus e devoção a Ele os levava a censurar-se por seu sofrimento e a persuadir-se de que mereciam sofrer.

Não havia muitos livros, como não havia muitas pessoas, para nos ajudar enquanto Aaron estava vivendo e morrendo. Os amigos tentavam, e eram úteis, mas o que podiam eles realmente fazer? E os livros que folheei preocupavam-se muito mais em defender a honra de Deus, com a prova lógica de que o mal é afinal um bem e de que o demônio é necessário para melhorar o mundo, do que em ir ao encontro da confusão e da angústia dos pais de um filho moribundo. Respondiam a todas as suas questões, mas não tinham respostas para as minhas.

Espero que este livro não seja igual àqueles. Eu não me proporia escrever um livro para defender ou explicar Deus. Não há necessidade de acrescentar mais um aos numerosos tratados existentes nas estantes e, mesmo que houvesse, não tenho formação filosófica para tanto. Fundamentalmente, sou um homem religioso rudemente golpeado pela vida, que deseja escrever um livro que possa ser dado a alguém que tenha sofrido os mesmos golpes da vida — da morte, da doença ou do ferimento, da rejeição ou da decepção — e que sente em seu íntimo que, se existe justiça neste mundo, algo melhor deveria ser-lhe destinado. Que significado tem Deus para tal pessoa? Onde pode ela encontrar força e esperança? Se você é esta pessoa, se deseja acreditar na bondade e equidade de Deus, mas acha difícil em razão do que lhe aconteceu e às pessoas de quem você gosta, e se este livro puder ajudá-lo em sua caminhada, então eu consegui êxito em extrair alguma bênção do sofrimento e das lágrimas de Aaron.

Se alguma vez eu me tivesse surpreendido enredado em explicações técnicas teológicas, ignorando o sofrimento humano que deve ser o tema deste livro, certamente a lembrança dos motivos que me levaram a escrevê-lo me teria recolocado no caminho certo. Aaron morreu dois dias depois de completar 14 anos. Este livro é dele, uma vez que toda tentativa de encontrar sentido no sofrimento e no mal do mundo será julgada um êxito ou um fracasso na medida em que oferecer uma explicação aceitável do porquê ele e nós passamos pelo que passamos. E este livro é dele em outro sentido ainda — porque sua vida o tornou possível e porque sua morte o tornou necessário.

CAPITULO 1

Por que o justo sofre?

Existe apenas uma questão que realmente importa: por que coisas ruins acontecem a pessoas boas? Qualquer outra discussão teológica é pura diversão intelectual — algo assim como decifrar palavras-cruzadas no jornal de domingo e ficar satisfeito por achar a palavra certa — porém, em última instância, sem a capacidade de atingir as pessoas nos pontos em que elas realmente estão interessadas. No fundo, toda conversa com algum sentido que eu mantive a respeito de Deus e da religião ou começou com essa pergunta ou passou a girar em torno dela logo em seguida. Não apenas o homem ou a mulher conturbados após receberem um diagnóstico desanimador no consultório médico, mas também o estudante que me afirma ter decidido que Deus não existe, ou aquele estranho que se aproxima de mim em uma festa familiar no momento em que vou pedir à anfitriã o meu sobretudo e diz: "Ouvi dizer que o Sr. é um rabino; como pode acreditar que...". Todos eles têm uma coisa em comum. Estão todos perturbados pela injusta distribuição do sofrimento no mundo. As desgraças que atingem as pessoas boas não são um problema apenas para as próprias vítimas e para suas famílias. Passam a ser problema para todos os que desejam acreditar em um mundo justo, razoável e suportável. Estes inevitavelmente levantam questões quanto à bondade, à amabilidade e até mesmo à existência de Deus.

Sou o rabino de uma congregação de 600 famílias, cerca de 2500 pessoas. Eu as visito nos hospitais, ofício seus funerais, tento auxiliá-las na angústia avassaladora de seus divórcios, seus negócios fracassados, sua infelicidade com os próprios filhos. Sentado, ouço-lhes as histórias de maridos ou esposas à morte, de pais idosos para os quais a vida longa é mais uma maldição que uma bênção, de pessoas com seus entes amados contorcidos pela dor ou prostrados sob a frustração. E tenho muitas dificuldades em dizer-lhes que a vida é bela, que Deus dá o que cada um merece e precisa. Inúmeras vezes deparei-me com famílias e até mesmo comunidades inteiras unidas em oração pela cura de um enfermo — e vi suas esperanças e orações

serem desprezadas. Eu vi pessoas erradas adoecerem, pessoas erradas serem brutalmente golpeadas pelo destino, jovens errados morrerem.

Como cada um dos leitores deste livro, quando pego um jornal, as notícias que leio são renovados desafios à ideia da bondade do mundo: assassinatos sem sentido, brincadeiras fatais, jovens mortos em acidentes automobilísticos em viagens de núpcias ou retornando para casa após a colação de um grau acadêmico. Eu acrescento essas histórias às tragédias pessoais que conheci e então me pergunto: Posso, em boa fé, continuar ensinando que o mundo é bom e que um Deus bom e amoroso é responsável pelo que nos acontece na vida?

Não é necessário ser santo ou alguém excepcionalmente dotado para que se sinta o problema. Se não nos perguntamos com frequência "por que pessoas totalmente dedicadas sofrem, pessoas que nunca fazem nada de errado?", é porque não conhecemos muitos indivíduos com tais predicados. Mas frequentemente indagamos intrigados por que seres comuns, vizinhos amáveis, nem extraordinariamente bons nem extraordinariamente maus, são de repente envolvidos pela agonia do sofrimento e da tragédia. Se houvesse equidade no mundo, eles certamente não mereceriam aquilo. Não são nem muito melhores nem muito piores do que a maioria de nossos conhecidos: por que então suas vidas devem ser mais castigadas? Perguntar "por que os justos sofrem?" ou "por que coisas ruins acontecem a pessoas boas" não significa limitar nosso interesse pelo martírio de santos e sábios, mas tentar entender por que indivíduos comuns — nós mesmos e as pessoas ao redor de nós — devem suportar cargas extraordinárias de aflição e dor.

Era um jovem rabino em início de carreira, quando fui chamado para confortar uma família vítima de uma tragédia inesperada e quase insuportável. Aquele casal de meia-idade tinha uma filha, uma moça brilhante de 19 anos de idade, que estava cursando o primeiro ano em uma universidade fora do Estado. Certa manhã, durante o café, eles receberam um telefonema da enfermaria da universidade. "Temos más notícias para vocês. Sua filha teve um colapso enquanto se dirigia para as aulas esta manhã. Parece que um vaso sanguíneo se rompeu em seu cérebro. Morreu antes que pudéssemos fazer qualquer coisa por ela. Sentimos muitíssimo."

Desorientados, os pais pediram ajuda a um vizinho para decidir como deveriam agir naquela situação. O vizinho informou a sinagoga, e eu fui visitá-los naquele mesmo dia. Senti-me muito constrangido ao entrar naquela casa, sem saber que palavras poderiam aliviar a aguda dor. Esperava encontrar raiva, choque, mágoa, e fiquei surpreso ao ouvir as primeiras palavras que eles me disseram: "Sabe, Rabino, nós não jejuamos no último Yom Kippur."

Qual a razão de tais palavras? O que os fazia pensar que fossem de algum modo responsáveis pela tragédia? Quem lhes ensinou a crer em um Deus capaz de fulminar sem aviso uma jovem atraente e bem-dotada como castigo pela infração ritual de seus pais?

Uma das maneiras encontradas a cada geração para dar sentido ao sofrimento humano é supor que somos merecedores do que nos acontece, que de algum modo as desgraças sobrevêm como punição para nossos pecados:

Dizei aos justos que bem lhes irá; porque comerão dos frutos de suas ações. Ai do perverso! mal lhe irá; porque a sua paga será o que as suas próprias mãos fizeram. (*Isaias* 3:10-11)

Er, porém, o primogênito de Judá, era perverso perante o Senhor, pelo que o Senhor o fez morrer. (*Gênesis* 38:7)

O mal, é evidente, não ficará sem castigo, mas a geração dos justos é livre. (*Provérbios* 12:21)

Lembra-te: acaso já pereceu algum inocente? e onde foram os íntegros destruídos? (*Jó* 4:7)

Esta é uma atitude que voltaremos a ver mais tarde neste livro ao discutirmos a questão inteira da culpa. Gratifica-nos de certo modo acreditar que coisas ruins acontecem às pessoas (especialmente outras pessoas) porque Deus é um juiz justo que lhes dá exatamente o que merecem. Acreditando nisto, o mundo é compreensível e tudo está em ordem. Damos às pessoas a melhor razão possível para serem boas e evitar o pecado. E, assim, podemos manter a imagem de um Deus amoroso, onipotente e controlador absoluto. Dada a realidade da natureza humana, dado o fato de nenhum de nós ser perfeito e de todos podermos, sem muita dificuldade, admitir que fizemos algo que não deveríamos ter feito, conseguimos sempre encontrar justificativas para o que nos acontece. Mas até que ponto isto conforta, até que ponto é religiosamente adequada semelhante resposta?

O casal que eu tentei confortar, os pais que perderam a filha única de 19 anos sem qualquer aviso, não eram pessoas profundamente religiosas. Não eram ativos na sinagoga; sequer tinham jejuado no Yom Kippur, uma tradição mantida por muitos judeus que não guardam outras práticas. Surpreendidos, porém, pela tragédia, eles voltaram ao sentimento básico de que Deus pune os homens por seus pecados. Sentiram-se culpados pela morte da filha — tivessem eles sido menos egoístas e relaxados quanto ao jejum do Yom Kippur, há cerca de seis meses, e sua filha ainda viveria. E lá estavam eles, magoados por Deus ter-lhes

cobrado Sua quota de sacrifício com tanto rigor, mas temerosos de admitirem sua frustração para que Ele não os castigasse novamente. A vida os golpeara, e a religião não podia confortá-los. A religião os fazia sentirem-se pior.

A ideia de que Deus dá às pessoas o que elas merecem, de que nossos desmandos causam nossas desgraças, de certa forma é uma solução tranquila e atraente para o problema, mas tem numerosas e sérias limitações. Como vimos, ela ensina as pessoas a se censurarem. Cria culpa mesmo onde não há razão para culpa. Faz as pessoas odiarem Deus, embora odiando-se também a si mesmos. E, mais perturbador que tudo, nem sequer se adapta aos fatos.

Antes da era da comunicação de massa, talvez fosse possível acreditar nesta tese, como muitas pessoas inteligentes dos séculos passados o fizeram. Naqueles tempos era mais fácil acreditar. Bastava ignorar uns poucos casos de coisas ruins que aconteciam a pessoas boas. Sem jornal e televisão, sem livros de história, podia-se dar de ombro diante da morte ocasional de uma criança ou de um vizinho piedoso. Mas hoje sabemos demais o que vai pelo mundo. Como pode alguém que já ouviu falar em Auschwitz e My Lai, ou que percorreu os corredores de hospitais e berçários, encarar este mundo sofredor citando Isaías: "Dizei ao justo que bem lhe irá"? Para acreditar nisto hoje teríamos de negar os fatos que nos pressionam de todos os lados ou então adaptar a definição de "justo" à realidade da vida. Justo passaria a ser todo aquele que vive muito e bem, e os indivíduos sofredores, mesmo que levem uma vida sob todos os outros aspectos recomendável, seriam considerados perversos.

Uma história verdadeira: conheço um garoto de 11 anos que se submeteu a um rotineiro exame de vista na escola, constatando-se um grau de miopia suficiente para o uso de óculos. Ninguém ficou terrivelmente chocado com a novidade. Seus pais usavam óculos, e também sua irmã mais velha. Mas, por alguma razão, o garoto ficou profundamente transtornado com o fato, não se abrindo, porém, com ninguém. Finalmente, certa noite, quando a mãe o colocava na cama, a verdade apareceu. Uma semana antes do exame de vista, o garoto e dois outros amigos mais velhos examinaram um monte de velharias que um vizinho colecionava e descobriram um exemplar da revista *Playboy*. Com o sentimento de que estavam fazendo algo perverso, eles passaram algum tempo olhando para as fotografias de mulheres nuas. Dias mais tarde, diante do resultado do exame de vista na escola, ele tirou a conclusão de que Deus iniciara o processo de puni-lo com a cegueira por ter olhado para aquelas fotografias.

Algumas vezes tentamos dar sentido às provações da vida dizendo que as pessoas de fato recebem o que merecem, mas só ao longo do tempo. Num certo momento, a vida pode parecer iníqua e seres inocentes sofrem baques pesados. Mas estamos convencidos de que, com o correr do tempo, veremos a justiça do plano de Deus emergir.

Assim, por exemplo, o Salmo 92 é um hino de gratidão a Deus pelo mundo maravilhoso e absolutamente justo que Ele nos deu e sugere que os tolos o acham imperfeito por serem impacientes e porque não dão a Deus o tempo necessário para mostrar sua justiça.

Quão grandes, Senhor, são as tuas obras! Os teus pensamentos, que profundos! O inepto não compreende

E o estulto não percebe isto:

Ainda que os ímpios brotem como a erva,

E floresçam todos os que praticam a iniquidade

Nada obstante, serão destruídos para sempre...

O justo florescerá como a palmeira,

Crescerá como o cedro do Líbano...

Para anunciar que o Senhor é reto.

Ele é a minha rocha, e nele não há injustiça.

(Salmo 92:5-6,12, 15)

O salmista procura explicar a maldade do mundo como algo incapaz de comprometer a justiça e a retidão de Deus. Compara o ímpio à erva daninha e o puro à palmeira ou cedro. Plantando-se uma semente de mato e uma semente de palmeira no mesmo dia, o mato brota muito mais cedo. A esta altura, alguém que desconheça as leis da natureza poderá achar que o mato ficará mais alto e mais forte que a palmeira, pois está crescendo mais depressa. Mas o observador experiente sabe que a vantagem do mato é apenas temporária, que ele murchará e secará dentro de poucos meses, enquanto a palmeira crescerá lentamente, mas será uma árvore esguia e alta que sobreviverá a mais de uma geração.

Assim também, sugere o salmista, o tolo impaciente vê a prosperidade do ímpio e o sofrimento do justo, chegando à conclusão de que mais vale ser ímpio. Se ele observasse a situação numa perspectiva de longo prazo, veria o ímpio fenecer como a erva e o justo prosperar, devagar porém firmemente, como a palmeira ou o cedro.

Se eu me encontrasse com o autor do Salmo 92, antes de tudo me congratularia com ele por ter composto uma obra-prima de literatura devocional. Reconheceria que ele disse algo perceptivo e importante sobre o mundo em que vivemos — que a desonestidade e a falta de escrúpulos muitas vezes saem na frente, mas que a justiça acaba triunfando. Como o Rabino Milton Steinberg escreveu, "basta considerar-se o padrão dos negócios humanos: a falsidade, não tendo pernas, não pode firmar-se; o mal tende a autodestruir-se; toda tirania terminou pronunciando sua própria condenação. Compare-se a isto o poder firme da verdade e da justiça. Poderia o contraste ser mais agudo, a menos que algo no esquema das coisas desencorajasse o mal e favorecesse o bem?" *{Anatomia da Fé}*

Mas, depois de lhe dizer isto, eu seria obrigado a mostrar-lhe que em sua teologia existe muita coisa que bem que gostaríamos que fosse verdade. Mesmo que eu concordasse que a impiedade não dura para sempre, que os ímpios pagam por sua conduta de uma maneira ou de outra, não poderia dizer Amém à sua afirmação de que "o justo floresce como a palmeira". O salmista quer nos fazer crer que, com o tempo, o justo se levanta e ultrapassa o ímpio na conquista dos bens da vida. Como ele explicaria, porém, o fato de Deus, que presumivelmente está por trás daquele arranjo, nem sempre conceder ao homem justo tempo para se levantar? Algumas pessoas boas morrem irrealizadas; outras acham o prolongamento da vida mais uma punição que um privilégio. O mundo, infelizmente, não é um lugar tão puro como o salmista gostaria de nos fazer crer.

Penso em um conhecido meu que montou seu negócio com algum sucesso através de anos de trabalho árduo e que foi levado à falência por um homem em que confiou. Posso dizer-lhe que a vitória do mal sobre o bem é apenas temporária, que o bem acabará por triunfar. Mas meu conhecido é agora um homem cansado e frustrado, já não é mais jovem, e tornou-se um cínico em relação ao mundo. Quem mandará seus filhos para o colégio, quem pagará as contas do médico que surgirão com o avançar da idade, enquanto ele está esperando que a justiça de Deus lhe dê a mão? Pouco importa o quanto eu gostaria de acreditar, com Milton Steinberg, em que a justiça no final sempre emerge. Como garantir-lhe que ele viverá o suficiente para ver-se vingado? Não consigo compartilhar do otimismo do salmista de que o justo, a longo prazo, florescerá como a palmeira e dará testemunho da justiça de Deus.

Muitas vezes, as vítimas de infortúnios tentam consolar-se com a ideia de que Deus tem boas razões para deixar que tais coisas lhes aconteçam, razões que elas não estão em condições de julgar. Isto me faz lembrar uma mulher que conheci. Chamava-se Helen.

O problema começou quando Helen percebeu que se sentia cansada depois de caminhar alguns quarteirões ou ficar de pé numa fila. Ela atribuiu o fato a estar ficando velha e a ter engordado uns quilos. Certa noite, porém, ao voltar para casa após um jantar com amigos, Helen tropeçou no limiar da porta, fez uma lâmpada espatifar-se no chão e caiu. Seu marido levou na brincadeira, por ela ter bebido alguns goles de vinho, mas Helen teve o pressentimento de que o caso era sério. Na manhã seguinte, marcou uma consulta médica.

O diagnóstico foi esclerose múltipla. O médico explicou que se tratava de uma doença degenerativa do sistema nervoso e que aos poucos pioraria, talvez rapidamente, talvez devagar ao longo de muitos anos. A certa altura, Helen teria dificuldades em andar sem apoio. Por fim, viveria numa cadeira de rodas, perderia o controle dos intestinos e da bexiga e se tornaria cada vez mais inválida, até morrer.

Tornavam-se realidade os piores temores de Helen. Sucumbiu e chorou ao ouvir tais notícias. "Por que isto tinha de acontecer logo comigo? Esforcei-me para ser uma pessoa boa. Tenho um marido e filhos pequenos que precisam de mim. Eu não mereço isto. Por que Deus me faz sofrer assim?" O marido tomou-lhe a mão e tentou consolá-la: "Você não pode falar dessa maneira. Deus deve ter suas razões para assim proceder, e não cabe a nós questioná-lo. Você tem de crer que se for da vontade de Deus que você melhore, você melhorará, e se não for deve existir algum propósito em tudo."

Helen tentou encontrar paz e força nessas palavras. Ela bem que desejava sentir-se confortada com a ideia de que havia algum propósito em seu sofrimento, além de sua capacidade de compreensão. Desejava acreditar que aquilo tinha razão de ser. Durante toda sua vida, ensinaram-lhe — nas aulas de religião e também nas de ciência — que o mundo fazia sentido, que tudo acontecia por alguma razão. Ela queria desesperadamente continuar acreditando nisto tudo, agarrada à crença de que Deus estava à frente das coisas, porque, se Ele não estivesse, quem haveria de estar? Era duro viver com esclerose múltipla, mas pior ainda seria suportar a ideia de que os fatos atingem as pessoas sem qualquer razão, de que Deus perdeu o contato com o mundo e que a cadeira do piloto está vazia.

Helen não tinha a menor intenção de duvidar de Deus ou zangar-se com Ele. As palavras do marido, porém, fizeram-na sentir-se mais abandonada e confusa. Que tipo de propósito mais alto seria capaz de justificar o que ela estava para enfrentar? Como poderia isto, em qualquer instância, ser um bem? Por mais que tentasse não incriminar Deus, não podia deixar de sentir-se angustiada, ferida, traída. Ela fora uma boa

pessoa: não perfeita, talvez, mas honesta, trabalhadora, prestativa, tão boa como a maioria das pessoas e melhor que muitas que andavam por aí cheias de saúde. Que razões poderia Deus ter para tratá-la assim? E, para completar o quadro, ela se sentia culpada por estar revoltada contra Deus. Sentia-se só em seu medo e sofrimento. Se Deus lhe mandara aquela aflição, se Ele, por alguma razão, desejava que ela sofresse, que direito tinha ela de pedir-Lhe que a curasse?

Em 1924, o romancista Thornton Wilder abordou esta magna questão em seu romance *A Ponte de San Luis Rey*. Certo dia, em uma pequena cidade do Peru, rompeu-se uma ponte de corda sobre um precipício e as cinco pessoas que a atravessavam mergulharam no abismo. Um jovem padre católico viu o acidente e ficou muito perturbado. Foi por puro acaso ou foi por vontade de Deus que aquelas cinco pessoas encontraram a morte daquela forma? Ele investigou a vida de cada uma das cinco pessoas e chegou a uma conclusão enigmática: todas tinham acabado de resolver situações problemáticas em suas vidas e estavam para entrar em uma nova fase. Talvez *fosse* a ocasião propícia para serem colhidas pela morte, pensou o padre.

Confesso que achei a resposta final insuficiente. Em lugar das cinco pessoas que estavam na ponte de corda, vamos considerar os 150 passageiros de um avião acidentado. Seria forçar a imaginação admitir-se que cada um deles acabou de resolver um problema decisivo na vida. As histórias de interesse humano que saem nos jornais depois de um desastre aéreo parecem indicar o contrário — que a maioria das vítimas estavam no meio de um trabalho importante, que muitos deixaram filhos pequenos e planos irrealizados. Em um romance, onde a imaginação do autor pode controlar os fatos, tragédias súbitas se abatem sobre as pessoas quando o enredo o exige. Mas a experiência me ensinou que a vida não é tão simples assim.

Talvez Thornton Wilder tenha também chegado à mesma conclusão. Passados mais de 40 anos da *Ponte de San Luis Rey*, mais velho e mais experimentado ele voltou à questão do sofrimento das pessoas boas em um outro romance, *O Oitavo Dia*. O livro conta a história de um homem bom e decente cuja vida é arruinada pela má sorte e pela hostilidade. Ele e sua família sofrem, embora sejam inocentes. Ao término do romance, quando o leitor espera um final feliz com os heróis premiados e os vilões punidos, nada disto acontece. O que Wilder nos oferece é a imagem de um lindo tapete. Olhado do lado direito, é um trabalho de arte intrinsecamente tecido, reunindo fios de diferentes tamanhos e cores para formar um desenho inspirado. Mas, virando-se o tapete pelo avesso, vê-se uma confusão de fios, uns curtos outros compridos, alguns inteiros outros cortados e amarrados, saindo em direções diferentes. Com essa imagem, Wilder pretende explicar o sofrimento das pessoas boas nesta vida. Deus tem um objetivo dentro do qual se encaixam todas as nossas existências. Seu desígnio exige que algumas vidas sejam torcidas, amarradas ou cortadas curtas, enquanto outras se estendem por comprimentos impressionantes, não porque um fio é melhor que o outro, mas simplesmente por exigência do projeto. Olhado de baixo, de nosso ponto de vista, o padrão de recompensa e punição de Deus parece arbitrário e sem lógica, como o avesso de um tapete. Vistos porém do alto, do ponto de vista de Deus, cada torção e cada nó devem ter seu lugar no grande propósito de criar uma obra-prima de arte.

Existe muita coisa comovedora nesta sugestão, e eu imagino que muitas pessoas a acham confortadora. Sofrimento sem sentido, sofrimento como punição para um pecado não especificado é duro de se aceitar. Mas sofrimento como uma contribuição para uma grande obra de arte projetada por Deus não é apenas um fardo intolerável, pode até ser visto como um privilégio. Assim, uma vítima medieval de infortúnios teria orado: "Não me digas por que eu devo sofrer. Assegura-me apenas que estou sofrendo por Tua causa."

A um exame mais profundo, contudo, essa abordagem deixa a desejar. Apesar de toda sua compaixão, também ela se baseia em larga escala naquilo que gostaríamos que fosse verdade. A doença paralisante de uma criança, a morte de um jovem marido e pai, a ruína de pessoas inocentes através de tramóias maliciosas — tudo isto é real. Essas coisas a gente vê com os próprios olhos. Mas ninguém viu o tapete de Wilder. Tudo o que ele nos pode dizer é: "Imagine que pode existir tal tapete." Acho difícil aceitar-se soluções hipotéticas para problemas reais.

Com que seriedade trataríamos uma pessoa que dissesse: "Eu tenho fé em Adolf Hitler ou em John Dillinger. Não sei explicar por que eles fizeram o que fizeram, mas não posso acreditar que eles o tenham feito sem uma boa razão." E todavia os homens usam idênticas palavras para justificar as mortes e tragédias que Deus inflige a seres inocentes.

Além do mais, meu comprometimento religioso com o valor supremo de uma vida individual impede-me de aceitar uma resposta que não faça objeção ao sofrimento dos inocentes, que não leve em conta a angústia humana, porque ela supostamente contribui para uma obra abrangente de valor estético. Se um artista humano ou um empresário fizesse uma criança sofrer para que algo imensamente impressionante ou valioso viesse à luz, certamente o colocaríamos na prisão. Por que então deveríamos desculpar a Deus por causar tais sofrimentos imerecidos, não importa quão maravilhoso o resultado final pudesse ser?

Helen, ao contemplar uma vida de sofrimento físico e de angústia mental, percebeu que, com a doença, havia perdido a fé em Deus e no mundo bom de sua infância. E desafiou sua família, seus amigos, seu pastor a explicarem por que uma coisa tão terrível lhe acontecera, ou que interesse alguém poderia ter nisto. Se Deus realmente existe, diz Helen, ela O odeia, e odeia a qualquer "grande desígnio" capaz de infligir-lhe tanta miséria.

Examinemos uma outra questão: O sofrimento pode ser educativo? Pode acabar com nossos defeitos e melhorar a gente? Há pessoas religiosas que gostariam de acreditar nas boas razões de Deus para nos fazer sofrer, chegando ao ponto de imaginar quais seriam essas razões. Nas palavras de um dos grandes mestres ortodoxos judeus de nosso tempo, Rabino Joseph B. Soloveitchik, o "sofrimento serve para enobrecer o homem, para eliminar de suas mentes o orgulho e a superficialidade, para ampliar seus horizontes. Em suma, o propósito do sofrimento é reparar os defeitos da personalidade do homem."

Da mesma forma que um pai algumas vezes tem de punir o filho querido, em benefício do próprio filho, assim Deus nos pune. Um pai que não deixa o filho brincar no meio de uma rua movimentada ou que lhe recusa um doce antes da janta, não está sendo mesquinho, punitivo ou indelicado. Demonstra apenas ser um pai preocupado e responsável. Algumas vezes um pai precisa até dar palmadas ou pôr o filho de castigo para conseguir que ele faça o dever de casa. O filho pode pensar que está sendo arbitrariamente privado de algo que todas as outras crianças têm e pode perguntar-se por que um pai em geral tão amoroso trata dessa forma, mas isto é porque ele ainda é criança. Depois que crescer, compreenderá a sabedoria e a necessidade da punição.

Da mesma forma, segundo nos disseram, Deus nos trata como um pai sábio e carinhoso age com um filho ingênuo, protegendo-nos para não nos machucarmos, tirando de nós aquilo que pensamos que é bom mas que não é, punindo-nos ocasionalmente para que compreendamos nossos graves erros e suportando pacientemente nossos acessos temperamentais de mau humor contra sua "injustiça", na confiança de que algum dia, mais maduros, compreendamos que tudo foi para nosso próprio bem. "Porque o Senhor repreende a quem ama, assim como o pai ao filho a quem quer bem." (*Provérbios* 3:12) Os jornais publicaram recentemente a história de uma mulher que passou seis anos viajando pelo mundo comprando antiguidades e preparando-se para montar uma loja. Uma semana antes da data marcada para a inauguração, um parafuso mal colocado no sistema de luminárias do prédio provocou um curto-circuito em um depósito de mercadorias, e diversas lojas, inclusive a sua, pegaram fogo. Os artigos, de valor incalculável e insubstituíveis, estavam segurados apenas por uma fração de seu valor. E qual o seguro capaz de indenizar uma mulher de meia-idade pelos seis anos gastos em pesquisar e colecionar? A pobre mulher ficou arrasada. "Por que isto teve de acontecer? Por que aconteceu logo comigo?" Um amigo teria procurado consolá-la desta maneira: "Talvez Deus esteja tentando ensinar-lhe uma lição. Talvez Ele queira dizer-lhe que você não deve ficar rica. Ele não acha bom que você se torne uma mulher de negócios bem-sucedida, às voltas com preocupações de perdas-e-lucros o dia todo ou em longas viagens anuais pelo Extremo Oriente para comprar coisas. Ele deseja que você aplique suas energias em alguma outra coisa, e esta foi Sua maneira de passar-lhe a Sua mensagem."

Um professor contemporâneo usou esta imagem: se um homem que nada sabe de medicina entrar em uma sala de operações e ver médicos e enfermeiras realizando uma cirurgia, possivelmente pensará que um bando de criminosos está torturando uma vítima infeliz. Ele os veria amarrando o paciente, forçando um cone sobre seu nariz e boca para que não pudesse respirar e espetando-lhe facas e agulhas. Somente alguém que entende de cirurgia sabe que tudo aquilo é para ajudar o paciente, não para atormentá-lo. Assim, também, nos sugerem que Deus faz conosco coisas penosas para, do Seu modo, nos ajudar.

Considere-se o caso de Ron, um jovem farmacêutico que dirigia uma farmácia com um sócio mais velho. Quando Ron comprou sua parte no negócio, o colega mais velho disse-lhe que a loja tinha sido recentemente assaltada várias vezes por toxicômanos em busca de drogas e dinheiro. Certo dia, quando Ron estava para fechar a farmácia, um adolescente apontou-lhe uma arma de pequeno calibre exigindo drogas e dinheiro. Ron estava mais disposto a perder a fêria de um dia que a bancar o herói. Com as mãos trêmulas, foi abrir a caixa registradora. Ao virar-se, tropeçou e foi de encontro a um canto, com as mãos no ato de abraçar-se. O assaltante pensou que ele estivesse para pegar uma arma e atirou. O projétil atravessou o abdome de Ron e alojou-se na espinha dorsal. Os médicos retiraram a bala, mas o dano estava feito. Ron jamais voltaria a andar.

Os amigos tentaram consolá-lo. Alguns apertavam sua mão, dizendo: "sinto muito". Outros falavam-lhe das drogas experimentais que os pesquisadores estavam usando em paraplégicos ou das recuperações espontâneas e milagrosas sobre que tinham lido. Outros ainda tentaram fazê-lo entender o que lhe acontecera e responder a pergunta: "Por que eu?"

"Eu tenho de acreditar", disse um amigo, "que tudo o que acontece na vida obedece a um propósito. De

uma forma ou de outra, tudo o que sucede conosco visa a nosso próprio bem. Encare dessa maneira. Você sempre foi um cara um tanto presunçoso, popular com as garotas, com carros diferentes, confiante de que ganharia um bocado de dinheiro. Você nunca teve realmente tempo para olhar por quem vinha atrás de si. Talvez seja esta a maneira de Deus ensinar-lhe uma lição, fazer com que você preste mais atenção aos outros. Talvez seja esta a maneira de Deus purificá-lo do orgulho e arrogância, pensando como você teria tanto sucesso. É Sua maneira de torná-lo melhor, uma pessoa mais sensível."

O amigo desejava confortar, dar sentido ao acidente absurdo. Mas, se você fosse Ron, qual teria sido sua reação? Ron lembra-se de que, se não estivesse preso ao leito do hospital, teria dado um murro no amigo. Que direito tinha alguém normal e saudável — que logo estaria guiando seu carro para casa, subindo as escadas, preparando-se para jogar uma partida de tênis — que direito tinha essa pessoa de dizer-lhe que tudo aconteceu para seu bem e no melhor de seus interesses?

O problema de tal linha de raciocínio é que ela realmente não ajuda a quem sofre nem explica seu sofrimento. Preocupa-se em primeiro lugar com a defesa de Deus, usando palavras e ideias que transformem o mal em bem e a dor em privilégio. Respostas deste tipo são estruturadas por pessoas que acreditam firmemente que Deus é um pai amoroso no controle de tudo o que nos acontece, e, baseadas nesta crença, ajustam e interpretam os fatos de acordo com sua presunção. É possível que cirurgiões enfiem facas nos pacientes para ajudá-los, mas nem todos os que enfiam facas nos outros são cirurgiões. Pode ser verdade que algumas vezes somos forçados a fazer coisas desagradáveis para as pessoas que amamos em seu próprio benefício, mas nem todas as coisas desagradáveis que nos acontecem são benéficas.

Seria mais fácil acreditar que a gente passa por uma tragédia ou sofrimento para "reparar" falhas da personalidade se houvesse alguma ligação clara entre a falha e a punição. O pai que castiga o filho que cometeu um erro, mas não lhe diz por que o está punindo, dificilmente pode ser considerado como um modelo de paternidade responsável. No entanto, aqueles que explicam o sofrimento como uma maneira de Deus nos ensinar a mudar ficam deveras embaraçados quando devem mostrar o que é que precisa ser mudado.

Igualmente inoportuna seria a explicação de que o acidente de Ron aconteceu não para torná-lo uma pessoa mais sensível, mas para aprimorar a sensibilidade dos amigos e da família para com o acidentado. Quem sabe, não dão as mulheres à luz anões e deficientes mentais como parte do plano de Deus no sentido de aprofundar e engrandecer suas almas, de ensinar-lhes a compaixão e um tipo diferente de amor?

Todos sabemos de casos de criancinhas que, no exato momento em que se deixou de prestar-lhes atenção, caíram de uma janela ou dentro de uma piscina e morreram. Por que Deus permite semelhante coisa acontecer a uma criança inocente? Não pode ser para ensinar a criança a exploração de novas áreas. Ao tempo em que a lição estiver acabada, a criança estará morta. Será para ensinar aos pais e babás a ficarem mais cuidadosos? A vida de uma criança é preço caro demais para uma lição tão banal. Seria para tornar os pais pessoas mais sensíveis e dotadas de compaixão, mais apreciadoras da vida e saúde por causa de sua experiência? Seria para induzi-las a propor melhores padrões de segurança, salvando, desse modo, milhares de vidas futuras? O preço é ainda muito alto, e quem assim raciocina pouca consideração mostra pelo valor de uma vida individual. Sinto-me ofendido com aqueles que sugerem que Deus cria retardados mentais para despertar a compaixão e gratidão dos que vivem ao seu redor. Por que haveria Deus de torcer a vida de alguém a um tal grau apenas para elevar minha sensibilidade espiritual?

Se não podemos satisfatoriamente explicar o sofrimento dizendo que merecemos o que recebemos ou que se trata de uma "cura" para nossas faltas, podemos aceitar a interpretação da tragédia como um teste? Muitos pais de crianças moribundas foram aconselhadas a ler o capítulo 22 do Livro do Gênesis para tentarem compreender e aceitar seu fardo. Naquele capítulo, Deus ordena a Abraão que tome seu filho Isaac, a quem ama, e o ofereça a Deus em sacrifício. O capítulo começa com as palavras: "Depois dessas coisas pôs Deus Abraão à prova." Deus submeteu Abraão a essa provação para testar-lhe a lealdade e a força de sua fé. Havendo Abraão passado no teste, Deus prometeu recompensá-lo com liberalidade pela força que demonstrou.

Para os que encontram dificuldade em aceitar a noção de um Deus capaz de brincadeiras tão sádicas com Seus seguidores mais fiéis, os comentaristas explicam que Deus sabia de antemão o fim da história. Ele sabe que passaremos no teste, como Abraão passou, com nossa fé intata (embora, no caso de Abraão, a criança não tenha morrido). Ele nos põe à prova para que *possamos* descobrir quão fortes e fiéis *nós* somos.

O Talmud, compilação de ensinamentos dos rabinos entre 200 a.C. e 500 d.C., explica o teste de Abraão da seguinte maneira: Quando alguém vai a um mercado, pode ver o oleiro batendo em seus vasos de barro com um bastão para mostrar como eles são fortes e sólidos. Mas o sábio oleiro bate apenas nos vasos mais fortes, nunca nos defeituosos. Assim também Deus envia tais provações e aflições apenas àquelas pessoas que Ele sabe serem capazes de suportá-las, para que elas e as outras possam conhecer a extensão de sua força

espiritual.

Fui pai de uma criança deficiente durante 14 anos, até sua morte. A ideia de que Deus me escolheu por causa de uma força interior especial e porque sabia que eu era capaz de me sair melhor que os outros não me confortou. Tal ideia não me fez sentir um "privilegiado" nem me ajudou a compreender por que razão Deus precisa, a cada ano, enviar crianças deficientes a centenas de milhares de famílias insuspeitas.

A escritora Harriet Sarnoff Schiff destilou sua angústia e tragédia em um livro excelente, *O Pai Desolado*. Ela relembra que, por ocasião da morte de seu jovem filho durante uma operação para corrigir uma disfunção cardíaca, seu pastor tomou-a pelo braço e disse-lhe: "Sei que você está passando por momentos difíceis. Mas sei também que você se sairá bem, porque Deus nunca nos manda um fardo superior às nossas forças. Deus só permitiu que isto acontecesse com você porque Ele sabe que você é bastante forte para suportá-lo." Harriet Schiff não esqueceu sua reação àquelas palavras: "Se eu fosse uma pessoa mais fraca, Robbie ainda estaria vivo."

Deus "manda o frio de acordo com o agasalho"? Ele nunca exige mais do que podemos suportar? Minha experiência, infelizmente, não comprova isto. Vi pessoas esmagadas sob o peso de tragédias insuportáveis. Vi casamentos desfeitos depois da morte de uma criança porque os pais se acusavam reciprocamente de contribuir com o gene portador da anomalia ou, simplesmente, porque as lembranças que ambos partilhavam eram penosas demais. Vi nobreza e sensibilidade no sofrimento da parte de algumas pessoas, mas vi outras tantas se tornarem cínicas e amarguradas. Vi pessoas com ciúmes daqueles que lhes estavam ao redor, por não serem mais capazes de participar da rotina normal da vida. Vi cânceres e desastres de automóvel roubar a vida de um membro de uma família, liquidando praticamente com as vidas de cinco outros, que jamais puderam voltar a ser as pessoas normais e satisfeitas que eram antes do desastre.

Quando tudo o mais falha, alguns tentam explicar o sofrimento fazendo-nos acreditar que ele nos libera de um mundo de angústia e nos leva a um lugar melhor. Um dia recebi, por telefone, a notícia de que um garoto de cinco anos, nosso vizinho, havia morrido ao atravessar a rua atrás de uma bola, colhido por um carro. Eu não conhecia o garoto; sua família não fazia parte da congregação. Mas diversas crianças da congregação o conheceram e brincaram com ele. As mães assistiram aos funerais e algumas delas comentaram o fato comigo.

Na oração, o pastor da família dissera: "Não é tempo para tristeza e lágrimas. É tempo de júbilo, porque Michael foi tirado deste mundo de pecado e dor com a alma ainda inocente e imaculada. Encontra-se agora num lugar onde não há angústia nem dor; agradeçamos a Deus por isto."

Ao ouvir tais palavras, senti-me mal diante dos pais de Michael. Além de terem perdido um filho sem qualquer aviso, o representante de sua religião dizia-lhes que eles deviam alegrar-se pelo fato de ele ter morrido tão jovem e inocente — e eu não via como eles poderiam alegrar-se naquele momento. Feridos e amargurados, eles achavam que Deus não os tratara com justiça — e vinha o homem de Deus dizer-lhes que agradecessem a Deus pelo que acontecera.

Por vezes, relutando em admitir que vivemos num mundo injusto, tentamos persuadir-nos de que o que nos aconteceu não é realmente ruim. Nós é que pensamos que é. Nosso egoísmo é que nos faz chorar porque Michael, de cinco anos de idade, está com Deus e não conosco. Outras vezes, usamos nossa destreza mental para convencer-nos de que o que chamamos de mal não é real, não existe na realidade, não passa de uma condição precária da bondade, da mesma forma que "frio" significa "não suficientemente quente" ou que "escuridão" serve para designar "ausência de luz". Podemos, assim, "provar" que a escuridão e o frio não existem, embora muita gente continue a tropeçar e a machucar-se no escuro e a morrer por exposição ao frio. Mortes e ferimentos não deixam de ser reais por causa de nossas habilidades verbais.

Pelo fato de nossas almas ansiarem pela justiça e por desejarmos tão desesperadamente acreditar que Deus age certo conosco, frequentemente nossas esperanças se prendem à ideia de que a vida neste mundo não é a única realidade. Em algum lugar, após a morte, existe um mundo onde "os últimos serão os primeiros", onde aqueles cujas vidas foram ceifadas cedo aqui na terra se reunirão a seus entes queridos, com os quais passarão a eternidade.

Nada sabemos, nem eu nem qualquer outra pessoa, sobre a realidade desta esperança. É sabido que nossos corpos físicos se decompõem depois que morremos. De minha parte, creio que aquela parcela de nós que não é física, a parcela a que chamamos alma ou personalidade, não morre nem pode morrer. Mas não sou capaz de imaginar como deva parecer uma alma sem corpo. Seremos capazes de reconhecer almas desencarnadas como sendo as pessoas que conhecemos e amamos? Alguém que perdeu seu pai na mocidade e depois teve uma vida longa será mais velho, mais novo ou terá a mesma idade de seu pai na outra vida? As almas dos retardados e dos violentos serão de alguma forma recompostas no Céu?

Pessoas que estiveram às portas da morte e se recuperaram dizem ter visto uma luz brilhante e terem recebido as boas-vindas de alguém que elas amaram e que já morreu. Após a morte de nosso filho, nossa

filha sonhou que morrera e que foi recebida no céu pelo irmão, como um jovem de crescimento normal, e pela avó (que falecera um ano antes). Desnecessário dizer que não temos meios de saber se essas visões são insinuações da realidade ou produtos de nossos desejos de que as coisas assim sejam.

A crença em um mundo futuro, onde os inocentes são compensados por seu sofrimento, pode ajudar as pessoas a suportar as injustiças deste mundo sem perder a fé. Mas pode também servir de desculpa para não nos sentirmos perturbados e ultrajados pela injustiça que nos rodeia e, assim, não usarmos a inteligência que Deus nos deu para agir contra essa situação. A sabedoria prática indica que as pessoas em semelhantes condições devem ficar atentas à possibilidade de que nossas vidas continuem de alguma forma depois da morte, talvez de uma forma que a imaginação terrena não pode conceber. Ao mesmo tempo, como não podemos ter certeza, é aconselhável encararmos este mundo com a maior seriedade possível, para o caso de não existir nenhum outro, buscando sentido e justiça aqui mesmo.

Todas as respostas à tragédia que consideramos acima têm pelo menos uma coisa em comum. Todas elas pressupõem que Deus é a causa de nosso sofrimento e tentam fazer-nos entender por que Deus deseja que sofram. É para nosso bem, é uma punição que merecemos, ou quem sabe Deus pouco se importa com o que nos acontece? Muitas das respostas são inteligentes e imaginativas, porém nenhuma é totalmente satisfatória. Algumas nos levam a criticar-nos para salvar a reputação de Deus. Outras pedem que neguemos a realidade ou reprimamos nossos próprios sentimentos. Acabamos odiando-nos a nós mesmos por merecermos tal destino ou odiando a Deus por tê-lo enviado quando não o merecemos.

Talvez exista uma outra abordagem. É possível que Deus, não seja a causa de nosso sofrimento. O salmista escreve: "Elevo meus olhos para os montes: de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a terra." (*Salmo 121:1-2*) Ele não diz "Minha angústia vem do Senhor" ou "Minha tragédia vem do Senhor". Ele diz: "Minha *ajuda* vem do Senhor."

Viriam mesmo de Deus as coisas ruins que nos afligem? Será que é Ele quem decide quais as famílias que terão uma criança deficiente, ou que Ron haveria de se tornar paralítico por uma bala, ou que Helen teria de definhir com uma doença degenerativa? Ou, quem sabe, não fica Ele ao nosso lado pronto para ajudar-nos a enfrentar nossas tragédias, sob a única condição de que consigamos repelir os sentimentos de culpa e raiva que nos separam dEle? Não poderia realmente estar mal colocada a pergunta: "Como Deus pode fazer isto comigo?"

A mais profunda e completa reflexão sobre o sofrimento na Bíblia, e talvez em toda a literatura, é o Livro de Jó. É para a análise desse livro que ora nos voltamos.

CAPÍTULO 2

Um homem chamado Jó

Há cerca de 2500 anos viveu um homem, cujo nome jamais saberemos, mas que alimentou os espíritos e as vidas dos seres humanos desde então. Foi um homem sensível que viu as pessoas boas adoecendo e morrendo ao seu redor, enquanto os orgulhosos e egoístas prosperavam. Ele ouviu todas as tentativas sábias, astutas e piedosas de explicar a vida e, da mesma forma que nós hoje em dia, não ficou satisfeito com elas. Como tinha extraordinários dons literários e intelectuais, escreveu um longo poema filosófico questionando por que razão Deus permite que coisas ruins aconteçam a pessoas boas. Este poema aparece na Bíblia como o Livro de Jó.

Thomas Carlyle chamou o Livro de Jó "o mais maravilhoso poema de todas as épocas e línguas; nossa primeira e mais antiga colocação do problema eterno — o destino do homem e os caminhos de Deus com Ele aqui na terra... Não existe nada na Bíblia ou fora dela de igual mérito literário." Eu fiquei fascinado pelo Livro de Jó desde que soube de sua existência; estudei-o, reli-o e ensinei-o inúmeras vezes. Já se disse que, da mesma forma que todo ator anseia por desempenhar o papel de Hamlet, todo estudioso da Bíblia anseia por escrever um comentário ao Livro de Jó. Trata-se de um livro de difícil compreensão, um livro profundo e belo sobre o mais profundo dos temas, o problema do sofrimento dos bons. A discussão apresentada é difícil de ser seguida porque, através de alguns dos personagens, o autor apresenta pontos de vista que ele mesmo provavelmente não aceita e porque a obra foi escrita em um hebraico elegante que, milhares de anos mais tarde, não é fácil de ser traduzido. Comparando-se duas traduções do Livro de Jó para uma mesma língua, costuma-se perguntar se as duas são traduções de um mesmo livro. Um dos versos-chave pode significar tanto "Eu temerei a Deus" quanto "Eu não temerei a Deus", e não há como se chegar a uma conclusão de qual a intenção do autor. A conhecida profissão de fé "Eu sei que meu Redentor vive" pode também significar "Eu preferiria ser redimido enquanto ainda estou vivo". Porém a maior parte do livro é clara e vigorosa, e sobre ela podemos exercer nossas habilidades interpretativas.

Quem foi Jó e que livro é este que leva seu nome? Há muito, muito tempo, acreditam os estudiosos, deve ter existido uma história folclórica muito conhecida, uma espécie de fábula moral contada para

fortalecer os sentimentos religiosos das pessoas, sobre um homem piedoso chamado Jó. Jó era tão bom e tão perfeito que se percebe logo que não se está lendo sobre uma pessoa real. É uma história "era-uma-vez" sobre um homem bom que sofreu.

Certo dia, narra a história, Satanás apareceu diante de Deus para falar-Lhe de todas as coisas pecaminosas que as pessoas andavam fazendo na terra. Deus disse a Satanás: "Observaste o meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal." Satanás respondeu a Deus: "Porventura Jó em vão teme a Deus? Acaso não o cercaste com sebe, a ele, a sua casa e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste, e os seus bens se multiplicaram na terra. Estende, porém, a tua mão e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra ti na tua face!"

Deus aceitou o desafio de Satanás. Sem dar qualquer aviso a Jó do que ia acontecer, Deus destrói-lhe a casa e o rebanho e mata-lhe os filhos. Ele aflige a Jó com chagas sobre o corpo inteiro, de modo que cada momento se torna uma tortura. A esposa de Jó o instiga a amaldiçoar a Deus, ainda que isto lhe custe a vida. Deus já não podia fazer com Jó nada pior do que fizera. Três amigos vieram consolar Jó, e também eles o aconselham a deixar de lado sua piedade, se tal era a recompensa que esta lhe trazia. Mas Jó permanece firme em sua fé. Nada do que lhe acontece pode desviá-lo de sua devoção para com Deus. Ao término, Deus aparece, repreende os amigos pelo conselho que deram e premia a Jó por sua fidelidade. Deus lhe dá uma nova casa, uma nova fortuna e novos filhos. A moral da história é: nas adversidades, não ceda à tentação de abandonar a fé em Deus. Ele tem Suas razões para fazer o que faz, e, se você mantiver a fé o tempo suficiente, será recompensado por seu sofrimento.

Inúmeras gerações ouviram essa história. Algumas pessoas foram confortadas por ela. Outras envergonharam-se de continuar com suas dúvidas e lamentações depois de ouvirem do exemplo de Jó. Nosso autor anônimo ficou intrigado por ela. Que espécie de Deus era este em que a história nos queria fazer acreditar, o qual matava crianças inocentes e infligia a angústia mais insuportável a seu mais devotado servo só para provar que está certo, só para, quase que o sentimos, vencer uma aposta com Satanás? Que espécie de religião a história quer nos impingir, a qual se deleita com a obediência cega e acha pecaminoso o protesto contra a injustiça? O autor ficou tão transtornado por essa piedosa fábula antiga que a retomou, a revirou de dentro para fora e a refundiu em um poema filosófico em que as posições dos personagens são invertidas. No poema, Jó *lamenta-se* contra Deus e são os amigos que sustentam a teologia convencional, a ideia de que "as doenças não pegarão o bom".

No esforço de consolar Jó, cujos filhos morreram e que está sofrendo com as chagas, os três amigos fazem todas as afirmações tradicionais e piedosas. Em essência, eles pregam o ponto de vista contido na fábula original de Jó: Não perca a fé, apesar das calamidades. Nós temos um Pai amoroso no Céu, e Ele vela para que o bom prospere e o perverso seja punido.

Jó, que provavelmente usara as mesmas palavras inúmeras vezes para outros lamentadores, percebe pela primeira vez o quão vazias e ofensivas elas são. O que significa "Ele vela para que o bom prospere e o perverso seja punido"? Quer isto dizer que meus filhos eram perversos e que foi por este motivo que morreram? Quer isto dizer que eu sou perverso e que é por esta razão que tudo isto está me acontecendo? Onde é que eu fui tão terrível? Que fiz eu de pior que os outros para que meu destino seja mais rigoroso?

Os amigos ficaram surpresos com essa explosão. Respondem dizendo que ninguém pode esperar que Deus lhes diga por que está sendo punido. (A certo ponto, um dos amigos chega a lhe dizer o seguinte: "O que você esperava de Deus? Um relatório pormenorizado toda vez que você diz uma mentira ou ignora um mendigo? Deus está muito ocupado percorrendo o mundo para você convidá-lo a prestar contas.") Só nos resta supor que ninguém é perfeito e que Deus sabe o que está fazendo. Se não aceitamos essa premissa, o mundo se torna caótico e sem condições de vida.

E assim a discussão continua. Jó não proclama que é perfeito, porém afirma que tentou, mais que a maioria das pessoas, viver uma vida boa e decente. Como Deus pode ser um Deus amoroso se está constantemente a espionar as pessoas, pronto para lançar-se sobre qualquer imperfeição existente em uma boa obra e usar isto para justificar punições? E como Deus pode ser um Deus justo se muitos perversos não são punidos de maneira tão horrível quanto Jó?

O diálogo torna-se caloroso, até mesmo irado. Os amigos dizem: Jó, você realmente nos quer fazer de tolos. Você nos dá a impressão de que é tão piedoso e religioso quanto nós. Mas agora vemos que você afastou a religião na primeira ocasião em que algo de desagradável lhe sucedeu. Você é orgulhoso, arrogante, impaciente e blasfemo. Não é de admirar que Deus esteja agindo assim com você. Isto apenas prova nosso ponto de vista de que os seres humanos podem ser enganados quanto ao que é santo e ao que é pecador, mas que você não pode enganar Deus.

Depois de três ciclos de diálogo em que, alternadamente, vemos Jó lançar suas lamentações e os amigos fazerem a defesa de Deus, o livro chega a seu clímax atordoante. O autor, brilhantemente, faz Jó usar de um

princípio da lei criminal bíblica: se o homem é acusado sem provas de praticar o mal, ele pode fazer um juramento, protestando solenemente sua inocência. A este ponto, quem acusa deve ou apresentar suas evidências contra o acusado ou retirar as acusações. No longo e eloquente discurso que toma os capítulos 29 e 30 do livro bíblico, Jó protesta sua inocência. Afirmar que nunca esqueceu o pobre, nunca pegou qualquer coisa que não lhe pertencesse, jamais se vangloriou de sua riqueza ou se alegrou com a desgraça do inimigo. Deus é desafiado a aparecer com as provas ou a admitir que Jó é bom e que está sofrendo injustamente.

E Deus aparece.

Chega um terrível vendaval vindo do deserto, e Deus responde a Jó de um redemoinho. O caso de Jó é tão urgente, seu desafio tão vigoroso, que o próprio Deus baixa à Terra para lhe dar resposta. Mas a resposta de Deus é de difícil compreensão. Ele não menciona o caso de Jó, não enumera seus pecados, nem explica seu sofrimento. Em vez disso, o que Ele diz a Jó na verdade é: O que entende do governo do mundo?

Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da Terra? Dize-mo, se tens entendimento,

Quem lhe pôs as medidas, se é que o sabes?

Ou quem estendeu sobre ela o cordel?...

Ou quem encerrou o mar com portas...

Traçando-lhe os limites e dizendo: Até aqui virás,

E não mais adiante?...

Acaso entraste nos depósitos da neve

E viste os tesouros da saraiva?...

Sabes tu o tempo em que as cabras montesas têm os filhos?...

Ou dás tua força ao cavalo?...

Ou é pela tua inteligência que voa o falcão?...

(Jó 38-39)

E por fim um Jó muito diferente responde, dizendo: "Na verdade, falei do que não entendia; coisas maravilhosas demais para mim, coisas que eu não conhecia."

O Livro de Jó é provavelmente a maior, mais completa e mais profunda discussão jamais escrita sobre o tema das pessoas boas que sofrem. Parte de sua grandeza consiste no fato de o autor ter sido escrupulosamente justo com todos os pontos de vista, mesmo aqueles que não aceitava. Embora suas simpatias estejam claramente com Jó, ele faz questão de apresentar os discursos dos amigos cuidadosamente pensados e tão cuidadosamente escritos quanto as palavras do herói. Isto engrandece a obra, mas também dificulta a compreensão da mensagem. Quando Deus diz "Como ousas desafiar meus modo de governar o mundo? Que sabes de como governar um mundo?", estamos diante da última palavra sobre o assunto ou é apenas mais uma paráfrase da piedade convencional daquela época?

Para tentar compreender o livro e sua resposta, anotemos três afirmações que cada personagem do livro, e a maioria dos leitores, provavelmente aceita:

A. Deus é onipotente e causa de tudo o que acontece no mundo. Nada acontece sem que Ele o queira.

B. Deus é justo e providencia para que as pessoas recebam o que merecem, de modo que os bons prosperam e os perversos são punidos.

C. Jó é uma boa pessoa.

Enquanto Jó se mantém saudável e rico, podemos acreditar nessas três afirmações ao mesmo tempo sem dificuldade. Quando Jó sofre, quando ele perde suas posses, sua família e sua saúde, começamos a ter problemas. As três proposições juntas já não fazem sentido. Só podemos aceitar duas das três negando a terceira.

Se Deus é justo é poderoso, então Jó deve ser um pecador que merece o que está lhe acontecendo. Se Jó é bom, porém Deus lhe inflige tal sofrimento, então Deus não é justo. Se Jó merece coisa melhor e Deus apenas lhe envia sofrimento, então Deus não é onipotente. Podemos ver a discussão do Livro de Jó como uma discussão sobre qual das três afirmações estamos dispostos a sacrificar, para continuar acreditando nas outras duas.

Os amigos de Jó estão preparados para deixar de acreditar na afirmação C, segundo a qual Jó é uma boa pessoa. Eles desejam acreditar em Deus, conforme lhes foi ensinado. Desejam acreditar que Deus é bom e que está no controle das coisas. E a única maneira de fazer isto é convencer-se a si mesmos de que Jó merece o que lhe está acontecendo.

No começo, eles querem sinceramente consolar Jó e fazê-lo sentir-se melhor. Tentam tranquilizá-lo citando todas as máximas de fé e confiança em que tanto eles como Jó foram educados. Procuram confortar Jó dizendo-lhe que o mundo de fato faz sentido, que não é um lugar caótico e desprovido de significado. O que eles não percebem é que só poderão dar sentido ao mundo e ao sofrimento de Jó aceitando como mere-

cido aquilo por que ele está passando. Dizer que tudo funciona no mundo de Deus pode ser reconfortante para o espectador casual, mas representa um insulto para quem está desolado e infeliz. "Coragem, Jó, nada acontece a ninguém sem que tenha de acontecer" não é uma mensagem muito animadora para alguém nas condições de Jó.

Porém é difícil para os amigos dizer alguma coisa além disto. Eles acreditam e desejam continuar acreditando na bondade e no poder de Deus. No entanto, se Jó é inocente, então Deus é culpado — culpado de fazer um homem inocente sofrer. Diante do dilema, parece-lhes mais fácil parar de acreditar na bondade de/ó do que parar de acreditar na perfeição de Deus.

Talvez os consoladores de Jó não conseguissem ser objetivos quanto ao que acontecera ao amigo. O pensamento deles pode ter-se tornado confuso pelas próprias reações de culpa e alívio porque as desgraças caíram sobre Jó e não sobre eles. Existe um termo psicológico alemão, *Schadenfreude*, que descreve a reação embaraçosa de alívio que sentimos quando algo ruim acontece a outro e assim nos poupa. O soldado em combate que vê o amigo morrer a alguns metros de distância enquanto ele permanece ileso, o aluno que vê o colega em apuros por ser apanhado colando durante uma prova — eles não desejam que seus amigos passem por dificuldades, mas não podem evitar o sentimento embaraçante de gratidão por aquilo acontecer a outro que não eles. Como os amigos que tentaram confortar Ron ou Helen, todos ouviram uma voz interior que lhes dizia "Bem podia ter sido eu", mas tentaram silenciá-la, assegurando-se: "Não, não é verdade. Tem de haver alguma razão por que isto aconteceu a ele e não a mim."

Vemos esta psicologia em ação em todo lugar, culpando a vítima para que o mal não pareça tão irracional e ameaçador. Se os judeus tivessem se comportado diversamente, Hitler não os teria assassinado. Se a jovem não estivesse com um vestido tão provocante, o homem não teria atacado. Se as pessoas trabalhassem mais arduamente, não seriam pobres. Se a sociedade não tripudiasse sobre os pobres com anúncios de coisas que eles não podem adquirir, eles não roubariam. Censurar a vítima é uma maneira de assegurarmos a nós mesmos que o mundo é melhor do que parece e que ninguém sofre sem que haja uma boa razão. Ajuda os afortunados a considerar sua fortuna como merecida, e não simplesmente uma questão de sorte. Faz com que todos se sintam melhor — à exceção da vítima, que passa a sofrer em dobro com a condenação social acrescida à sua desgraça original. Esta é a posição dos amigos de Jó. Pode resolver o problema deles, mas não resolve o de Jó nem o nosso.

Jó, por seu lado, recusa-se a sustentar a construção teológica do mundo e não admite ser um vilão. Intelectualmente ele reconhece uma porção de coisas, porém num ponto está profundamente convencido. Jó tem absoluta certeza de que não é má pessoa. Pode não ser perfeito, porém não é muito pior que os outros, pelos padrões morais conhecidos, para merecer a perda da casa, dos filhos, das riquezas e da saúde, enquanto os demais continuam com todas essas coisas. E ele não está preparado para salvar a reputação de Deus.

A solução de Jó é rejeitar a proposição B, a afirmação da bondade de Deus. Jó é de fato um homem bom, porém Deus é tão poderoso que não pode ficar limitado por considerações de retidão e justiça.

Um filósofo diria da seguinte maneira: Deus pode *escolher* ser justo e dar a cada um o que ele merece, punindo o perverso e recompensando o bom. Mas podemos afirmar logicamente que um Deus onipotente *deve* ser justo? Seria Ele ainda todo-poderoso se nós, vivendo virtuosamente, pudéssemos *compeli-lo* a proteger-nos e a recompensar-nos? Não ficaria Deus reduzido a uma espécie de máquina cósmica automática, na qual inserimos o número certo de fichas e da qual conseguimos o artigo que desejamos (com a opção de chutar e xingar a máquina se ela não nos fornecer aquilo por que pagamos)? Diz-se que um antigo sábio se alegrava no mundo de injustiça pelo seguinte raciocínio: "Eu faço a vontade de Deus por amor para com Ele e não por meu interesse." Isto é, ele podia seguir uma moral e ser obediente em razão de seu amor absoluto por Deus, sem qualquer cálculo de que as pessoas obedientes serão recompensadas com bens materiais. Podia amar a Deus, ainda que Deus não o amasse em troca. O problema com semelhante resposta é que ela promove a justiça e retidão e ao mesmo tempo celebra a Deus por ser tão grande que se encontra além dos limites da justiça e da retidão.

Para Jó, Deus está além das noções de retidão; é tão poderoso que as regras morais não se aplicam a Ele. Deus se apresenta como um potentado oriental, com incontestável poder sobre a vida e os bens de seus súditos. E, de fato, a antiga fábula de Jó descreve a Deus exatamente dessa maneira: uma divindade que atormenta Jó sem qualquer escrúpulo moral a fim de testar sua lealdade e que pensa ter "acertado as contas" com Jó ao recompensá-lo prodigamente. O Deus da fábula, uma figura cultuada por tantas gerações, assemelha-se muitíssimo a um antigo (e inseguro) rei, premiando as pessoas não por sua bondade mas por sua lealdade.

Assim, Jó deseja constantemente que exista um mediador entre ele e Deus, alguém a quem Deus tenha de se explicar. Mas quando se trata de Deus, pesarosamente ele admite, não existem regras. "Eis que arrebatou a presa! Quem O pode impedir? Quem Lhe poderá fazer: 'Que fazes?'" (Jó 9:12)

Como vê Jó sua própria miséria? Nós vivemos, diz ele, em um mundo injusto, do qual não podemos esperar equidade. Existe um Deus, mas Ele está livre dos limites da justiça e da retidão.

E que dizer do autor anônimo do livro? Qual a resposta que dá ao enigma da iniquidade da vida? Como já se sugeriu, é difícil descobrir com exatidão seu pensamento e qual a solução que tinha em mente quando se pôs a escrever o livro. Parece claro que ele ofereceu sua resposta pela boca de Deus no discurso do redemoinho, ao chegar ao clímax do livro.

Porém, o que quis dizer? Simplesmente que Jó teve de se calar ao descobrir que existia um Deus, que há realmente alguém que cuida de tudo? Mas Jó nunca duvidou disso. Foi a simpatia, a responsabilidade e a preocupação de Deus que constituíram o desfecho, e não Sua existência. A resposta é que Deus é poderoso demais para precisar explicar-Se a Jó? Mas é exatamente isto que Jó proclama através de todo o livro: Existe um Deus, e Ele é tão poderoso que não necessita ser justo. Que novo enfoque pretende o autor dar à aparição e à fala de Deus, se aquilo é tudo que Ele tem a dizer, e por que Jó se preocupa tanto com desculpas, se, afinal, Deus está de acordo com ele?

Será que Deus quer dizer, como alguns comentadores sugerem, que Ele tem outras coisas com que se preocupar, além do bem-estar de cada ser humano individualmente, quando toma decisões que afetam nossas vidas? Que, do ponto de vista do homem, as doenças e os fracassos nos negócios são o que de mais importante se possa imaginar, porém que Deus tem mais que isto em Sua mente? Semelhante afirmação equivale a dizer que a moralidade da Bíblia, com sua ênfase sobre a virtude humana e a santidade da vida individual, é irrelevante para Deus, e que a caridade, a justiça e a dignidade dos homens não se originam de Deus. Se isto fosse verdade, muitos de nós seríamos tentados a abandonar Deus para procurar e adorar a fonte de onde se originam a caridade, a justiça e a dignidade humana.

Seja-me permitido sugerir que o autor do Livro de Jó assume uma posição que não é nem a de Jó nem a de seus amigos. Ele acredita na bondade de Deus e na bondade de Jó, e não se recusa a aceitar a proposição A: que Deus é onipotente. Coisas ruins acontecem a pessoas boas neste mundo, porém não é esta a vontade de Deus. Deus gostaria que todos obtivessem o que merecem em vida, mas nem sempre Ele pode dispor dessa maneira. Forçado a escolher entre um Deus bom que não é de todo onipotente ou um Deus poderoso que não é totalmente bom, o autor do Livro de Jó opta por acreditar na bondade de Deus.

Os versos mais importantes de todo o livro talvez sejam aqueles colocados na boca de Deus na segunda metade do discurso do redemoinho, capítulo 40, versículos 9-14:

Ou tens braço como Deus?

Ou podes trovejar com a voz como Ele o faz?

Derrama as torrentes de *tua* ira,

E atenta para todo soberbo, e abate-o...

Então também eu confessarei a teu respeito

Que a tua mão direita te dá a vitória.

Penso que estes versos significam: "Se você pensa que é fácil manter o mundo em ordem e arrumado, evitar que coisas injustas aconteçam às pessoas, tente *você* fazê-lo." Deus deseja que os justos vivam vidas tranquilas e felizes, porém às vezes nem Ele mesmo consegue que isto se realize. É difícil até para Deus evitar que a crueldade e o caos recaiam sobre vítimas inocentes. Conseguiria o homem, sem Deus, melhores resultados?

O discurso continua, no capítulo 41, descrevendo a batalha de Deus com Leviatã, a serpente do mar. Com grande esforço, Deus a prende em uma rede e a fiska com anzóis, porém não é fácil. Se a serpente do mar é o símbolo do caos e do mal, de todas as coisas incontroláveis no mundo (como tradicionalmente o é na mitologia antiga), o autor pode estar dizendo aí que até mesmo Deus tem dificuldade em manter o caos sob controle e limitar os danos que o mal pode fazer.

Os inocentes sofrem desgraças nesta vida. Acontecem-lhes coisas muito piores do que merecem — perdem seus empregos, adoecem, seus filhos sofrem ou fazem-nos sofrer. Todavia, quando isto ocorre, não significa que Deus os esteja punindo por algo errado que fizeram. As desgraças não provêm, absolutamente, de Deus.

Talvez se tenha uma sensação de perda ao chegar a semelhante conclusão. De certa forma, é confortador crer em um Deus onisciente e onipotente que nos assegura tratamento justo e um final feliz, que nos garante que tudo acontece por alguma razão, embora a vida fosse mais fácil se pudéssemos acreditar que nossos pais, suficientemente sábios, sabem o que fazem e são fortes o bastante para fazer tudo voltar ao normal. Isto seria reconfortante, porém da maneira como o era a religião dos amigos de Jó: só funcionaria enquanto não levássemos a sério os problemas das vítimas inocentes. Depois de encontrarmos Jó, depois de *vermos* Jó, não daria mais para acreditar neste tipo de Deus sem abdicar do nosso direito de sentir raiva, de sentir que fomos maltratados pela vida.

Observando-se sob este ângulo, ficamos um tanto aliviados ao chegar à conclusão de que Deus não está nos maltratando. Se Deus é um Deus de justiça e não de força, então Ele pode permanecer ainda ao nosso lado quando coisas ruins nos acontecem. Ele sabe que somos bons e honestos e que merecemos algo melhor. Nossas desgraças não são obra Sua, e podemos voltar-nos para Ele em busca de ajuda. Nossa interpelação não será a de Jó — "Deus, por que fazes isto comigo?" — mas: "Deus, vê o que está acontecendo comigo. Podes ajudar-me?" Recorreremos a Deus não em busca de julgamento ou perdão, não à procura de recompensa ou punição, mas para sermos fortalecidos e confortados.

Se tivermos crescido, como o foram Jó e seus amigos, acreditando em um Deus onividente, onisciente e onipotente, será difícil para nós, como para eles também foi, mudar nossa maneira de pensar sobre Ele (da mesma forma que não foi fácil, quando éramos crianças, constatar que nossos pais não eram onipotentes, que um brinquedo quebrado tinha de ser jogado fora porque eles *não podiam* consertá-lo, embora quisessem fazê-lo). Porém, se pudermos nos persuadir de que há situações que fogem ao controle de Deus, muitas coisas boas se tornarão possíveis.

Seremos capazes de recorrer a Deus e pedir-lhe a ajuda que está ao seu alcance nos proporcionar, em vez de alimentarmos expectativas irrealísticas que Ele jamais transformará em realidade. A Bíblia, afinal, fala repetidamente de Deus como o maior protetor do pobre, da viúva e do órfão, sem discutir as razões pelas quais eles se tornaram pobre, viúva ou órfão.

É possível conservar nosso auto-respeito e nosso sentimento de bondade sem ter que pensar que Deus nos julgou e nos condenou. A raiva que sentimos pelo que nos aconteceu não implica em sentir raiva de Deus. Mais que isto, podemos reconhecer nossa raiva pela injustiça da vida, nossa compaixão instintiva pelo sofrimento humano, como provenientes de Deus que nos ensina a odiar a injustiça e a sentir compaixão pelo aflito. Em vez de nos sentirmos do lado contrário ao de Deus, sabemos que nossa indignação é a ira de Deus pela injustiça de que somos vítimas e que, quando choramos, continuamos junto a Deus e Ele continua junto a nós.

CAPÍTULO 3

Nem sempre existe uma razão

"Se os males que nos afligem são ocasionados pela falta de sorte, e não pela vontade de Deus", perguntou-me uma mulher ao término da palestra que proferi sobre a minha teologia, "o que é que faz a falta de sorte acontecer?" Hesitei em responder. Minha resposta instintiva seria dizer que o azar não precisa de nada para acontecer; ele simplesmente acontece. Suspeitei, porém, que o problema não era tão simples assim.

Talvez esta ideia filosófica seja a chave para tudo o mais que eu sugiro neste livro. Será que somos capazes de aceitar a ideia de que há fatos que surgem sem qualquer razão, de que no universo existem circunstâncias fortuitas? Nem todos conseguem conviver com essa ideia. Muitos buscam nexos causais, lutam desesperadamente para dar sentido a tudo que ocorre. Preferem convencer-se de que Deus é cruel ou de que eles são pecadores a aceitar a casualidade. Por vezes, depois de darem sentido a noventa por cento de tudo o que sabem, partem para a suposição de que os outros dez por cento também fazem sentido, só que além do alcance de seu entendimento. Por que tudo tem de ser razoável? Por que a exigência de uma razão específica para tudo? Por que não deixar o universo com algumas poucas arestas?

Posso entender mais ou menos por que a mente de alguém de repente se funde, e o indivíduo, de arma em punho, vai para a rua disparar contra estranhos. Pode ser um veterano do exército, perseguido pelas lembranças das cenas que viu ou de que participou em combate. Talvez tenha experimentado, em casa, ou no trabalho, frustração e rejeição além da sua capacidade de suportar. Teria sido tratado como um "joão-ninguém", como alguém que não devia ser levado a sério, até que seu furor explodiu e veio a decisão: "Vou mostrar-lhes que eu valho alguma coisa."

Pegar uma arma e atirar em pessoas inocentes é um comportamento irracional e ilógico, mas dá para entender. Mas não posso compreender por que razão Maria tinha que passar por aquela rua naquele exato momento, enquanto o Sr. João, sem mais nem menos, resolveu entrar em uma loja e assim salvou a própria vida. O que foi que levou o Sr. Pedro a atravessar a rua, formando um alvo perfeito para o atirador enlouquecido, enquanto o Sr. Artur, que só tomava uma xícara de café pela manhã, resolveu saborear uma segunda xícara aquele dia, tendo por isto a sorte de estar ainda em casa na hora que o tiroteio começou? As vidas de dezenas de pessoas costumam ser afetadas por decisões dessa natureza, triviais e sem qualquer planejamento.

Eu entendo que o calor, o tempo seco e semanas sem chuva aumentem o perigo de fogo nas matas, de modo que uma centelha, um fósforo ou mesmo a luz solar sobre um pedaço de vidro façam arder uma floresta. Que o curso desse fogo seja determinado, entre outras coisas, pela direção em que o vento sopra

também entendo. Mas qual a explicação racional para a combinação entre o vento e o tempo, em determinado dia, no sentido de dirigir o fogo da mata contra certas casas em vez de outras, encurralando uns e poupando outros moradores? Ou é apenas uma questão de pura sorte?

Quando um homem e uma mulher fazem amor, o homem ejacula dezenas de milhões de espermatozoides, cada um deles portador de um conjunto ligeiramente diferenciado de características biologicamente herdadas. Nenhuma inteligência moral decide qual deles penetrará o óvulo que espera ser fertilizado. Alguns dos espermatozoides farão com que a criança nasça com deficiências físicas, talvez com uma doença fatal. Outros lhe darão não apenas boa saúde, senão também uma habilidade superior atlética ou musical, ou uma inteligência criadora. A vida da criança será moldada em seu todo e as vidas dos pais e parentes profundamente afetadas pela determinação casual daquela corrida.

Por vezes, muito mais vidas podem ser afetadas. Robert e Suzanne Massie, pais de um garoto hemofílico, procederam como a maioria dos pais com crianças aflitas procedem. Leram tudo o que puderam sobre o mal de seu filho. Descobriram que o filho único do último Czar da Rússia era hemofílico, e Robert, em seu livro *Nicolau e Alexandra*, especula se a doença da criança — resultado da união casual do espermatozoide "errado" com o óvulo "errado" — não poderia ter afetado a capacidade de governo dos transtornados pais e, assim, ensejado a Revolução Bolchevique. Ele sugere que a nação mais populosa da Europa possa ter mudado sua forma de governo, com profunda influência sobre os povos neste século, por causa de uma ocorrência genética fortuita.

Há quem veja a mão de Deus atrás de tudo o que acontece. Visito no hospital uma mulher, cujo carro foi abalroado por um motorista bêbado que avançou o sinal. O carro foi totalmente destruído, porém ela escapou milagrosamente com apenas duas costelas quebradas e alguns cortes superficiais provocados pelos estilhaços dos vidros. A mulher olha para mim de seu leito e diz: "Agora sei que Deus existe. Se consegui ficar viva e inteira, só pode ser porque Ele estava olhando por mim." Sorrindo, mantenho-me quieto por algum tempo, correndo o risco de deixá-la acreditar que concordava (que rabino se oporia à fé em Deus?), porque não era hora nem lugar para um seminário de teologia. Mas minha mente se volta para o funeral, que officiei duas semanas antes, de um jovem esposo e pai morto numa colisão igualmente provocada por um motorista bêbado; e recorro-me de um outro caso, o de uma criança que morreu enquanto patinava, atropelada por um motorista que não a socorreu; e de todas as notícias dos jornais sobre vidas ceifadas em desastres automobilísticos. A mulher à minha frente acredita que Deus quis que ela sobrevivesse e por isso foi salva, e eu não estou propenso a falar disso, mas que deveríamos, eu e ela, dizer daquelas outras famílias? Que eram menos valiosas, que contavam menos aos olhos de Deus? Ou que Deus queria que elas morressem naquele momento e daquela maneira e, portanto, decidi não poupá-las?

Estão lembrados de nossa discussão, no Capítulo 1, sobre *a. Ponte de San Luís Rey*, de Thornton Wilder? Quando cinco pessoas se precipitam para a morte, Frei Junípero investiga e constata que as cinco tinham acabado de " pôr as coisas em ordem" em sua vida. Ele é então tentado a concluir que a ruptura da ponte de corda não foi um acidente, senão um aspecto da providência divina. Não existem acidentes. Quando as leis da física ou a fadiga do metal fazem com que a asa de um avião se parta, ou quando falha humana provoca a parada de um motor, e a aeronave cai, matando 200 passageiros, era vontade de Deus que tais pessoas estivessem aquele dia no aparelho condenado? E se o passageiro de número 201 tivesse tido problemas com um pneu furado a caminho do aeroporto e perdesse o avião, resmungando e maldizendo sua sorte ao ver o aparelho decolar sem ele, seria a vontade de Deus que ele vivesse enquanto os outros morriam? Se assim fosse, só me restaria interrogar-me sobre que tipo de mensagem Deus nos estaria enviando com Seus atos aparentemente arbitrários de condenação e salvação.

Quando Martin Luther King Jr. foi morto, em abril de 1968, comentou-se muito o fato de ele ter atingido seu apogeu como líder negro. Muitos fizeram alusão ao discurso que ele pronunciou na véspera de sua morte, no qual disse que, como Moisés, "tinha estado no alto da montanha e visto a Terra Prometida", o que implicava que, como Moisés, ele morreria antes de alcançá-la. Em vez de aceitar sua morte como uma tragédia sem sentido, muitos, como o Frei Junípero de Wilder, preferiram pensar que Deus levou Martin Luther King no momento exato, poupando-lhe a agonia de viver o resto de seus dias como um profeta "ultrapassado" e rejeitado. Nunca pude aceitar essa linha de raciocínio. Prefiro pensar que Deus está mais preocupado com dezenas de milhões de negros, homens, mulheres e crianças, do que com o ego de um único líder negro. Seria problemático explicar de que maneira os negros estariam melhor depois da morte do Dr. King. Não é melhor reconhecer que o assassinio é uma afronta a Deus, exatamente como o é para nós, e um desvio dos propósitos divinos, em vez de forçar a imaginação para encontrar evidências do dedo de Deus num gatilho assassino?

Os soldados em combate disparam suas armas contra inimigos anônimos e sem face. Sabem que não devem distrair-se com a ideia de que o soldado do outro lado possa ser alguém agradável e decente, com uma

família carinhosa e uma carreira promissora a esperá-lo na volta. E compreendem que uma bala perdida não tem consciência, que um tiro de morteiro não discrimina entre a tragédia que representarão a morte de uns e o sequer notado desaparecimento de outros. É por isto que os soldados encaram com certo fatalismo as suas possibilidades, dando nome aos destinatários dos projéteis ou dizendo ser chegada a sua vez, sem pensar se *merecem* morrer ou não. Também por esta razão o Exército não envia para as frentes de combate os filhos únicos de uma família desolada, porque entende que não é o caso de confiar em Deus para que tudo corra bem. A Bíblia há muito já ordenava que voltasse para casa todo soldado recém-casado ou que tivesse construído uma nova casa, para que não morresse em batalha sem tê-los desfrutado. Os antigos israelitas, não obstante toda sua fé em Deus, sabiam que não convinha depender de Deus para impor um padrão moralmente aceitável nas áreas onde as setas caíam.

Examinemos novamente a questão: Existe sempre um motivo, ou algumas coisas acontecem ao acaso, sem qualquer razão?

"No princípio", a Bíblia nos diz, "Deus criou o céu e a terra. A terra, porém, era sem forma e vazia, e havia trevas sobre a face do abismo." Então Deus começou a trabalhar criativamente sobre o caos, tirando as coisas, impondo ordem onde antes reinava o acaso. Ele separou a luz das trevas, a terra do céu, a terra seca do mar. Este o significado de criar: não é extrair alguma coisa do nada, porém colocar ordem no caos. Um cientista ou historiador criativo não constrói fatos — apenas ordena os fatos; ele os vê interligados, não como apresentados ao acaso. Um escritor criativo não forma palavras novas, mas dispõe as palavras comuns em padrões que nos dizem algo de novo.

Assim se dava com Deus, moldando um mundo cujo princípio dominante deveria, ao contrário do caos do começo, ser a ordem e a previsibilidade: auroras e ocasos regulares, marés regulares, plantas e animais portando sementes dentro de si para que possam reproduzir-se, cada um à sua maneira. Ao término do sexto dia Deus completou o mundo que se propusera fazer, e no sétimo dia Ele descansou.

Mas suponhamos que Deus não tenha encerrado de todo sua obra ao expirar-se o prazo da noite do sexto dia. Sabemos hoje que o mundo levou bilhões de anos para tomar forma, não seis dias. A história da Criação no Gênesis é muito importante e tem muito a nos dizer, mas sua moldura temporal de seis dias não deve ser tomada literalmente. Admitamos que a Criação, o processo de colocar ordem no caos, ainda esteja em andamento. Qual o significado disto? Na metáfora bíblica dos seis dias da Criação, nós nos situaríamos hoje no meio da tarde de sexta-feira. O homem foi criado há apenas algumas "horas". O mundo é, em sua maior parte, um lugar ordenado e previsível, mostrando amplas evidências da perfeição e do trabalho manual de Deus. Todavia, subsistem bolsões de caos. Na maior parte do tempo, os eventos do universo seguem leis naturais firmes. Mas, a cada momento, surgem coisas não propriamente contrárias àquelas leis, senão fora delas. As coisas tanto acontecem de uma forma como poderiam ocorrer de maneira diferente.

No momento em que escrevo, os noticiários informam de um violento furacão no Caribe. Os meteorologistas não podem ainda prever se atingirá sua força máxima em alto-mar ou sobre as áreas populosas da costa do Texas e da Louisiana, nos Estados Unidos. A mente bíblica viu o terremoto que destruiu Sodoma e Gomorra como uma punição divina às depravações dos habitantes daquelas cidades. Alguns pensadores medievais e da era vitoriana viram na erupção do Vesúvio e na destruição de Pompeia uma maneira de acabar com a imoralidade imperante naquela sociedade. Mesmo hoje em dia, os terremotos da Califórnia são interpretados por alguns como expressão do desagrado divino diante dos supostos excessos homossexuais de San Francisco ou dos desmandos heterossexuais de Los Angeles. Contudo, de um modo geral vemos hoje um furacão, um terremoto, um vulcão como algo que não tem consciência. De minha parte, não ousaria predizer o rumo de um furacão com base em comunidades que mereçam ser castigadas ou que mereçam ser poupadas.

Uma mudança de direção do vento ou o deslocamento de uma camada tectônica podem fazer com que um furacão ou um terremoto se movam em direção a uma área populosa, desviando-se de uma faixa de terra desabitada. Por quê? Uma mudança aleatória nos padrões do tempo provoca muita ou pouca chuva sobre determinada região agrícola, destruindo a safra de um ano. Um motorista bêbado joga seu carro na contramão e colide com o Ford verde a alguns metros de distância do Volkswagen vermelho. O motor do avião do voo 205, em vez daquele do voo 209, entra em pane, infligindo uma tragédia a um grupo de famílias e não a outro. Não há qualquer mensagem em tudo isto. Não há razão especial para que uns e não outros sucumbam à desgraça. Esses eventos não refletem escolhas de Deus. Eles ocorrem ao acaso, e a casualidade é outro nome para o caos, naqueles cantos do universo onde a luz criativa de Deus ainda não penetrou. E o caos é mau. Não que seja errado ou malévolo; não obstante, ele é mau, por provocar tragédias ao acaso e, assim, impedir as pessoas de crerem na bondade de Deus.

Certa vez, perguntei a um amigo, físico renomado, se, do ponto de vista científico, o mundo estava se tornando um lugar mais ordenado, se a aleatoriedade estava crescendo ou diminuindo com o tempo. Em

resposta, ele citou a segunda lei da termodinâmica, a lei da entropia: Todo sistema se modifica de modo a aproximar-se do equilíbrio. Explicou que isto significava que o mundo estava mudando no sentido de maior aleatoriedade. Tome-se o caso de um grupo de seixos em um vaso, cuidadosamente dispostos por tamanho e cor. Quanto mais se agita o vaso, mais o arranjo inicial cede lugar ao acaso na distribuição, até ser pura coincidência encontrar-se um seixo junto a outro da mesma cor. Isto, disse ele, é o que está acontecendo com o mundo. Um furacão pode virar para o mar, poupando as cidades costeiras, mas seria um erro ver aí qualquer evidência de padrão ou de propósito. No decurso do tempo, alguns furacões soprarão ao largo, sem provocar danos, enquanto outros apontarão contra áreas populosas, causando devastações. Por mais que se mapeiem tais fenômenos, nunca se chegará a um padrão previsível.

Disse-lhe que esperava uma resposta diferente. Esperava por um equivalente científico do primeiro capítulo da Bíblia, assegurando-me que, à passagem de cada "dia", o reino do caos diminuía e mais o universo se submetia à regra da ordem. Ele então observou que talvez me fizesse sentir melhor saber que Albert Einstein tinha o mesmo problema. Einstein não se conformava com a física do quantum e durante anos tentou desautorizá-la, porque baseada na hipótese de que as coisas surgem do acaso. Einstein preferia acreditar que "Deus não joga dados com o cosmos."

Talvez Einstein e o Livro do Gênesis estejam certos. Um sistema *abandonado a si mesmo* pode evoluir na direção da aleatoriedade. Por outro lado, nosso mundo talvez não seja um sistema abandonado a si mesmo. Pode ser que de fato um impulso criativo atue sobre ele, o Espírito de Deus que pairava sobre as águas escuras, operando no decorrer dos milênios para dar ordem ao caos. E como a "tarde de sexta-feira" da evolução do mundo se dirige para o Grande Sábado que é o Fim dos Dias, talvez o impacto do mal fortuito seja diminuído.

Ou talvez Deus tenha completado sua obra ao criar éons, deixando o resto conosco. O caos residual, a sorte e o azar, coisas que acontecem sem razão, continuarão conosco — o tipo de mal que Milton Steinberg chamou de "andaimes ainda não removidos do edifício da criatividade de Deus". Nesse caso, teremos simplesmente de aprender a conviver com ele, sustentados e confortados pelo conhecimento de que o terremoto e o acidente, como o assassinato e o roubo, não são da vontade de Deus, mas representam aquele aspecto da realidade que a despeito dela subsiste, e que angustia e entristece a Deus da mesma forma que nos angustia e nos entristece.

CAPÍTULO 4

Não há exceção para os bons

Há a história do garoto que havia acabado de chegar em casa depois de ter estudado, na Escola Dominical, a história bíblica da passagem do Mar Vermelho. Sua mãe perguntou-lhe o que aprendera em aula, e ele narrou-lhe: "Os israelitas saíram do Egito, mas foram perseguidos pelo Faraó e seu exército. Eles chegaram ao Mar Vermelho e não podiam atravessá-lo. O exército egípcio aproximava-se cada vez mais. Moisés, então, usou seu *walkie-talkie*, a força aérea de Israel veio bombardear os egípcios, e a marinha de Israel construiu uma ponte móvel para que o povo pudesse atravessar." A mãe ficou chocada. "Foi assim que lhe ensinaram a história?" "Não foi bem assim", o garoto admitiu, "mas se eu contasse da maneira que me contaram, você nunca iria acreditar."

Séculos atrás, as pessoas costumavam ver nas histórias de milagres uma tranquilizadora comprovação da existência de Deus. Elas contavam como Deus dividiu o mar para que os israelitas pudessem atravessá-lo sem molhar os pés. Narravam histórias como a da chuva enviada por Deus em resposta às preces de um homem justo, ou histórias sobre rios que refluíam em seu leito, ou sobre o sol movendo-se para trás em seu trajeto. Relembavam Daniel saindo ileso da cova dos leões, e Sadraque, Misaque e Abednego sobrevivendo ao calor da fornalha. O importante em todas essas histórias era provar que Deus se preocupava tanto conosco que até Se permitia suspender as leis da natureza para apoiar e proteger Seus favoritos.

Hoje, contudo, agimos como o garoto da história da Escola Dominical. Ouvimos essas histórias e nos mantemos céticos. Quando muito, damos por uma prova de Deus precisamente o fato de as leis da natureza não mudarem. Deus nos deu um mundo maravilhoso, preciso e ordenado. Uma das coisas que torna este mundo habitável é que as leis da natureza são precisas e confiáveis, funcionando sempre da mesma maneira. Existe a gravidade: objetos pesados sempre caem em direção à terra, de modo que um construtor pode edificar uma casa sem que o material flutue ou se desloque para os lados. Temos a química: misturando-se certos elementos nas proporções certas obtém-se sempre o mesmo resultado, de forma que um médico pode prescrever um remédio sabendo o que vai acontecer. É possível prever a que horas o sol nascerá e se porá em determinado dia. Podemos até saber quando a lua bloqueará o sol para determinadas regiões, provocando eclipses. Para os antigos, a eclipse era um evento fora do normal, interpretado como um aviso divino. Para nós é um evento perfeitamente natural, um lembrete de quão preciso é o mundo que Deus nos legou.

Nossos corpos humanos são milagres, não porque desafiam leis da natureza, mas porque obedecem a elas. Nosso sistema digestivo extrai nutrientes do alimento. Nossa pele ajuda a regular a temperatura do corpo pela perspiração. As pupilas de nossos olhos se expandem e contraem com a luz. Mesmo quando adoecemos, nossos corpos têm mecanismos de defesa internos para combater a doença. Todas essas coisas maravilhosas acontecem, normalmente sem que delas tenhamos consciência, na mais estrita conformidade com as leis da natureza. Este, e não a lendária divisão do Mar Vermelho, é o verdadeiro milagre.

Mas o caráter imutável dessas leis, que torna a medicina e a astronomia possíveis, também causa problemas. A gravidade faz os objetos caírem. Por vezes eles caem sobre as pessoas e as machucam. Outras vezes a gravidade faz as pessoas deslizarem das montanhas ou se precipitarem das janelas. As vezes a gravidade faz as pessoas escorregarem no gelo ou afundarem-se na água. Não podemos viver sem a gravidade, mas isto significa que temos de conviver com os perigos que ela acarreta.

As leis da natureza ameaçam igualmente a todos. Elas não abrem exceção para as pessoas boas ou para as pessoas úteis. Se um homem entra em uma casa onde alguém tem uma doença contagiosa, ele corre o risco de pegar aquela doença. Não faz diferença o porquê de ele se encontrar na casa. Se Lee Harvey Oswald dispara contra o Presidente John Kennedy, as leis da natureza são seguidas desde o momento em que o gatilho é acionado. Nem a trajetória da bala nem a gravidade da ferida dependem da questão de o Presidente Kennedy ser ou não uma boa pessoa ou de o mundo ficar melhor ou pior sem ele vivo.

As leis da natureza não abrem exceções para os bons. Uma bala não tem consciência; nem a têm um tumor maligno ou um carro fora de controle. É por isso que as pessoas boas adoecem ou se ferem tanto quanto as outras. Não importa as histórias que aprendemos sobre Daniel ou Jonas na Escola Dominical, Deus não interfere nas leis da natureza a fim de proteger o justo do mal. Este é outro setor do mundo, que faz coisas ruins acontecerem a pessoas boas, e Deus nem as provoca nem as faz cessar.

Na verdade, como poderíamos viver aqui neste mundo se Ele interferisse? Suponhamos, apenas para argumentar, que Deus estivesse determinado a não permitir que os males atingissem a gente piedosa. Se alguém disparasse contra o presidente, por melhor que fosse a pontaria, Deus desviaria a bala do alvo. Caso a asa do avião presidencial se partisse, Deus o faria aterrissar a salvo. Acaso viveríamos num mundo melhor se os favoritos de Deus ficassem imunes às leis da natureza, enquanto o resto teria que se arranjar por conta própria? Admitamos, novamente com a finalidade de argumentação, que eu seja uma dessas pessoas justas às quais Deus livra das mazelas, porque, observante da lei e caritativo, tenho uma família jovem e passo minha vida ajudando os outros. Que significaria isto? Que eu poderia sair em mangas de camisa no tempo frio sem ficar doente, porque Deus impediria que os elementos da natureza me fizessem mal? Que eu poderia atravessar as ruas com sinal fechado em um trânsito pesado sem me machucar? Ou, ainda, que eu poderia saltar da janela de um edifício, porque o elevador demora muito, sem nada me acontecer? Um mundo em que os bons sofrem dos mesmos perigos naturais que os outros traz problemas. Contudo, um mundo em que os bons fossem imunes àquelas leis traria problemas ainda maiores.

As companhias de seguro referem-se aos terremotos, furacões e outros desastres naturais como "atos de Deus". Eu acho que este é um dos casos em que se usa o nome de Deus em vão. Não acredito que um terremoto que, sem razão, faz milhares de vítimas inocentes seja um ato de Deus. É um ato da natureza. A natureza é cega moralmente, sem valores. Ela vai em frente, seguindo suas próprias leis, pouco se importando com quem ou com o quê encontra no seu caminho. Deus, porém, não é moralmente cego. Eu não poderia cultuá-lo se pensasse que Ele é. Deus está do lado da justiça, da equidade, da compaixão. Para mim, um terremoto não é um "ato de Deus". Ato de Deus é a coragem das pessoas na reconstrução de suas vidas depois de um terremoto e a solidariedade dos demais que as ajudam naquilo que podem.

Se uma ponte cai, se uma represa se rompe, se a asa de um avião se parte e pessoas morrem, não posso ver nisso a mão de Deus. Não consigo acreditar que Deus deseje a morte de todas aquelas pessoas naquele momento, ou que queira que algumas delas morram e então, por falta de escolha, leve as outras de roldão. Acho que essas calamidades todas são atos da natureza e que não há qualquer razão moral para determinadas vítimas serem designadas para a punição. Talvez, aplicando a dádiva divina da inteligência ao estudo dos desastres naturais, os homens possam um dia ser capazes de entender os processos físicos que estão por trás dos terremotos, dos furacões e da fadiga do metal, e aprender a antecipá-los e até mesmo preveni-los. Quando e se isto acontecer, bem poucos inocentes sucumbirão vítimas dos chamados "atos de Deus".

Não sei por que uma pessoa fica doente e outra não, mas suponho que algumas leis naturais que ignoramos estão em ação. Não consigo aceitar a ideia da doença "enviada" por Deus a alguém em especial por uma razão determinada. Não acredito que Deus tenha semanalmente uma quota de tumores malignos a distribuir ou que consulte Seu computador para saber quem merece mais ou quem pode suportar melhor. "Que fiz eu para merecer isto?" é um grito compreensível da parte de um enfermo ou de um sofredor, porém a pergunta está realmente mal formulada. Ficar doente ou ter saúde não é decidido por Deus conforme nosso

merecimento. A formulação melhor é: "Se isto me aconteceu, que faço eu agora e quem está aí para me ajudar?" Como vimos no capítulo anterior, torna-se muito mais fácil levar Deus a sério como uma fonte de valores morais quando não o responsabilizamos por todas as injustiças que existem no mundo.

Mas talvez devêssemos formular nossa questão de modo diferente. Em vez de perguntarmos por que os bons sofrem pelas mesmas leis da natureza que fazem os perversos sofrerem, seria melhor indagar por que todos, de modo geral, têm de sofrer. Por que as pessoas têm de ficar doentes? Por que a gente tem de sentir dor? Por que temos de morrer? Se Deus projetou um mundo para o nosso máximo benefício, não devia

Ele criar também leis imutáveis da natureza que jamais provocassem dano em ninguém, bons ou maus?

— Santo Deus, quanta reverência não se deve ter por um Ser Supremo que julgou necessário incluir a queda dos dentes em Seu sistema divino de criação? Por que criou Ele a dor no mundo?

— Dor? — a esposa do Tenente Shiesskopf como que segurou a palavra vitoriosamente. — A dor é um sintoma útil. A dor serve de aviso para os perigos que ameaçam nossos corpos.

— E quem criou os perigos? — perguntou Yossarian. — Por que Ele não usou uma campanha para nos informar, ou um de Seus mensageiros celestiais? Ou, então, por que não um sistema de lâmpadas de néon azul e vermelho bem no meio da testa da gente?

— As pessoas certamente pareceriam idiotas caminhando com lâmpadas de néon no meio da testa.

— E com certeza são lindas contorcendo-se em agonia, não acha?

(Joseph Heller, *Catch-22*)

Por que sentimos dor? Aproximadamente um em cada 400 mil bebês que nascem é destinado a viver uma vida curta e lastimável que nenhum de nós invejaria, uma vida em que ele com frequência se agredirá, por vezes seriamente e sem o saber. Esta criança tem uma doença genética rara conhecida como desautonomia familiar. Ela não pode sentir dor. Tal criança se cortará, se queimará, cairá e quebrará algum osso e não tem nunca como saber que algo está errado. Não sentirá dores de garganta ou cólicas intestinais, e seus pais só saberão que ela está doente quando for tarde demais.

Qual de nós gostaria de viver assim, sem sentir dor? Trata-se de uma parte desagradável porém necessária do viver humano. Joseph Heller pode ter feito seu herói Yossarian divertir-se com a discussão, mas o fato é que a dor é a maneira pela qual a natureza nos diz que estamos sendo superpressionados, que alguma parte de nosso corpo ou não está funcionando como deveria, ou que dela se está exigindo mais do que pode dar. Pense nos casos que leu sobre atletas que encerraram prematuramente suas carreiras, algumas vezes tornando-se paráliticos para sempre, porque se forçaram em demasia para ignorar a dor ou usaram drogas que faziam cessar seu impacto sem eliminar a causa. Pense nas pessoas que foram levadas às pressas para as unidades hospitalares de emergência por ignorarem os avisos de pequenas dores, pensando que logo passariam.

Sentimos dor quando forçamos nossos músculos além do que eles podem suportar. Sentimos dor para termos tempo de afastar nossa mão de alguma coisa quente antes de nos queimarmos seriamente. Sentimos dor como um sinal de que algo está errado nesta máquina maravilhosamente complicada que é nosso corpo. Podemos erradamente pensar na dor como uma das maneiras de Deus nos punir, lembrando-nos talvez de como nossos pais nos batiam quando éramos crianças, talvez acreditando que todas as coisas desagradáveis que surgem em nosso caminho são castigos. Mas a dor não é um castigo divino. É o meio de que dispõe a natureza para avisar a bons e maus que algo não vai bem. A vida pode ser desagradável porque estamos sujeitos à dor. Alguém já disse que um homem com dor de dente caminhando por uma floresta não pode apreciar a beleza da vegetação porque os dentes lhe doem. Todavia, a vida seria perigosa, talvez impraticável, se não pudéssemos sentir dor.

Porém este tipo de dor — um osso quebrado, o forno quente — é uma resposta ainda ao nível animal. Os animais sentem este mesmo tipo de dor que sentimos. Não é necessário ter uma alma para sentir dor quando um objeto agudo penetra na carne viva. Existe, contudo, um outro nível de dor que só os seres humanos podem sentir. Somente os seres humanos podem encontrar sentido para sua dor.

Consideremos o seguinte: os cientistas descobriram meios de medir a intensidade da dor que sentimos. Eles podem medir o fato de uma enxaqueca incomodar mais que um joelho esfolado. E determinaram que duas das experiências humanas mais dolorosas são os trabalhos do parto e os cálculos renais. De um ponto de vista puramente físico, esses dois acontecimentos incomodam do mesmo modo, e dificilmente qualquer outro incomoda mais. No entanto, do ponto de vista humano, os dois são muito diferentes. A dor de um cálculo renal é simplesmente uma dor estúpida, resultado de uma disfunção natural em alguma parte de nosso corpo. Já a dor dos trabalhos do parto é uma dor criativa. É uma dor que tem sentido, uma dor que dá vida, uma dor que conduz a um resultado positivo. Por isso, uma pessoa que passou pela experiência de um cálculo renal geralmente diz: "Daria qualquer coisa para não passar por isso novamente", enquanto a mulher

que deu à luz uma criança, como o corredor ou o alpinista que tirou o máximo de seu corpo para alcançar a meta proposta, pode transcender sua dor e acariciar a ideia de repetir a experiência.

A dor é o preço que pagamos por estarmos vivos. As células mortas — nossos cabelos, nossas unhas — não podem sentir dor, não podem sentir qualquer coisa. Quando entendemos isto, nossa questão muda de "por que temos de sentir dor?" para "que fazer com nossa dor para que ela tenha sentido e não seja um sofrimento vazio?" "Como transformar todas as experiências dolorosas de nossas vidas em trabalhos de parto ou em dores de crescimento?" Podemos até não entender por que sofremos ou não ser capazes de controlar as forças que causam nosso sofrimento, mas muito podemos dizer sobre o que o sofrimento faz por nós e que tipo de pessoas nos tornamos por causa dele. A dor traz inveja e amargura a certas pessoas. E faz outras sensíveis e compassivas. É o efeito e não a causa da dor que dá sentido a algumas experiências dolorosas, enquanto torna outras vazias e destrutivas.

Por que Deus criou um mundo em que existem doenças e moléstias? Não sei por que as pessoas caem doentes, algumas vezes de maneira fatal. Sei que as doenças são causadas por germes e vírus (ou, pelo menos, como nunca vi um germe ou um vírus, aceito este fato como verdadeiro, dando um crédito a meus médicos, pessoas honradas que não têm razões para me enganar). Suspeito que as pessoas ficam doentes quando se sentem deprimidas, rejeitadas e não conseguem olhar para a frente, para um futuro imediato. Sei que as pessoas se recuperam de uma doença com maior rapidez quando percebem que outros se preocupam por elas e quando têm algum objetivo a alcançar pela frente. No entanto, falta-me uma boa resposta à questão da tão grande vulnerabilidade de nossos corpos a germes e vírus, assim como a tumores malignos. Compreendo que as células de que nossos corpos se compõem estão constantemente morrendo e sendo substituídas. Isto nos permite crescer e engordar, assim como substituir por uma nova a pele crestada ou queimada. Compreendo que, quando presenças estranhas invadem nosso organismo, mobilizamos nossas defesas para combatê-las, e que essa mobilização em geral eleva a temperatura do corpo e nos torna febris. Compreendo que, para serem flexíveis e leves o suficiente para que possamos andar, nossos ossos têm de ser frágeis o bastante para quebrar-se sob forte tensão. Para um jovem, é indiscritivelmente trágico ficar paralítico por causa de uma lesão da espinha dorsal em um acidente de que não teve culpa, mas pelo menos seguem-se leis da natureza que fazem sentido. À medida que aprendemos mais acerca do funcionamento do nosso organismo, que entendemos melhor as leis da natureza inseridas no mundo, começamos a obter algumas respostas. Passamos a saber que não se pode abusar indefinidamente de nossos corpos e negligenciar nossa saúde sem aumentar o risco de algo sair errado. Nossos organismos são muito sensíveis — fazem o que lhes pedimos que façam. Alguém que fumou dois maços de cigarros por dia durante 20 anos e que sofre de câncer pulmonar enfrenta um problema que merece nossa simpatia, mas não tem razão para se perguntar: "Por que Deus fez isto comigo?" O indivíduo que pesa bem mais do que deveria, cujo coração tem de bombear sangue através de quilômetros de células gordurosas adicionais e artérias obstruídas, pagará por esta tensão suplementar sobre seu sistema e não tem razão para se lamentar com Deus. O mesmo acontece, infelizmente, com o médico, o padre ou o político que trabalham longas horas, semanas-de-sete-dias após semana-de-sete-dias, na mais nobre das causas, esquecendo, porém, de cuidar de sua própria saúde no processo.

Por que câncer? Por que cegueira, diabetes, hipertensão e queda de rins? Por que certas coisas espontaneamente deixam de funcionar em nossos organismos sem que para isto tenhamos dado motivo através de maus hábitos de saúde? Dizer que o retardamento mental resulta de um cromossomo defeituoso é oferecer uma explicação que realmente não explica nada. Por que cromossomos se tornariam defeituosos? E por que deveria o potencial de alguém para uma vida feliz depender desse estado de coisas?

Não tenho respostas satisfatórias para essas questões. A melhor resposta que conheço é lembrar que o Homem hoje é apenas o último estágio de um longo e lento processo evolutivo. Em certa época, os únicos seres vivos no mundo eram as plantas. Depois apareceram as criaturas anfíbias; a seguir vieram os animais superiores, mais complexos, e finalmente o Homem. Já que a vida evoluiu do mais simples para o mais complexo, mantivemos e herdamos algumas das fraquezas daquelas formas primitivas. Como as plantas, nossos organismos permanecem vulneráveis às feridas e à degenerescência. Como os animais, podemos ficar doentes e morrer. Todavia, não ocorrem tragédias quando as plantas morrem, e os animais têm uma importante vantagem sobre os humanos. Se algo de errado acontece no organismo de um animal, se alguma coisa se rompe, este animal tem pouca probabilidade de acasalar-se e passar seus genes defeituosos para a geração seguinte. Desse modo, os traços menos adequados à sobrevivência desaparecem, e é provável que a próxima geração seja maior, mais forte e mais sadia.

Os seres humanos não agem dessa maneira. Um ser humano que sofre de diabetes ou herdou outros problemas de saúde, mas é uma pessoa atraente e sensível, pode casar-se e ter filhos. Ninguém lhe negaria este direito. Só que, no processo, ele colocará no mundo crianças com probabilidade acima da média de ter

organismos defeituosos.

Considere-se a seguinte sequência de acontecimentos. Em uma sala de partos, nasce um bebê com um problema cardíaco congênito ou outra doença séria qualquer, proveniente da bagagem genética dos pais, e que ameaça sua sobrevivência. Se ele morresse logo após o nascimento, seus pais iriam tristes para casa, porém não se sentiriam esmagados por uma tragédia. Ficariam deprimidos durante algum tempo, perguntando-se a razão do acontecido, mas depois o fato começaria a pertencer ao passado e eles passariam a olhar para o futuro.

Todavia, o bebê não morre. Através dos milagres da moderna medicina e da heróica devoção de enfermeiras e médicos, ele sobrevive. Cresce, muito frágil para tomar parte em esportes, porém brilhante, satisfeito e querido. Torna-se médico, professor ou poeta. Casa e tem filhos. É respeitado em sua profissão e apreciado no círculo de vizinhos e amigos. Sua família o ama, tendo aprendido a depender dele. Aí, com a idade de 35 ou 40 anos, sua frágil saúde o abandona. O coração, congenitamente fraco, que quase lhe faltou ao nascer, pára e ele morre. Então sua morte causa muito mais que alguns dias de tristeza. É uma tragédia arrasadora para a esposa e os filhos e um acontecimento profundamente entristecedor para todos que partilham de sua vida.

Poderíamos evitar muitas tragédias como esta, se deixássemos as crianças doentias morrerem após o nascimento, se nos empenhássemos menos em fazer às crianças sobreviverem às moléstias e aos riscos infantis, se permitíssemos que somente os espécimes mais saudáveis se casassem e tivessem filhos, proibindo aos outros de desfrutarem dessas alegrias. Afinal de contas, é assim que os animais agem, evitando que erros genéticos sejam transmitidos de geração em geração. Mas quem entre nós, por razões morais ou puro egoísmo, concordaria com isto?

No momento em que escrevo estas linhas, penso em um jovem de minha comunidade que está morrendo aos poucos de uma doença degenerativa, e pergunto-me se esta especulação biológica lhe daria algum consolo. Suspeito que não. A menos que desejássemos desempenhar o papel de consoladores de Jó, por que deveríamos achar que lhe pode ser útil saber que sua doença segue certas leis naturais? Será que ele se sentiria melhor sabendo que seus pais lhe transmitiram as sementes de sua terrível doença?

Quando Jó fazia perguntas a respeito de Deus, não precisava de aulas de teologia. Ele necessitava de simpatia e compaixão, e de alguém que lhe assegurasse que era um bom homem e um amigo querido. Meu vizinho coloca-me questões sobre sua doença,, e seria não entender suas necessidades se lhe respondesse com aulas de biologia e genética. Como Jó, ele precisa de alguém que lhe diga que sua situação é tremendamente injusta. Precisa de ajuda para conservar fortes a mente e espírito, para que possa olhar para um futuro com capacidade de pensar, planejar e decidir, mesmo que não possa andar ou nadar, e não se transforme num paralítico inválido e dependente, ainda que perca parte de suas habilidades.

Não sei por que meu amigo e vizinho está doente e morrendo, e em constante dor. Do meu ponto de vista religioso não posso dizer-lhe que Deus tem Suas razões para enviar-lhe aquele terrível destino, ou que Deus, por amá-lo de uma maneira muito especial ou admirar sua coragem, quis pô-lo à prova daquele modo. Só consigo dizer-lhe que o Deus em que creio não enviou a doença e não tem escondida a cura milagrosa para o mal. No entanto, em um mundo onde todos possuímos espíritos imortais em corpos frágeis e vulneráveis, o Deus em que creio dá força e coragem àqueles que, injustamente e por nenhuma culpa de sua parte, sofrem dor e o medo da morte. Posso ajudá-lo a lembrar-se que é mais que um corpo paralítico. Ele é mais que um homem com uma doença debilitante. É um homem com uma esposa amorosa e filhos, com muitos amigos, e com uma alma de boa têmpera para continuar vivo, até o último dia, no mais pleno sentido da palavra.

Não sei por que as pessoas são mortais e destinadas a morrer, e não sei por que as pessoas morrem no momento e o modo em que morrem. Talvez possamos entender melhor o problema imaginando um mundo onde as pessoas vivessem para sempre.

Ao ingressar no colégio, eu era um jovem para quem a velhice e a morte estavam tão distantes que nunca pensava nelas. Em um de meus primeiros cursos, sobre os clássicos da literatura mundial, tive ocasião de ler duas passagens sobre a morte e a imortalidade que me impressionaram de tal modo que permanecem comigo ainda hoje, 30 anos mais tarde.

Na *Odisseia* de Homero existe um trecho em que Ulisses se encontra com Calipso, princesa do mar e filha dos deuses. Calipso, um ser divino, é imortal. Ela nunca morrerá. Nunca tendo encontrado antes um mortal, fica fascinada por Ulisses. À medida que prosseguimos na leitura, percebemos que Calipso inveja Ulisses porque ele não viverá para sempre. A vida dele tem mais sentido, cada decisão sua adquire um peso maior, exatamente porque o tempo é limitado e o modo de utilizá-lo representa uma opção real.

Mais para o fim do ano li *As Viagens de Gulliver*, de Swift. Na terra dos lugnagianos — Swift escreve em sua fantasia — por uma ou duas vezes em uma geração, nasceu uma criança com uma mancha circular

vermelha na testa, significando que jamais morreria. Gulliver acha que aquelas crianças são os seres mais felizes que se possa imaginar, "nascidas livres daquela calamidade universal da natureza humana", a morte. Porém, ao encontrar-se com as crianças, constata que são de fato as mais miseráveis e dignas de pena das criaturas. Envelhecem e ficam fracos. Seus amigos e contemporâneos morrem. Com a idade de 80 anos, perdem os bens para serem distribuídos aos filhos, que de outra forma nunca os herdariam. Seus corpos contraem várias doenças, acumulam rancores e vexames, cansam-se da luta pela vida e nunca podem olhar para o futuro como uma libertação da dor de viver.

Homero mostra-nos um imortal com inveja de nós, mortais. Swift ensina-nos a ter piedade dos que não podem morrer. Ele deseja fazer-nos perceber que estar ciente de que vamos morrer um dia pode ser aterrador e trágico, mas que a vida seria insuportável se soubéssemos que a morte jamais viria. Podemos aspirar a viver mais e com maior felicidade, porém como cada um de nós suportaria uma vida que durasse para sempre? Para muitos de nós, num certo momento, só a morte daria alívio à imensa dor de nossas vidas.

Se todos vivessem para sempre e nunca morressem, das duas uma: ou o mundo não poderia conter tanta gente, ou as pessoas evitariam filhos para não provocar a superpopulação. A humanidade se privaria do prazer da renovação, do potencial de novidade que o nascimento de uma criança representa. Em um mundo em que as pessoas vivessem para sempre, nós provavelmente jamais teríamos nascido.

Todavia, tal qual em nossa discussão anterior sobre a dor, temos de reconhecer que admitir a mortalidade em geral como um bem para a humanidade não equivale a dizer a alguém que perdeu um pai, uma esposa ou um filho que a morte é boa. Não ousaríamos fazer isto. Seria cruel e irracional. O máximo que podemos afirmar numa situação destas é que quem vive está sujeito a morrer. Nossas explicações para a morte não são melhores que as explicações para a vida. Não há como controlá-la e nem sempre podemos adiá-la. Só nos resta ir além da questão "por que isto acontece?" e partir para outra: "que fazer agora que isto aconteceu?"

CAPÍTULO 5

Deus nos deixa espaço para sermos humanos

Um dos ensinamentos mais importantes de qualquer religião é o significado da condição humana. A visão que a Bíblia tem do Homem revela-se tão fundamental para a sua compreensão geral quanto a visão que tem de Deus. Logo no início da Bíblia, duas passagens nos ensinam de que forma nós, seres humanos, estamos relacionados com Deus e com o mundo ao nosso redor.

A primeira, no capítulo de abertura do Livro do Gênese, é a afirmação de que os seres humanos são feitos à imagem de Deus. No clímax do processo de criação, Deus é representado com as palavras: "Façamos o homem à nossa imagem". Por que o plural? Quem é o "nós" da fala de Deus? Minha sugestão para a compreensão dessa sentença é considerá-la em conexão com a sentença imediatamente anterior, na qual Deus cria os animais. Ao descrever a Criação de modo surpreendentemente semelhante ao processo evolutivo descrito pelos cientistas, Deus primeiro cria um mundo coberto de água. Depois faz a terra seca emergir, povoa-a com plantas, peixes, pássaros e répteis, e finalmente com os mamíferos. Após criar os animais e as bestas, Ele *lhes* diz: "Façamos emergir um novo tipo de criatura, o ser humano, à *nossa* imagem, sua e Minha. Moldemos uma criatura que, em certos aspectos, seja igual a vocês, um animal — precisando comer, dormir, acasalar-se — e igual a Mim em outros pontos, elevando-se acima do nível animal. Vocês, animais, contribuirão com sua dimensão física e Eu *lhe* soprarei uma alma." E assim, coroando a Criação, são feitos os seres humanos, em parte animais, em parte divinos.

Mas qual é a parte de nós que se eleva acima do nível animal, a parte de nós que está associada a Deus como nenhuma outra criatura? Para responder a esta questão, devemos voltar-nos para a segunda das passagens bíblicas, uma das histórias mais mal interpretadas de toda a Bíblia, a história do que aconteceu no Jardim do Éden.

Depois que Deus criou Adão e Eva, diz a Bíblia, Ele os colocou em um jardim e disse-lhes que poderiam comer dos frutos de todas as árvores ali existentes, inclusive a Árvore da Vida. Foi-lhes vetada apenas a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Deus advertiu-os de que, no dia em que comessem daquela árvore, morreriam. Em parte porque pressionados pela serpente, eles comeram do fruto proibido. Deus os repreendeu por sua desobediência e aplicou-lhes as seguintes punições:

- Deveriam abandonar o jardim e não mais comer o fruto da Árvore da Vida. (Eles não morreram naquele dia, mas foi-lhes dito que gerariam filhos e morreriam, em vez de viverem para sempre.)
- Para Eva o processo de dar à luz e criar os filhos seria doloroso. ("Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio a dores darás à luz filhos.")
- Adão terá de trabalhar para produzir o alimento, em vez de simplesmente encontrá-lo nas árvores. ("No suor do rosto comerás o teu pão.")

—Haverá tensão sexual entre o homem e a mulher. ("O teu desejo será para teu marido, e ele te governará."

Quando se lê essa história pela primeira vez, ou quando pela primeira vez ela é ensinada na Escola Dominical, costuma ser entendida simplesmente como a história da desobediência de Adão e Eva ao comando de Deus e de sua punição por causa disso. Este nível, próprio para uma resposta infantil, guarda uma mensagem certamente familiar. ("Mamãe lhe disse para não brincar na lama. Mas você brincou na lama. Agora vai ficar sem sobremesa.") Talvez, dependendo da tradição religiosa de cada um, tenha sido dito ao leitor que todos os seres humanos, descendentes de Adão e Eva, foram condenados a morrer como pecadores por causa daquela desobediência original. Naquela oportunidade, provavelmente lhe pareceu injusto que Deus tão severamente punisse a homens e mulheres, e a seus descendentes, por um pequeno engano cometido por um casal inexperiente, sobretudo se Adão e Eva não podiam saber o que era o bem e o mal antes de comer da Arvore do Conhecimento do Bem e do Mal.

Penso que temos aí mais que a história de um simples caso de desobediência a Deus e da consequente punição. Minha interpretação talvez seja muito diferente daquela que nos ofereceram na infância, mas penso que faz sentido e é compatível com o contexto bíblico. Eu vejo a história como um relato sobre as diferenças entre ser um humano e ser um animal, e a chave para a compreensão está no fato de que a árvore "proibida" é chamada de Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal.

Os seres humanos vivem em um mundo de bem e mal, e isto torna nossas vidas dolorosas e complicadas. Não é o que acontece com os animais — suas vidas são muito mais simples, sem os problemas morais e as decisões morais que nós humanos temos de enfrentar. As categorias "bem" e "mal" na verdade não existem entre os animais. Eles podem ser úteis ou sujos, obedientes ou desobedientes, porém não podem ser bons ou maus. Termos como "cachorro bom" ou "cachorro mau" não se referem ao valor moral daquilo que os cães escolheram fazer, mas apenas ao fato de serem convenientes ou inconvenientes para nós, assim como "tempo bom" e "tempo ruim". Como nossos quase-humanos ancestrais, os animais comem da Arvore da Vida: têm fome e sentem sede, crescem e se acasalam. Todavia, a Arvore do Conhecimento do Bem e do Mal fica fora do seu alcance.

Para usar um termo que ninguém antes de nossa geração poderia entender, os animais são "programados". Instintos inatos dizem-lhe quando comer, quando dormir, etc. Seguem seus instintos e têm muito poucas decisões difíceis a tomar. Os seres humanos, contudo, não têm similares no mundo das criaturas vivas. A imagem de Deus em nós permite-nos, com base na moral, dizer Não ao instinto. Podemos deixar de comer mesmo que estejamos com fome. Podemos abster-nos do sexo mesmo quando nossos instintos estão levantados, não por temor de sermos punidos senão porque entendemos os termos "bem" e "mal" de maneira diferente dos animais. A história inteira do ser humano é a história da elevação acima da natureza animal e da aprendizagem do controle de nossos instintos.

Vejam mais uma vez as "punições" que Deus inflige a Adão e Eva. (Coloquei o termo "punições" entre aspas porque não estou certo de que haja realmente punição. São consequências dolorosas do fato de serem humanos em vez de simples animais.) Cada uma delas é um meio de representar a vida humana como sendo mais dolorosa e problemática do que a vida dos animais.

O sexo e a reprodução são naturais e não-problemáticos para todos os animais, à exceção do Homem. As fêmeas entram no cio, os machos são atraídos por elas e a espécie é preservada. Nada podia ser mais simples. Compare-se isto às tensões sexuais existentes entre os seres humanos: a adolescente que espera a atenção do garoto, sentindo-se ignorada e pouco atraente; o colegial que não pode concentrar-se em seus estudos, acariciando a ideia do suicídio porque sua namorada rompeu com ele; a mulher solteira que engravida e não aceita o aborto, porém não está certa sobre que outra opção fazer; a esposa profundamente deprimida porque o marido a deixou por outra mulher; as vítimas de estupro, os produtores de filmes pornográficos, os adultérios furtivos, a promiscuidade sexual. O sexo, tão simples e direto para os animais, é tão doloroso para nós (a menos que nos comportemos como os animais) porque conhecemos o mundo do bem e do mal.

Ao mesmo tempo, porém, exatamente porque vivemos neste mundo, uma relação sexual pode significar infinitamente mais para nós do que para um animal ou para alguém que veja no sexo apenas um instinto a ser satisfeito. Pode significar ternura, afeto mútuo, entrega responsável. Os animais podem acasalar-se e reproduzir-se; só aos seres humanos é dado saber o que é o amor, com toda a dor que o amor às vezes envolve.

Para os animais, dar à luz e alimentar os filhotes durante seu crescimento é um processo puramente instintivo. Existe muito menos dor física e muito menos dor psicológica no caso deles que no dos humanos. Quando a cadela de nossa família tem sua ninhada, ela sabe exatamente como agir sem que nunca lhe tenha sido ensinado. O parto é desconfortável, mas não tão doloroso quanto para uma mulher. Nossa cadela ali-

menta seus filhotes e, depois que eles estão grandes o suficiente para cuidarem de si, começa a ignorá-los. Quando ocasionalmente se encontra com algum deles já crescido, ela o reconhece como a um outro cão, não necessariamente como filho. Entre os seres humanos, tal relação jamais poderá ser tão simples assim. Dar à luz o filho, uma das experiências mais dolorosas que o organismo humano pode experimentar, é, em certo sentido, a parte menos difícil. Criar e educar os filhos, transmitindo-lhes seus próprios valores, partilhando com eles as grandes e as pequenas mágoas, sabendo quando ser rude e quando ser condescendente — estas são as partes dolorosas da paternidade. E, à diferença dos animais, não podemos fazê-lo baseados apenas no instinto. Temos de fazer escolhas difíceis.

Além disso, os seres humanos têm de trabalhar arduamente por seu alimento, produzindo-o ou desempenhando alguma atividade para ganhar dinheiro e adquiri-lo. A natureza providencia alimento para os animais, tanto para os que caçam como para os que coletam. Um leão talvez tenha de exercitar-se para emboscar e matar um animal, mas, embora difícil, isto nem de longe se compara à experiência humana de ser demitido de um emprego ou de ter de conseguir informações para tomar uma decisão importante. Os animais dependem apenas do instinto para se guiarem na busca do alimento. Somente os homens têm que preocupar-se com a escolha de uma carreira, com a manutenção de um emprego ou com a convivência com um patrão. Somente os seres humanos têm que pesar os prós e os contras, saber se não são ilegais ou antiéticas suas ações para conseguir um cargo ou fazer uma compra. Mais uma vez estamos diante de uma área importantíssima da vida que, para os animais, pode ser difícil mas pelo menos é livre de dilemas morais; para os seres humanos a área é problemática e muitas vezes penosa.

Finalmente, todas as criaturas viventes estão destinadas a morrer, porém só os seres humanos têm consciência disso. Os animais protegem-se instintivamente contra as ameaças à sua vida e ao seu bem-estar, porém só os seres humanos vivem no vale da sombra da morte, com o conhecimento de que são mortais, ainda que ninguém os esteja atacando. O conhecimento de que um dia morreremos muda nossas vidas de muitas maneiras. Leva-nos a tentar fraudar a morte pela realização de alguma coisa que nos sobreviva — tendo filhos, escrevendo livros, exercendo um impacto sobre nossos amigos e vizinhos para que se lembrem de nós com admiração. O conhecimento de que nosso tempo é limitado valoriza as coisas que fazemos. Está presente na escolha que fazemos entre ler um livro ou visitar um amigo doente em vez de ir a um cinema, precisamente porque não temos tempo para fazer tudo.

Isto, então, foi o que aconteceu a Adão e Eva. Eles tornaram-se humanos. Tiveram de sair do Jardim do Éden, onde os animais comiam da Arvore da Vida, a árvore das forças vitais básicas e dos instintos. Ingressaram no mundo do conhecimento do bem e do mal, um mundo mais doloroso e mais complicado, onde teriam de fazer escolhas morais difíceis. Comer e trabalhar, ter filhos e criá-los já não seriam coisas simples, como o eram para os animais inferiores. Aqueles primeiros seres humanos estavam agora dotados de autoconsciência (após comerem do fruto proibido, sentiram a necessidade de vestir-se). Sabiam que não viveriam para sempre. E, acima de tudo, que teriam de passar suas vidas fazendo escolhas.

É isto o que significa ser humano "à imagem de Deus". Significa liberdade para fazer escolhas, em vez de agir sempre conforme nossos instintos mandam. Significa saber que algumas opções são boas e outras não, cabendo a nós perceber a diferença. "Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra ti que te propus a vida e a morte, o bem e o mal: escolhe, pois, a vida, para que vivas." (*Deuteronômio* 30:19) Isto não poderia ter sido dito a nenhuma outra criatura vivente, a não ser ao Homem, porque só ele tem liberdade de escolha.

No entanto, se o Homem é verdadeiramente livre para decidir, se ele pode ter consciência da própria virtude por escolher livremente o bem quando optar pelo mal lhe seria igualmente possível, então ele deve ser livre para escolher também o mal. Se ele fosse livre somente para o bem, não haveria realmente uma escolha. Se fôssemos limitados ao bem, não teríamos liberdade para *escolhê-lo*.

Imagine um pai que diz ao filho: "Como você gostaria de 'passar esta tarde? Fazendo os deveres de casa ou brincando com um amigo? Escolha." O filho responde: "Gostaria de brincar com meu amigo." O pai contesta: "Desculpe, mas você está fazendo uma escolha errada. Não posso permitir isto. Você só sairá de casa quando acabar seus deveres. Escolha de novo." Desta vez o filho responde: "Tudo bem, farei meus deveres de casa." O pai sorri e diz: "Estou contente porque você fez a escolha certa." Poderemos achar que o resultado está correto, mas seria errado dizer que o filho mostrou maturidade e responsabilidade na escolha.

Imagine agora que Deus diga a uma pessoa: "Como você acha que vai conseguir dinheiro para pagar suas contas? Está pensando em arranjar um emprego, o que significa que vai ter de levantar-se cedo e dar duro o dia todo, ou pretende arrancar a bolsa de uma velha e sair correndo?" O homem responde: "Estou pensando em roubar uma bolsa." Deus diz: "Não, está errado. Não vou deixar você fazer isto. Escolha de novo." E o homem concorda relutantemente em procurar um emprego. Evitou-se um roubo, mas acaso o homem agiu como um ser humano moralmente livre? Permitiu-lhe Deus que escolhesse entre o caminho do

bem e o caminho do mal? Ou teria sido reduzido por Deus ao nível de um animal, sem sua liberdade de escolha e obrigado a percorrer o caminho melhor?

Para sermos livres, para sermos humanos, Deus é obrigado a nos dar liberdade para o bem e para o mal. Não fôssemos livres para escolher o mal, tampouco o seríamos para *escolher* o bem. Como os animais, seríamos apenas convenientes ou inconvenientes, obedientes ou desobedientes. Não teríamos características morais e muito menos poderíamos possuir características humanas.

Nenhum de nós pode ler a mente de Deus, saber por que razão, a um certo ponto do processo evolutivo, Ele fez surgir um novo tipo de criatura, um animal moralmente livre que pudesse escolher entre ser bom ou mau. Contudo, Ele assim procedeu, e desde então o mundo conheceu muita nobreza, mas também muita crueldade.

Nossa liberdade moral significa que, se escolhermos o egoísmo e a desonestidade, podemos *ser* egoístas ou desonestos, e Deus não nos deterá. Se desejamos apropriar-nos de algo que não é nosso, Deus não afasta nossa mão do objeto alheio. Se desejamos ferir alguém, Deus não intervém para nos impedir de fazê-lo. Tudo o que Ele faz é dizer-nos que certas coisas são erradas, avisando-nos de que nos arrependemos de fazê-las, e esperar que, se não levarmos a sério Sua palavra, acabemos por aprender por nossa própria experiência.

Deus não é como um pai ou uma mãe humana que, ao observar o filho dando os primeiros e desajeitados passos ou às voltas com um problema de álgebra, diz para si mesmo: "Se eu ajudar, pouparei um bocado de dor para meu filho, mas como ele aprenderá a fazer isto por si próprio?" Um pai humano nessa situação tem a possibilidade (e a responsabilidade) de intervir quando o filho se encontra no limiar do perigo. Deus Se impôs um limite além do qual Ele não intervém, para preservar nossa liberdade, inclusive a liberdade de nos machucarmos ou àqueles com os quais convivemos. Em Seu desígnio, o Homem evoluiu moralmente livre, e não há retrocesso no relógio evolutivo.

Por que, então, coisas ruins acontecem a pessoas boas? Uma das razões é que nossa condição de seres humanos nos deixa livres para ferirmos uns aos outros, e Deus não pode deter-nos sem retirar-nos a liberdade que nos torna humanos. Os homens podem trapacear, roubar e ferir uns aos outros, e Deus limita-se a observar com piedade e compaixão o quão pouco nós aprendemos, no decorrer dos séculos, sobre como os seres humanos devem comportar-se. Essa linha de raciocínio ajuda-nos a entender aquela monstruosa erupção de maldade a que nos habituamos a chamar de Holocausto — a morte de milhões de pessoas inocentes nas mãos de Adolf Hitler. Quando as pessoas perguntam "Onde estava Deus em Auschwitz? Como pôde Ele permitir que os nazistas matassem tantos homens, mulheres e crianças inocentes?", minha resposta é que não foi Deus a causa daquilo. Tudo se deveu ao fato de homens escolherem ser cruéis com seus semelhantes. Como disse uma teóloga cristã alemã, Dorothee Soelle, falando das tentativas de justificar o Holocausto como vontade de Deus, "Quem deseja semelhante Deus? Quem tem alguma coisa a ganhar em cultuá-lo? Deus estava do lado das vítimas ou de seus algozes?"

Querer explicar o Holocausto, ou qualquer outro sofrimento, como vontade de Deus, é colocar-se do lado do algoz e não do da vítima, e afirmar que Deus faz a mesma coisa.

Não faz sentido para mim tomar o Holocausto como vontade de Deus. Mesmo que eu pudesse aceitar a morte de um inocente de vez em quando sem ter que repensar todas as minhas crenças, o Holocausto representa muitas vítimas, uma prova forte demais contra aqueles que acham que "Deus permitiu e que tinha Suas razões". Devo admitir que o Holocausto foi no mínimo uma ofensa à ordem moral de Deus, do mesmo modo que o foi à minha — caso contrário, como manter o respeito a Deus como fonte de vida moral?

Por que seis milhões de judeus e vários milhões de outras pessoas inocentes morreram nos campos de extermínio de Hitler? Quem foi o responsável? Voltamos à ideia da liberdade humana de escolha. O Homem, descobrimos, é aquela criatura única, cujo comportamento não é "programado". Ele é livre para escolher ser bom e, conseqüentemente, se quiser, pode também ser mau. Há pessoas boas cuja bondade figura numa escala relativamente modesta. São caridosas, visitam os enfermos, ajudam o vizinho a trocar um pneu furado. Outras são boas em uma escala maior. Trabalham aplicadamente para descobrir a cura de uma doença ou lutam para que os direitos dos pobres e dos indefesos sejam respeitados. Há pessoas más, que escolheram o mal, que, no entanto, só conseguem ser más em uma escala muito pequena. Elas mentem, fraudam, furtam coisas que não lhes pertencem. E outras são capazes de causar danos a milhões de pessoas, da mesma forma que algumas, em contrapartida, podem ajudar a milhões.

Hitler foi um daqueles raros gênios do mal que, optando pela destruição, conseguiu ser mais destrutivo que qualquer outro na história. Isto levanta uma questão que, na verdade, não faz parte de nossa discussão: Podemos dizer que alguém como Hitler *escolheu* ser destrutivo? Ou não deveríamos nos voltar para seus pais, o ambiente em que foi criado, seus professores, suas experiências pregressas e as circunstâncias históricas que fizeram dele o que ele foi? Provavelmente, não há uma resposta clara para essa questão. Os cientistas sociais debateram-na durante anos, e continuarão a fazê-lo. Posso apenas dizer que os fundamentos

de minha visão religiosa estão na crença de que os seres humanos *são* livres para escolherem a direção que desejam imprimir à própria vida. É óbvio, algumas crianças nascem com capacidades físicas ou mentais que lhes limitam a liberdade de escolha. Nem todos podem escolher ser cantores de ópera, cirurgiões ou atletas profissionais. É óbvio, além do mais, que certos pais maltratam seus filhos, que eventos acidentais — guerras, doenças — traumatizam as crianças de tal forma que se tornam incapazes de realizar coisas que, não fosse o trauma, realizariam com facilidade. E, ainda, certas pessoas são tão presas a hábitos que se torna difícil falar-lhes em libertar-se. Insistirei, entretanto, em que todo adulto, não importa o grau de infelicidade de sua infância ou quão atrelado esteja a seus hábitos, é livre de fazer escolhas sobre sua vida. Se não fôssemos livres, se fôssemos coagidos pelas circunstâncias e experiências, então nada nos diferenciaria dos animais que se regem unicamente pelo instinto. Dizer de Hitler, ou de qualquer outro criminoso, que ele não escolheu ser mau, que foi apenas vítima de sua criação, é tornar impossível qualquer moralidade, qualquer discussão sobre o certo e o errado. E deixa sem resposta a questão por que certas pessoas, em circunstâncias semelhantes, não se transformaram em outros Hitlers. Pior ainda, dizer "não foi sua culpa, ele não teve liberdade de escolher" é privar o indivíduo de sua humanidade e reduzi-lo ao nível animal sem a liberdade de escolher entre o certo e o errado.

O Holocausto ocorreu porque Hitler foi um gênio doentio do mal que optou por praticar o mal em escala maciça. E não foi ele sozinho. Hitler era apenas um homem, e até mesmo sua capacidade de praticar o mal era limitada. O Holocausto aconteceu porque milhares de outras pessoas puderam ser persuadidas a juntar-se a ele em sua loucura e milhões de outras pessoas deixaram-se amedrontar, sendo induzidas a cooperarem. E porque pessoas reprimidas e frustradas se dispuseram a jogar sua raiva e frustração sobre vítimas inocentes tão logo foram encorajadas a fazê-lo. Aconteceu, também, porque Hitler conseguiu persuadir advogados a esquecerem seu compromisso com a justiça e médicos a violarem seu juramento. E, ainda, porque os governos democráticos só se decidiram a levantar-se contra Hitler quando seus interesses foram postos em xeque.

Onde estava Deus quando tudo isto se desenvolvia? Por que Ele não interveio para pôr um fim em tudo aquilo? Por que não fulminou a Hitler com a morte em 1939, poupando sofrimentos indizíveis a milhões de vidas, ou por que não provocou um terremoto para destruir as câmaras de gás? Onde estava Deus? Só posso acreditar, com Dorothee Soelle, que Ele estava com as vítimas, e não com os assassinos, mas que Ele não controla a escolha do homem entre o bem e o mal. Só posso acreditar que as lágrimas e as orações das vítimas suscitaram a compaixão de Deus, mas que, tendo Ele dado ao Homem a liberdade de escolha, inclusive a liberdade de escolher ferir o seu semelhante, nada havia que Ele pudesse fazer para evitá-lo.

O cristianismo introduziu no mundo a ideia de um Deus que sofre, ao lado da imagem de um Deus que cria e comanda. O judaísmo pós-bíblico também ocasionalmente falou de um Deus sofredor, um Deus que se torna desabrigado e segue para o exílio com seu povo, um Deus que chora quando vê o que alguns de seus filhos infligem a outros de seus filhos. Não sei o que significa sofrer para Deus. Não creio que Deus seja uma pessoa como eu, com olhos para ver, lágrimas para chorar e terminais nervosos para sentir dor. No entanto, agrada-me pensar que a angústia que sinto quando leio sobre os sofrimentos de inocentes reflete a angústia e a compaixão de Deus, embora nossa maneira de sentir dor seja diferente. Gosto de pensar que Ele é a fonte de onde se origina minha capacidade de sentir simpatia e revolta, e que Ele e eu estamos do mesmo lado quando nos perfilhamos com a vítima contra o agressor.

A palavra final, nada mais justo, fica com um sobrevivente de Auschwitz:

Nunca me ocorreu questionar o que Deus fez ou deixou de fazer, enquanto eu fui um dos habitantes de Auschwitz, embora naturalmente entendesse que outros tivessem essa preocupação... Eu não fiquei menos ou mais religioso com o que os nazistas nos faziam; e não acreditava que minha fé em Deus fosse minada em suas bases. Nunca me ocorreu associar a calamidade que estávamos experimentando a Deus, censurá-Lo, acreditar menos ou deixar de crer nEle de todo porque Ele não vinha em nosso socorro. Deus não nos enviava aquilo, ou qualquer outra coisa. Devemos nossas vidas a Ele. Se alguém acha que Deus é responsável pela morte de seis milhões de pessoas porque Ele nada fez para salvá-las, seu pensamento está distorcido. Devemos a Deus nossas vidas, pelos poucos ou muitos anos que vivemos, e temos a obrigação de cultuá-Lo e fazer o que Ele nos ordena. Para isto estamos na terra — a serviço de Deus, para cumprir Sua vontade.

(Brenner, *A Fé e a Dívida dos Sobreviventes do Holocausto*)

CAPÍTULO 6

Deus ajuda aos que param de castigar-se

Uma das piores coisas que costumam acontecer a quem foi ferido pela vida é a tendência a aumentar as

proporções do mal recebido, ferindo-se a si próprio uma segunda vez. Além de vítima de rejeição, privação, ferimentos ou má sorte, tal pessoa sente frequentemente a necessidade de se ver como ruim em função do que lhe está acontecendo e afasta os que tentam aproximar-se para ajudá-la. Muitíssimas vezes, em nossa dor e confusão, instintivamente agravamos as dificuldades. Passamos a achar que não somos dignos de ajuda. E esta solidão auto-imposta, culposa, irada e ciumenta faz com que uma situação em si ruim se torne ainda pior.

Certa feita, li um provérbio popular iraniano que diz: "Se você vê um cego, chute-o; por que deveríamos ser mais gentis que Deus?" Em outras palavras, diante de alguém que está sofrendo, só nos resta crer que ele merece o seu destino e que é vontade de Deus que ele sofra. Coloque-se, portanto, do lado de Deus, evitando-o ou humilhando-o ainda mais. Tentar ajudá-lo é agir contra a justiça divina.

A maioria de nós provavelmente há de reagir a esse ponto de vista, exclamando: "É terrível." Em geral achamos que somos capazes de uma visão mais humana. Porém, não raro, nos surpreendemos dizendo inadvertidamente às pessoas sofredoras que, de algum modo, elas merecem as provações. E, dessa maneira, só fazemos alimentar seu latente sentimento de culpa e a suspeita de que talvez tenham procurado o mal que lhes adveio.

Estão lembrados dos consoladores de Jó na história bíblica? Quando foram visitar Jó, os três amigos sinceramente desejavam consolá-lo por suas perdas e doenças. No entanto, fizeram tudo errado e acabaram levando-o a sentir-se pior do que antes. Acaso poderíamos aprender de seus erros de que é que alguém ferido pela vida de fato necessita e como seus amigos e vizinhos lhe podem ser úteis?

O primeiro erro deles foi pensar que, ao dizer "Por que Deus faz isto comigo?", Jó estava fazendo uma indagação e que eles o ajudariam se respondessem à pergunta, explicando por que Deus estava agindo daquela maneira. Na realidade, as palavras de Jó nem de longe contêm uma indagação de ordem teológica — elas são um grito de dor. Depois daquelas palavras caberia um ponto de exclamação, não de interrogação. O que Jó queria de seus amigos — o que ele estava de fato pedindo com a pergunta "Por que Deus faz isto comigo?" — não era teologia, mas simpatia. Não desejava que lhe explicassem Deus, tampouco estava querendo mostrar-lhes que sua teologia era insatisfatória. Ele queria somente dizer-lhes que era realmente um bom homem e que as coisas que lhe estavam acontecendo eram terrivelmente trágicas e injustas. Mas seus amigos empenharam-se tanto ao falar de Deus que quase esqueceram de Jó, a não ser para observar que ele devia ter feito alguma coisa de muito ruim para merecer aquele destino das mãos de um Deus justo.

Como jamais haviam estado na situação de Jó, seus amigos não podiam perceber o quanto era inútil e ofensivo o julgamento que estavam fazendo, dizendo a Jó que não devia chorar nem se lamentar tanto. Ainda que eles tivessem sentido na carne semelhantes perdas, nem assim teriam o direito de julgar a dor de Jó. É difícil saber o que dizer a alguém abalado por uma tragédia — é mais fácil saber o que não dizer. Tudo o que possa ser tomado como crítica por quem se lamenta ("não leve tão a sério", "controle suas lágrimas, você está transtornando as pessoas") é errado. Tudo o que tenta minimizar a dor de quem se lamenta ("isto é provavelmente para seu bem", "podia ser muito pior", "ela está muito melhor agora") provavelmente não será entendido nem apreciado. Exigir de quem se lamenta que disfarce e rejeite seus sentimentos ("não temos o direito de questionar a Deus", "Deus deve amá-lo muito, pois o escolheu para este fardo") é igualmente negativo.

Sob o impacto de tantas tragédias, Jó tentava desesperadamente manter seu auto-respeito, a certeza de que era um homem bom. A última coisa no mundo que ele desejava ouvir era que não vinha agindo bem. Fossem as críticas sobre a maneira como se queixava ou sobre os atos que praticara para merecer tal destino, o efeito era o mesmo que o sal provoca em uma ferida aberta.

Jó precisava de simpatia mais que de conselho, por mais sensato que fosse o conselho. Haveria tempo e lugar para este último. Precisava de compaixão, da sensação de que outros participam também de sua dor, mais que de explicações teológicas sobre os caminhos de Deus. Precisava de conforto físico, de pessoas que partilhassem sua força com ele, sustentando-o em vez de condená-lo.

Precisava de amigos que lhe permitissem zangar-se, chorar e desabafar alto, muito mais que de amigos que o concitassem a tornar-se um exemplo de paciência e piedade para os outros. Precisava de alguém que dissesse "Sim, o que aconteceu é terrível e não faz sentido" e não para dizer-lhe "Coragem, Jó, afinal de contas não é tão ruim". E foi aí que os amigos falharam. A expressão "consoladores de Jó" passou a designar pessoas que desejam ajudar, porém que se mostram tão preocupadas com suas próprias necessidades e sentimentos que acabam por piorar as coisas.

Contudo, os amigos de Jó sob dois aspectos procederam bem. Em primeiro lugar, eles vieram. Estou certo de que a visão do amigo na miséria lhes era dolorosa e de que eles provavelmente tiveram vontade de afastar-se e deixá-lo só. Não é agradável ver um amigo sofrer, e a maioria de nós evita de bom grado essa experiência. Ou nos afastamos de todo, de modo que quem sofre acaba por ficar isolado, com o sentimento

de rejeição coroando sua tragédia, ou nos aproximamos como que evitando a razão de nossa presença ali. As visitas a hospitais e manifestações de condolências transformam-se em conversas amenas sobre o tempo, a bolsa de valores ou as notícias esportivas, assumindo um ar de irrealidade em que a preocupação mais importante no espírito de todos os presentes é deixada de lado. Os amigos de Jó pelo menos tiveram a coragem de encará-lo e enfrentar sua dor.

E, em segundo lugar, eles ouviram. Segundo o relato bíblico, sentaram-se com Jó durante muitos dias, sem nada dizer, enquanto Jó extravasava sua dor e cólera. Esta, acho eu, foi a parte mais útil da visita. Nada do que eles fizeram depois fez tanto bem a Jó. Depois de Jó haver desabafado, eles deveriam ter dito "Sim, é realmente terrível. Não sabemos como você pode suportá-lo", em vez de se sentirem compelidos a defender Deus e a sabedoria convencional. Sua presença silenciosa deve ter sido bem mais útil ao amigo do que as longas explicações teológicas. Podemos extrair disto uma grande lição.

Há alguns anos passei por uma experiência que me ensinou alguma coisa sobre como as pessoas pioram uma situação por se censurarem a si mesmas. Certo mês de janeiro, eu tive de officiar aos funerais, em dias sucessivos, de duas senhoras idosas de minha comunidade. Ambas morreram "cheias de dias", como diria a Bíblia; ambas sucumbiram ao desgaste normal do organismo, depois de uma vida longa e bem vivida. Calhou de as duas casas serem próximas, de modo que pude fazer as visitas de condolências às duas famílias na mesma tarde.

Na primeira casa, o filho da falecida me disse: "Se eu tivesse mandado minha mãe para a Flórida, tirando-a deste frio e desta neve, ela ainda estaria viva. Sinto-me culpado pela sua morte." Na segunda casa, o filho da outra disse: "Se eu não tivesse insistido com minha mãe para que fosse para a Flórida, ela ainda estaria viva. A longa viagem de avião, a mudança súbita de clima foram além do que ela podia suportar. Sinto-me culpado pela sua morte."

Quando as coisas não se desenrolam conforme gostaríamos, torna-se muito tentadora a ideia de que, se tivéssemos procedido de maneira diferente, a história teria tido um final mais feliz. Os pastores de alma sabem que, toda vez que ocorre uma morte, os sobreviventes se sentem culpados. Como a ação que empreenderam teve um desfecho desagradável, acreditam que, se tivessem feito o contrário — mantendo a mãe em casa, adiando a operação — o final seria melhor. Afinal de contas, como se poderia ter evitado o pior? Os sobreviventes sentem-se culpados por estarem ainda vivos enquanto um ser amado está morto. Sentem-se culpados ao pensarem nas palavras amáveis que nunca dirigiram a quem morreu ou pelas coisas boas que não encontraram tempo para propiciar-lhe. Na verdade, muitos dos rituais fúnebres em todas as religiões visam a ajudar os sobreviventes a libertarem-se desses sentimentos irracionais de culpa por uma tragédia que de fato não foi provocada por eles. O sentimento de culpa — "eu sou o culpado" — parece universal.

Parecem existir dois sentimentos envolvidos em nossa inclinação para a culpa. O primeiro é nossa compulsiva necessidade de acreditar que o mundo faz sentido, que há uma causa para cada efeito e uma razão para tudo o que acontece. Isto nos leva a encontrar padrões e conexões tanto onde eles realmente existem (o cigarro ocasiona o câncer pulmonar; quem lava as mãos tem poucas doenças contagiosas) quanto onde eles existem apenas em nossas mentes (meu time vence toda vez que vou ao estádio com a camisa da sorte; aquela pessoa de quem eu gosto só me vê nos dias ímpares, nunca nos dias pares, a não ser quando um feriado interrompe a sequência). Quantas superstições comuns e pessoais nasceram baseadas em que algo de bom ou ruim sucedeu logo depois de termos praticado uma ação, originando-se daí a crença de que o mesmo ocorrerá sempre que seguirmos aquele padrão de comportamento?

O segundo elemento é a noção de que *nós* somos a causa do que acontece, especialmente das coisas ruins. Parece muito curta a distância entre a crença de que tudo tem uma causa e a crença de que todo desastre é culpa nossa. As raízes deste sentimento podem estar em nossa infância. Os psicólogos falam do mito infantil da onipotência. O bebê pensa que o mundo existe para satisfazer as suas necessidades e que é ele quem faz com que tudo se realize. Ele acorda pela manhã e convoca o resto do mundo para suas tarefas. Chora, e alguém vem atendê-lo. Quando está com fome, alguém vem alimentá-lo; quando está molhado, aparece alguém para trocar-lhe as fraldas. Muito frequentemente, não superamos totalmente esta noção infantil de que nossos desejos fazem as coisas acontecerem. Uma parte de nossa mente continua a acreditar que as pessoas ficam doentes porque as odiamos.

Nossos pais, de fato, amiúde alimentaram essa noção. Sem perceberem como eram vulneráveis nossos egos infantis, descarregaram sobre nós seu cansaço e frustração por razões que nada tinham a ver conosco. Empurraram-nos por nos encontrarmos em sua passagem, gritaram conosco pelos brinquedos espalhados ou pelo som alto da televisão, e nós, em nossa inocência infantil, achávamos que eles tinham razão e que nós éramos o problema. A raiva deles podia passar no momento seguinte, mas nós carregávamos ainda as cicatrizes do sentimento de culpa, com medo de sermos repreendidos por qualquer erro que aparecesse. Anos

depois, quando algo não vai bem ao nosso redor, os sentimentos de nossa infância emergem e instintivamente pensamos que mais uma vez deixamos as coisas a perder.

Mesmo Jó preferiu pedir que Deus lhe provasse sua culpa a admitir que tudo não passava de um engano. Se lhe pudesse ser demonstrado que ele merecia seu destino, então pelo menos o mundo estava certo. Não haveria qualquer prazer em sofrer pelos desmandos de alguém, mas seria mais suportável do que descobrir que se vive em mundo fortuito onde as coisas acontecem sem razão.

Por vezes, naturalmente, o sentimento de culpa é oportuno e necessário. Por vezes, *provocamos* a tristeza em nossas vidas e devemos assumir a responsabilidade. O homem que certo dia se sentou diante de mim, dizendo como deixara a esposa e os filhos pequenos para se casar com a secretária, e queria ajuda para suplantá-la sua culpa pelo que causara aos filhos, estava me fazendo um pedido inoportuno. Ele *deveria* mesmo se sentir culpado e melhor seria pensar numa maneira de ressarcir sua primeira família do que procurar um modo de livrar-se de seu sentimento de culpa. A consciência de nossas incapacidades e falhas, o reconhecimento de que poderíamos ter sido melhores do que habitualmente fomos são forças que favorecem o crescimento moral e o aperfeiçoamento de nossa sociedade. O sentimento oportuno de culpa faz as pessoas se esforçarem para melhorar. Porém o sentimento excessivo de culpa, a tendência a nos censurarmos por coisas que claramente não dependem de nós, despojam-nos de nossa auto-estima e talvez de nossa capacidade de crescer e agir.

Uma das decisões mais difíceis que Bob tomou na vida foi colocar sua mãe, de 78 anos de idade, em um asilo para velhos. Era um caso-limite, porque sua mãe era basicamente alerta e saudável e não exigia cuidados médicos, apenas não podia alimentar-se sozinha nem cuidar de si. Seis meses antes, Bob e sua esposa levaram-na para sua casa, depois que o apartamento pegou fogo por ter ela esquecido de deligar o aquecedor. Estava solitária, deprimida e confusa. A esposa de Bob tinha de vir de seu emprego ao meio-dia para dar almoço à sogra e colocá-la frente ao televisor até as crianças chegarem da escola. A filha adolescente de Bob teve de renunciar a sua vida social pela parte da tarde para "pajear" a avó enquanto Bob e a esposa estavam fora. As crianças foram dissuadidas de trazerem seus amigos para casa: "A casa é pequena e o barulho se torna insuportável." Depois de algumas semanas, ficou claro que a nova situação não funcionava. Os membros da família se tornaram agressivos e irritadiços uns com os outros. Todos faziam a conta para ver quem tinha "renunciado mais". Bob amava sua mãe, as crianças amavam a avó, mas constataram que ela precisava de mais do que eles podiam oferecer. Não estavam preparados para fazer os sacrifícios de tempo e estilo de vida que os cuidados de uma anciã exigiam. Conversaram sobre isto uma noite, fizeram algumas sondagens e, relutantemente porém com um palpável sentimento de alívio, a internaram em um asilo próximo. Bob sabia que estava tomando a decisão correia, mas ainda assim sentiu-se culpado. Sua mãe não queria ir. Prometeu trazer o mínimo de problemas para a casa, atrapalhar menos. Chorou ao ver os internados do asilo, mais velhos e mais acabados, perguntando-se talvez em quanto tempo ficaria como eles.

Naquele fim de semana, Bob, que normalmente não se considerava uma pessoa religiosa, resolveu ir ao culto antes de visitar sua mãe. Ele estava apreensivo quanto à visita, temeroso do que poderia encontrar ou do que sua mãe lhe poderia dizer, e esperava que o serviço religioso lhe trouxesse a necessária tranquilidade e paz de espírito. Por coincidência, o sermão naquela manhã foi sobre o Quinto Mandamento — "Honrar pai e mãe". O pastor falou dos sacrifícios que fazem os pais para criar os filhos e da relutância dos filhos em reconhecer aqueles sacrifícios. Criticou o egoísmo da geração de hoje, dizendo: "Por que uma mãe pode cuidar de seis filhos e seis filhos não podem cuidar de uma mãe?" Ao redor de Bob, homens e mulheres idosos balançavam a cabeça em sinal de aprovação.

Bob deixou o serviço magoado. Sentia que acabara de ser chamado, em nome de Deus, de egoísta e ingrato. No almoço, mostrou-se irritável com a esposa e os filhos. No asilo, foi impaciente com a mãe e incapaz de dar-lhe atenção. Estava envergonhado do que lhe fizera e com raiva dela por ter sido a causa de seu embaraço e condenação. A visita foi um desastre emocional, deixando todos duvidosos acerca do funcionamento do novo arranjo. Bob era perseguido pela ideia de que sua mãe não viveria muito e de que, após sua morte, ele jamais se perdoaria pela infelicidade que seu egoísmo lhe causara nos últimos anos.

A situação de Bob era difícil sob quaisquer circunstâncias. Os sentimentos de culpa, a ambivalência estavam presentes desde o início. A desesperança que se apossa das pessoas idosas, seus apelos aos filhos, a impressão de que nem sempre se faz tudo o que pode ser feito, ressentimentos subjacentes, assim como a culpa em muitas pessoas perfeitamente decentes — tudo isto constitui uma situação difícil de ser vivida mesmo sob as melhores condições. Os pais, muitas vezes marcados pela vida, são também vulneráveis, e não raro emocionalmente imaturos. Talvez não tenham consciência de que usam a doença, a solidão ou a culpa para manipular os filhos a fim de receberem a atenção de que desesperadamente precisam. A proverbial mãe judia, que vive lembrando aos filhos os sacrifícios que fez para a felicidade deles, criando um débito que

ninguém é capaz de saldar durante uma vida inteira, tornou-se uma figura bem conhecida da literatura e do humor. (Quantas mães judias são capazes de trocar uma lâmpada? Nenhuma: "Não se preocupe comigo. Divirta-se. Eu ficarei bem, sentada aqui no escuro.") A situação de Bob, porém, tornou-se pior por ter ouvido a voz da religião como se fosse um julgamento. É certo que devem existir sermões sobre a honra devida aos pais, só que eles poderiam ser mais cautelosos e levar em conta a predisposição das pessoas a sentirem-se culpadas. Se Bob estivesse com a cabeça fresca aquela manhã, teria dito ao pregador que seis filhos talvez não possam tomar conta de uma mãe porque aqueles seis filhos têm também suas esposas e filhos. Teria explicado que amava sua mãe, porém sentia-se obrigado em primeiro lugar a cuidar do bem-estar da esposa e dos próprios filhos, da mesma forma que, quando ele era mais jovem, sua mãe dispensara maior atenção ao seu bem-estar que ao dos próprios pais. Se Bob tivesse maior convicção sobre a moralidade dos seus atos, poderia ter rebatido as acusações. Todavia, como eleja foi para o culto com um pouco de culpa, as palavras do pastor só fizeram confirmar a ideia confusa de que ele era, de fato, um homem mau e egoísta.

Nossos egos são tão vulneráveis, tão facilmente nos consideramos condenáveis que é indigno da religião nos manipular desta maneira. Na verdade, a meta da religião deveria ser ajudar a cada um ficar bem consigo mesmo quando se tomam decisões honestas e razoáveis, embora por vezes elas sejam necessariamente dolorosas.

Até mais que os adultos, as crianças tendem a ver-se como o centro de seu mundo e a acreditar que seus atos fazem as coisas acontecerem. Só com muito trabalho se convencem de que, quando um dos pais morre, não foram elas as causadoras. "Papai não morreu porque vocês estavam com raiva dele. Ele morreu porque sofreu um acidente (ou uma doença séria) e os médicos não puderam fazer nada. Sabemos que vocês gostavam de seu papai, embora algumas vezes ficassem zangados com ele. Todos nós por vezes nos zangamos com as pessoas que amamos, e isto não significa que não as amamos ou que desejamos que algo de ruim lhes aconteça."

As crianças precisam convencer-se de que o pai que morreu não as rejeitou nem *escolheu* abandoná-las, como poderiam facilmente concluir de explicações do tipo "Papai foi embora e não voltará mais". Até mesmo o autor do Salmo 27 da Bíblia, um adulto amadurecido e um poeta bem-dotado, fala da morte de seus pais nesses termos: "Porque meu pai e minha mãe me abandonaram." Está tão intensamente envolvido pelas mortes deles que não consegue ver as coisas do ponto de vista dos dois, que estavam doentes e morreram, mas apenas de seu próprio, que *eles o* abandonaram. Seria bom assegurar à criança que seu pai desejava viver, que ele desejava voltar do hospital e continuar fazendo com ela as coisas que antes fazia, mas que a doença ou o acidente foi tão sério que ele não conseguiu.

Tentar fazer com que uma criança se sinta melhor dizendo-lhe como é bonito o céu e como seu pai está feliz por encontrar-se com Deus é uma outra maneira de privá-la dos benefícios da aflição. Agindo assim, pedimos que a criança negue e desconfie de seus próprios sentimentos, que seja feliz quando ela realmente deseja estar triste, da mesma forma que todos ao redor dela estão tristes.

O direito que a criança tem de ficar desorientada e zangada, bem como a oportunidade de sua zanga pela situação (não contra o pai falecido ou contra Deus) devem ser reconhecidos na época em que vivemos.

A morte de uma outra criança — um irmão, um amigo, ou um desconhecido cuja morte foi noticiada pela televisão — também introduz no mundo da criança um sentimento de vulnerabilidade. Pela primeira vez, ela constata que algo de assustador e doloroso pode acontecer a alguém de sua idade. Fazia menos de um ano que eu estava à frente de minha atual congregação, quando fui chamado para levar aos pais a notícia de que seu filho de cinco anos de idade fora atropelado e morto pelo ônibus quando vinha da escola para casa. Além de tentar ajudar pai e mãe a lidarem com sua própria e esmagadora dor (e tendo ainda de enfrentar meus próprios sentimentos — eu gostava do garoto, gostava da família e recentemente soubera que meu filho morreria cedo), tive de explicar a meus próprios filhos e aos outros garotos da comunidade que as crianças estavam sujeitas a tais acontecimentos.

(Quando eu saía para ir ter com os pais na noite seguinte ao acidente, meu filho Aaron, que tinha então quatro anos, perguntou-me para onde eu estava indo. Relutei em dizer-lhe que um garoto quase da sua idade tinha morrido, saindo depois de casa sem podermos conversar sobre o assunto. Disse-lhe então que um garoto se machucara em um acidente e que eu ia ver o que podia ser feito. Às 7:00 h do dia seguinte, as primeiras palavras de Aaron foram: "Está tudo bem com o garotinho?")

Para os amiguinhos da vizinhança e os colegas do jardim de infância do garotinho, dividi o episódio em duas partes. Primeiro, disse-lhes que o que acontecera a Jonathan era muito incomum. Por isso, todo mundo estava comentando. Por isso, a notícia foi dada no rádio e na primeira página do jornal local. Este tipo de coisa é tão raro que vira notícia principal quando acontece. Quase sempre, as crianças descem dos ônibus e atravessam as ruas com total segurança. Quase sempre, as crianças que caem e se machucam logo ficam boas. Quase sempre, quando as crianças adoecem, os médicos podem curá-las. Algumas vezes, porém, em

ocasiões muito raras, uma criança se machuca ou fica doente, e ninguém consegue fazê-la melhorar, e ela morre. Quando isto acontece, todo mundo fica surpreso e muito triste.

Em segundo lugar, disse eu às crianças, não quero que vocês pensem que o que aconteceu a Jonathan foi uma punição porque ele era mau. Se vocês se lembram de alguma malcriação feita por Jonathan há alguns dias, e ontem ele foi atropelado e morreu, isto não significa que, se alguma vez vocês fizeram a mesma malcriação, algo de ruim vai acontecer a vocês. Jonathan não foi atropelado porque era um garoto ruim e merecia ser punido. Ele merecia continuar vivendo, brincando e se divertindo, mas este acidente terrível e sem sentido aconteceu.

As crianças que ficam confusas quando vêem uma pessoa paraplégica ou deficiente, ou que correm de um cego ou de um aleijado, assustadas com a ideia de que algo semelhante lhes pode acontecer, devem receber uma explicação parecida: Eu não sei o que houve com aquele homem. Talvez tenha sido um acidente. Talvez ele tenha tido uma doença grave. Talvez tenha estado no exército, combatendo para proteger nosso país, e foi ferido. Mas isto não significa que seja uma pessoa ruim a quem Deus está punindo. (Observem que, nas histórias infantis, corcundas, monstros disformes, pessoas mutiladas — como o "arquiinimigo" de Peter Pan, o Capitão Gancho — são retratados como vilões subumanos a ameaçar as crianças.) Bem que poderíamos tentar chamar a atenção da criança para os noventa e cinco por cento de normalidade, e não para o órgão defeituoso, nas pessoas que ela vê ou em si mesma. Por vezes, falar abertamente com o paraplégico ou com o deficiente sobre o membro artificial ou a cegueira pode facilitar a quebra da barreira ou desfazer o medo que a criança sente. (Isto, contudo, nem sempre será possível. Às vezes os aleijados e os deficientes não gostam de ser observados ou de falar sobre suas doenças. Para sua própria estabilidade emocional, eles talvez prefiram ser tratados como pessoas normais.)

As crianças são particularmente suscetíveis aos sentimentos de culpa. Mesmo depois de adultos, muitos de nós nunca superamos totalmente essa tendência. Uma palavra errada, até de alguém que só está tentando ajudar, servirá para reforçar a impressão de que, de fato, somos nós os culpados.

Beverly ficou arrasada quando o marido lhe anunciou que ia deixá-la. Seu casamento durara cinco anos. Não tinham filhos: ele a convencera de que o orçamento doméstico não permitia ainda que ela largasse o emprego. Brigavam, mas Beverly achava que seu casamento não era nem pior nem melhor que os de seus amigos. Então, num sábado pela manhã, ele comunicou-lhe que tinha decidido deixá-la. Disse que ela era chata, enquanto as outras mulheres com quem se encontrava eram interessantes, e que não achava justo, em tais circunstâncias, permanecerem os dois "grudados um ao outro". Uma hora mais tarde, depois de fazer suas malas, estava a caminho do apartamento de um amigo. Arrasada, Beverly foi para a casa dos pais e contou-lhes o ocorrido. Eles choraram com ela, confortaram-na, alternando entre críticas ao marido e conselhos práticos sobre advogados, chaves de casa e contas bancárias.

Após o jantar daquela noite, a mãe de Beverly, uma mulher carinhosa e preocupada, sentou-se a seu lado e tentou conversar sobre o caso. Querendo ser útil, perguntou-lhe sobre a vida sexual do casal, sobre suas finanças, os padrões de interação, examinando a situação sob todos os ângulos a fim de chegar à origem do problema. De repente, Beverly atirou longe sua xícara de café e explodiu: "Quer fazer o favor de parar com isto? Estou cansada de ouvir 'Talvez você não tenha feito isto' e 'Talvez você não tenha feito aquilo'. Parece até que eu é que sou a culpada de tudo. Você está me dizendo que, se eu tivesse me esforçado mais para ser uma boa esposa, ele não teria me largado. Não é isto? Só que esta não é a verdade. Eu fui uma boa esposa. Não mereço o que aconteceu. Não foi minha culpa!"

E ela tinha razão, embora sua mãe estivesse certa em tentar falar-lhe e confortá-la. É gratuito, até mesmo cruel, dizer a alguém abalado pelo divórcio, ou pela morte, ou por um outro desastre qualquer: "Talvez se você tivesse agido de maneira diferente, as coisas não teriam chegado ao ponto que chegaram." O que realmente entendemos dessas palavras é: "É sua culpa, pois a escolha foi sua." Algumas vezes, os casamentos fracassam porque os parceiros são imaturos ou porque as expectativas, de ambos os lados, não são reais. Há casos de pessoas que morrem porque são portadoras de doenças incuráveis, não porque seus familiares escolheram o médico errado ou esperaram demais para levá-las a um hospital. Por vezes os negócios vão à falência por causa das condições econômicas ou da poderosa concorrência que sofrem, não porque alguém em um posto-chave tomou uma decisão errada em um momento crucial. Se almejamos ser capazes de reunir os pedaços de nossas vidas e continuar vivos, temos de deixar de lado o sentimento irracional de que somos culpados das desgraças, de que elas decorrem de erros ou mau comportamento de nossa parte. Realmente não temos todo este poder. Nem tudo o que acontece no mundo é obra nossa.

Há alguns anos, officiei os funerais de uma mulher de 38 anos, que morrera de leucemia, deixando marido e um filho, um rapaz de 15 anos. Ao entrar na casa da família, após o enterro, ouvi uma tia dizer ao rapaz: "Não se sinta mal, Barry. Deus levou sua mãe porque estava precisando mais dela agora do que você." Concedi à tia o benefício da dúvida: certamente ela procurava fazer Barry sentir-se melhor. Esforçava-se

para, de alguma forma, dar sentido ao horrível e trágico evento. Mas achei que havia nas duas sentenças pelo menos três erros básicos.

Em primeiro lugar, ela pediu a Barry que não se sentisse mal. Mas como poderia ele sentir-se bem no dia dos funerais de sua mãe? Por que haveria ele de fugir aos sentimentos honestos de dor, frustração e perda? Por que deveria censurar sentimentos honestos e legítimos para que a ocasião fosse menos penosa aos outros?

Em segundo lugar, explicou a morte da mãe como se Deus a tivesse levado. Não penso assim. A explicação não se encaixa na minha compreensão de Deus e acabaria fazendo com que Barry, ressentido contra Deus, ficasse menos aberto ao conforto que a religião poderia proporcionar.

O terceiro engano, mais sério que os outros dois, sugeria que Deus levara a mãe de Barry, porque Ele precisava dela mais do que o filho. Acho que entendi o que ela estava querendo dizer: que a morte da cunhada se enquadrava de algum modo nos desígnios de Deus. Suspeito, porém, de que não foi esta a mensagem que Barry captou. O que Barry ouviu foi: "É sua culpa se sua mãe morreu. Você não precisava dela o suficiente. Se você precisasse um pouco mais dela, estaríamos com ela ainda viva."

Dá para imaginar o que significa ter 15 anos de idade, iniciar os primeiros passos vacilantes em direção à independência, amar e precisar de seus pais mas mostrar impaciência pelo fato de depender deles, aguardando ansiosamente o dia em que poderá superar a necessidade que sente deles e ser completamente autônomo? Se Barry era um típico rapaz de 15 anos, ele comia o alimento que seus pais compravam e preparavam para ele, vestia as roupas que lhe adquiriam, morava em um quarto da casa deles, pedia-lhes que o levassem de carro aonde desejava ir e sonhava com o dia em que tudo isto não seria mais necessário. Então, repentinamente morre sua mãe, e a tia explica-lhe sua morte dizendo: "Você não precisava dela o bastante; foi por isso que ela morreu." Não era isto que ele precisava ouvir naquele dia.

Tive de passar muitas horas com Barry, suplantando o peso da raiva inicial que ele nutria contra o representante do Deus cruel que lhe arrebatara a mãe, passando por cima de sua relutância em discutir um assunto doloroso que ele temia acabasse incriminando-o. Tive de persuadi-lo que a morte da mãe não fora sua culpa. Ela não morreu porque ele a ofendera, negligenciara suas obrigações ou desejara ver-se livre dela. Ela morreu porque tinha leucemia. Disse-lhe que não sabia por que sua mãe tinha leucemia. Não sabia por que alguém contraía tal doença. Mas acreditava, da maneira mais forte possível, que Deus não queria puni-los, nem a ele e nem a ela. Disse para Barry o que penso que as pessoas religiosas deveriam dizer aos que sofrem os rudes golpes da vida: "Não foi sua culpa. Você é uma pessoa boa e decente, que merece coisas melhores. Posso entender que você se sinta magoado, confuso, com raiva contra o que aconteceu, mas não há razão para culpa. Como um homem de fé, vim aqui em nome de Deus, não para julgá-lo, mas para ajudá-lo. Você deixará que eu o ajude?"

Sempre que coisas ruins acontecem a pessoas boas, é provável que surja o sentimento de que poderíamos ter evitado a desgraça se tivéssemos agido de outro modo. E existirão quase certamente sentimentos de raiva. Parece instintivo ficarmos com raiva quando somos feridos. Se dou uma topada contra uma cadeira, sinto raiva da cadeira por estar ali e de mim por não-olhar o lugar onde andava. Quando nos sentimos feridos e com raiva, é importante perguntar o que fazer com nossa raiva.

Linda, uma conselheira escolar, chegou à casa certa tarde e encontrou seu apartamento saqueado. Levaram o televisor e a aparelhagem de som. As jóias, presenteadas por sua avó, não estavam mais lá. Roupas espalhadas por todo canto; a gaveta onde guardava suas roupas íntimas no chão, vazia. Linda ficou mais chocada por essa invasão de sua privacidade que pelos prejuízos. Sentindo-se quase que fisicamente violada, caiu sobre uma poltrona e chorou diante da injustiça disto tudo. Uma mistura complicada de emoções a invadiu. Sentia-se ferida, envergonhada sem saber por quê, com raiva de si própria por descuidar da segurança do apartamento, com raiva do emprego que a mantinha longe de casa e permitia a livre ação dos arrombadores, deixando-a ainda emocionalmente esgotada demais para suportar este peso adicional. Sentiu raiva contra o síndico do edifício e os policiais da esquina por não protegerem melhor sua propriedade, raiva contra a cidade por ter tantos criminosos e marginais, raiva contra o mundo em geral por ser tão injusto. Ela fora magoada e achava-se profundamente transtornada, porém, confusa, não sabia contra quem dirigir sua raiva.

Por vezes, nossa raiva é dirigida contra o responsável direto pelo que nos acontece: o chefe que nos demite, a esposa que nos larga, o motorista que provoca o acidente. Outras vezes, como nossa raiva é grande demais para ser contida, temos de encontrar alguém em quem descarregar, seja tal pessoa culpada ou não, convencendo-nos de que ela poderia ou deveria ter evitado a tragédia. Já ouvi pessoas falarem sobre a morte, ocorrida há mais de 10 anos, de uma esposa ou filho, tornando-se tais pessoas, no decurso da narração, tão iradas quanto ficaram há 10 anos contra o médico que chegou atrasado ou errou no diagnóstico.

O que mais constrange em tais ocasiões são as acusações mútuas entre marido e mulher depois da morte de um filho. "Por que você não tomou conta dele com mais cuidado?" "Por que você não se encontrava em casa, deixando-me um pouco mais livre de tudo o que tinha de fazer?" "Talvez se você o tivesse alimentado melhor..." "Se ele não tivesse se resfriado naquela estúpida pescaria..." "Pelo lado de minha família, ele sempre teve saúde; seus parentes é que têm tendência à doença." Um homem e uma mulher que se amam magoam-se profundamente. Magoados, tornam-se irados, dirigindo sua raiva contra o alvo mais próximo.

Caso semelhante, embora não tão trágico, é o do homem que perde o emprego e descarrega sua raiva na mulher. Ela teria feito com que ele se distraísse em seu trabalho com problemas de casa, ela o teria desmoralizado não dando atenção devida ao patrão ou cliente importante.

Por vezes, quando não encontramos outra pessoa sobre quem descarregar nossa raiva, voltamos-nos contra nós mesmos. Os manuais definem depressão como "raiva contida, que não é orientada contra um objeto externo". Acho que todos conhecemos pessoas que ficaram deprimidas depois de uma morte, um divórcio, uma rejeição ou perda de emprego. Permaneciam em casa, dormiam até o meio-dia, descuidavam a aparência pessoal e recusavam todas as mostras de amizade. Isto é depressão — nossa raiva dirigida contra nós mesmos. Quando nos incriminamos, nosso desejo é magoar-nos, para nos punirmos pelo que nos aconteceu.

E por vezes ficamos com raiva de Deus. Como fomos educados na crença de que tudo sucede por vontade dEle, consideramo-Lo responsável pelo que aconteceu ou, no mínimo, por não tê-lo impedido. Pessoas religiosas deixam de ser religiosas, talvez porque achem que as orações e as cerimônias não mais exprimem seus sentimentos ("por que tenho de dar ação de graças?"), talvez como uma maneira de "ficar quites com Deus". E não raro a tragédia faz de um incrédulo um religioso irado e desafiador. "Eu tinha de acreditar em Deus", disse-me um homem certa vez, "para ter alguém a quem censurar, contra quem blasfemar e esbravejar, quando me parecesse que meu mundo estava caindo aos pedaços."

No romance *A Promessa*, Chaim Potok conta a história de um rapaz que perdeu a razão por não poder controlar a raiva contra seu pai. Michael Gordon ama e admira tanto o próprio pai que não pode encarar o fato de frequentemente ficar ressentido e ter raiva dele. O psiquiatra, Danny Saunders, é a pessoa indicada para ajudar Michael por ter sofrido na pele os sentimentos ambivalentes de amor-ódio-admiração-raiva contra um pai poderoso, admirável e dominador, tendo superado com êxito tais sentimentos. Um dos personagens secundários mais fascinantes de *A Promessa* é o Rabino Kalman, professor no seminário rabínico frequentado pelo melhor amigo de Danny (que é o narrador do livro). O Rabino Kalman é um sobrevivente do Holocausto. Sua esposa e filhos morreram nos campos de concentração. É um judeu rigidamente ortodoxo, que considera pecado até mesmo questionar acerca de Deus e sobre a maneira como Ele age. Deve-se acreditar de todo coração, sem dúvidas.

Embora Potok não tenha explicitado claramente, eu entendo que o personagem do Rabino Kalman está em paralelismo com os de Danny Saunders e Michael Gordon. Da mesma forma que Michael ficou doente por não poder lidar com a raiva contra o pai, o Rabino Kalman tornou-se um tirano, sem qualquer simpatia humana, por não poder enfrentar sua raiva contra o Pai Celestial. O Rabino Kalman não admite dúvidas ou questionamentos sobre Deus porque sabe, no fundo de sua mente, o quanto está furiosamente irado contra Deus pela morte de sua família e, também, porque sabe que qualquer questionamento sobre Deus acabará em uma colérica explosão contra Deus, podendo acarretar até mesmo a rejeição de Deus e de toda a religião. E ele não pode correr tal risco. Acaso temeria o Rabino Kalman que sua raiva, se liberada, fosse tão forte que acabaria por destruir Deus? Ou não estaria ele temeroso de que, se de algum modo deixasse transparecer sua enorme ira, Deus o punisse ainda mais?

No romance, Michael fica curado quando aprende a não temer a própria raiva. Sua raiva é normal, compreensível e muito menos destrutiva do que ele imagina. Compreende, para seu grande alívio, que não há nada de errado em zangar-se contra pessoas a quem se ama. Mas ninguém diz ao Rabino Kalman que não há nada de errado em zangar-se com Deus.

Na verdade, zangar-se contra Deus não O magoa nem O leva a tomar medidas contra nós. Se nos faz bem jogar nossa raiva contra Ele em uma situação dolorosa, somos livres de fazê-lo. A única coisa de errado nisto é que Deus não tem culpa nenhuma.

Que fazer com nossa raiva quando somos magoados? O ideal, se estiver ao nosso alcance, será *ficar com raiva da situação*, e não contra nós mesmos, ou contra aqueles que poderiam tê-la evitado ou estão conosco tentando ajudar, ou contra Deus que a teria permitido. Sentir raiva de nós mesmos nos deixa deprimidos. Sentir raiva de outras pessoas afasta-as de nós, dificultando a ajuda que nos podem dar. Sentir raiva de Deus erige uma barreira entre nós e as fontes de sustentação e conforto da religião, capazes de nos levantar em semelhantes ocasiões. Mas sentir raiva da situação, reconhecê-la como algo deslegante,

desonesto e totalmente imerecido, gritar contra ela, denunciá-la, chorar sobre ela, permite-nos descarregar a raiva que é parte de nossa mágoa sem dificultar a ajuda que outros nos podem dar.

O ciúme é uma parte quase tão inevitável do sentir-se magoado pela vida como o são a culpa e a raiva. Como pode alguém tão ferido não ter ciúme das pessoas que não merecem coisa melhor e que receberam mais? Como pode a viúva não ter ciúmes até mesmo de suas amigas mais íntimas que ainda têm um marido que volta para casa? Que reação se espera da mulher que ouviu de seu médico que nunca terá filhos, quando sua cunhada lhe confia algo que algo saiu errado e que está grávida pela quarta vez?

De nada serve combater o ciúme com propósitos moralizantes. O ciúme é um dos sentimentos mais fortes. Toca-nos profundamente, afetando-nos em pontos delicadíssimos. Os psicólogos fazem as origens do ciúme remontarem às rivalidades infantis. Quando crianças, competimos com nossos irmãos e irmãs pelo amor e atenção limitados de nossos pais. É muito importante para nós, não apenas sermos bem tratados, mas sermos tratados melhor que os outros. O pedaço melhor do frango, a porção maior da sobremesa não representam apenas uma preocupação pelo alimento — são afirmações simbólicas sobre quais os filhos mais amados. Esforçamo-nos e competimos para vencer a luta pelo amor, não pelo alimento. (Você sabia que a primeira menção ao "pecado" na Bíblia aparece não em relação ao fato de Adão e Eva comerem o fruto proibido, mas em relação ao fratricídio de Abel por Caim, em um acesso de ciúme, por Deus ter preferido as oferendas de Abel?) Quando crescemos, não superamos por completo os hábitos infantis de competição, da necessidade de ser continuamente reforçada a certeza de que somos "mais amados", da mesma forma que jamais superamos totalmente o hábito de pensar em Deus como o "Papai do Céu". Sofrer um acidente ou uma privação já é em si um grande mal. Padecermos, porém, esses golpes, enquanto as pessoas ao nosso redor nada sofrem, é ainda pior, por despertar por inteiro a competitividade infantil que está em nós e parecer uma proclamação de público que Deus nos ama menos que aos outros.

Podemos entender a lógica da afirmação segundo a qual não nos sentimos nem um pouquinho mais saudáveis quando nossos amigos e vizinhos estão gravemente doentes, nem tampouco temos qualquer prazer com sua moléstia. Sabemos perfeitamente que continuaríamos solitários da mesma forma se os maridos de nossas amigas morressem, e realmente não desejamos que isto aconteça. (Acontecerá um dia, e então teremos de lutar com nossos sentimentos de culpa por tê-lo desejado.) Podemos saber de tudo isto, e ainda assim ficamos ressabiados com eles por terem saúde, família, emprego, quando nós perdemos os nossos. Podemos até compreender que, com o ciúme da boa sorte dos que estão ao nosso redor, só fazemos dificultar a ajuda que eles nos podem prestar, por sentirem nossa inveja e malquerença. Magoamo-nos muito mais a nós que aos outros sentindo ciúmes, e o sabemos. Ainda assim o sentimos.

Uma antiga lenda chinesa fala de uma mulher cujo filho único morreu. Em sua dor, ela aproximou-se do mestre e disse: "De que orações ou de que encantamentos mágicos dispões para trazer de volta a vida de meu filho?" Em vez de mandá-la embora ou argumentar com ela, ele lhe disse: "Traz-me um grão de mostarda de um lar que jamais conheceu a tristeza. Nós o usaremos para expulsar a tristeza de tua vida." A mulher partiu de imediato em busca do grão mágico de mostarda. Primeiro dirigiu-se a uma esplêndida mansão, bateu à porta e falou: "Estou procurando uma casa que nunca conheceu a tristeza. Esta casa é uma delas? É muito importante para mim." Responderam-lhe: "Vieste ao lugar errado." E começaram a descrever-lhe as trágicas coisas que recentemente lhes tinham acontecido. A mulher pensou consigo mesmo: "Quem é capaz de ajudar a esses infelizes melhor do que eu, que tive minhas próprias desgraças?" E demorou-se algum tempo confortando-os. Depois prosseguiu na busca de uma casa que nunca conhecera a tristeza. Para onde quer, porém, que se voltasse, para as choupanas ou para os palácios, ela só encontrava histórias de tristeza e desgraças. Ao final, ela se envolveu tanto em amenizar a dor das outras pessoas que esqueceu a busca da semente mágica de mostarda, não percebendo que acabara por expulsar a tristeza de sua vida.

Talvez seja esta a única cura do ciúme — a constatação de que as outras pessoas que invejamos por terem o que nos falta certamente têm suas próprias feridas e cicatrizes. Elas podem até estar nos invejando. A mulher casada que tenta confortar a vizinha na viuvez talvez tenha razão para temer que seu marido perca o emprego. Talvez tenha um filho delinquente com que se preocupar. A cunhada grávida pode ter tido alguma notícia perturbadora sobre seu estado de saúde. Quando eu era um jovem rabino, as pessoas muitas vezes resistiam a meus esforços para ajudá-las em suas penas. Quem era eu, jovem, saudável, com um bom emprego, para chegar e desfiar clichês batidos sobre partilhar a sua dor? Ao longo dos anos, contudo, à medida que ficaram sabendo da doença de nosso filho e do prognóstico, sua resistência amoleceu. Passaram a aceitar minha consolação porque não mais tinham razão para invejar minha felicidade em contraste com sua má sorte. Eu já não era mais o filho predileto de Deus. Era o irmão no sofrimento, e eles podiam ser ajudados por mim.

Mas todos somos irmãos ou irmãs no sofrimento. Ninguém chega até nós de uma casa que nunca conheceu a tristeza. Eles vêm para nos ajudar porque também eles sabem o que é ser magoado pela vida.

Não acho que devamos desafiar uns aos outros com nossos problemas. ("Você pensa que tem problemas? Deixe-me contar-lhe os meus, e verá como os seus são pequenos.") Este tipo de competitividade não leva a nada. É tão ruim quanto a competitividade que faz surgir a rivalidade infantil e os primeiros ciúmes. Os aflitos não estão à procura de um convite para participar das Olimpíadas do Sofrimento. Convém, todavia, que nos lembremos do seguinte: A angústia e o desgosto não estão distribuídos de maneira igual no mundo, mas estão distribuídos em larga escala. Cada um leva sua parte. Se conhecêssemos todos os fatos, muito dificilmente encontraríamos alguém cuja vida seria invejável.

CAPITULO 7

Deus não pode fazer tudo, mas faz coisas muito importantes

Pouco antes das 21:00 h, certa noite, o telefone toca em minha casa. Sempre achei que os telefones têm uma maneira especial e agourenta de tocar tarde da noite, anunciando, antes mesmo de se atender, que algo de ruim está acontecendo. Atendo, e a voz do outro lado identifica-se como alguém que nunca me viu nem é membro de minha congregação. Ele me diz que sua mãe está no hospital, devendo submeter-se a uma operação séria na manhã seguinte. Será que eu poderia fazer uma oração pela sua recuperação? Tento conseguir mais informações, porém são visíveis o transtorno e o estado tumultuado de espírito do meu interlocutor. Anoto o nome hebraico de sua mãe, garanto-lhe que a oração será feita e desejo-lhe o melhor, para ele e a mãe. Desligo e sinto-me perturbado, como frequentemente me ocorre depois de semelhantes conversações.

Orar pela saúde de uma pessoa, pelo resultado favorável de uma operação tem implicações que só podem preocupar a alguém que pensa. Se a oração funcionasse como muitas pessoas acham, ninguém morreria, porque nenhuma oração é feita com maior sinceridade que aquela pela vida, pela saúde e pela recuperação de uma doença, por nós ou pelos que amamos.

Se acreditamos em Deus mas não O responsabilizamos pelas tragédias da vida, se acreditamos que Deus deseja a justiça e a equidade mas nem sempre consegue fazer com que elas se imponham, que fazemos quando oramos a Deus para nos sairmos bem de uma crise em nossa vida?

Acredito eu — e também o homem que me telefonou — em um Deus que tem o poder de curar malignidades e influir no resultado de uma cirurgia, mas que só o fará se a pessoa certa recitar as palavras certas na língua certa? E deixará Deus morrer alguém porque um estranho, orando pela sua cura, pronunciou algumas das palavras erradamente? Quem dentre nós poderia respeitar ou cultuar um Deus cuja mensagem implícita fosse "Eu poderia ter feito sua mãe recobrar a saúde, porém você não suplicou nem se rebaixou o bastante?" E se não conseguimos aquilo por que oramos, como evitar o sentimento de raiva para com Deus ou a sensação de que fomos julgados, chegando-se ao veredito de que nosso empenho não foi suficiente? Como evitar o sentimento de que Deus nos abandonou no momento exato em que mais precisávamos dEle? E como evitar a alternativa igualmente indesejável de que fomos desaprovados por Deus?

Imagine a mente e o coração de uma criança cega ou aleijada a quem se contam histórias piedosas e com finais felizes, histórias de pessoas que rezaram e que foram milagrosamente curadas. Imagine esta criança orando com toda a sinceridade e inocência ao seu alcance para que Deus a faça sã, como as outras crianças. E agora imagine a sua angústia, sua raiva externada contra Deus e aqueles que lhe contaram tais histórias, ou dirigida para dentro, contra si mesma, ao perceber que sua deficiência será permanente. Existe uma maneira melhor de ensinar as crianças a odiarem a Deus do que ensinar-lhes que Deus poderia tê-las curado, mas, "para seu próprio bem", preferiu não fazê-lo?

Existem diversas maneiras de responder a alguém que pergunta: "Por que não obtive aquilo por que orei?" E a maioria das respostas são problemáticas, conduzindo a sentimentos de culpa, ou raiva ou desesperança.

—Você não foi atendido em sua oração porque não o merecia.

—Você não foi atendido em sua oração porque não orou com toda sinceridade.

—Você não foi atendido em sua oração porque Deus sabe melhor que você o que lhe convém.

—Você não foi atendido em sua oração porque as preces de alguma outra pessoa pedindo o contrário foram mais fortes.

—Você não foi atendido porque toda oração é uma impostura; Deus não ouve orações.

—Você não foi atendido em sua oração porque Deus não existe.

Se não estamos satisfeitos com nenhuma dessas respostas, e não queremos renunciar à ideia da oração, existe um outra possibilidade. Podemos mudar nosso entendimento do que significa orar e do que significa serem nossas orações atendidas.

O Talmud, compilação de comentários à Lei Judaica que citei anteriormente neste livro, dá exemplos de orações ruins, orações inconvenientes, que ninguém deveria fazer. Se uma mulher está grávida, nem ela nem

o marido deveriam orar "Faça Deus com que esta criança seja um menino" (nem, por exclusão, podem eles orar para que seja uma menina). O sexo de uma criança é determinado na concepção, e Deus não pode ser invocado para mudá-lo. Igualmente, se alguém vê um incêndio dirigir-se para as vizinhanças de sua casa não deveria orar "Deus, não permita que o fogo atinja minha casa". Não só é baixeza de espírito rezar para que a casa de algum outro queime em lugar da sua, como é fútil. Alguma casa já está em chamas — a mais sincera ou bem-intencionada das orações não afetará em nada a questão de quem é o dono da casa.

Podemos transpor esta lógica para situações contemporâneas. Seria igualmente inconveniente que um candidato a um curso universitário, depois de prestar os exames vestibulares, orasse "Praza a Deus que eu tenha passado" ou que alguém, esperando o resultado de uma biópsia, orasse "Praza a Deus que tudo esteja bem". Como nos casos talmúdicos da mulher grávida ou da casa em chamas, preexistem certas condições. Não podemos pedir que Deus volte atrás e reescreva o passado.

Tampouco, como já sugerimos, podemos pedir a Deus que mude as leis da natureza, que torne condições fatais menos fatais ou que mude o curso inexorável de uma doença. Por vezes milagres acontecem. Malignidades misteriosamente desaparecem, pacientes incuráveis se recuperam, e os médicos, perplexos, atribuem-no a um ato de Deus. Tudo o que podemos fazer em tais casos é acompanhar a gratidão confusa do médico. Não sabemos por que uns se recuperam espontaneamente de doenças que matam ou aleijam outros. Não sabemos por que certas pessoas morrem em desastres de carro ou avião, enquanto outras, sentadas ao seu lado, se salvam com poucos ferimentos ou queimaduras, além de um grande susto. Não posso acreditar que Deus ouça as orações de uns e não as de outros. Não haveria qualquer razão para Ele assim proceder. E as mais minuciosas pesquisas nas vidas das pessoas que morreram ou que sobreviveram não nos ensinariam a viver ou a orar de modo a merecermos também nós os favores de Deus.

Quando os milagres se realizam e as pessoas superam os piores obstáculos à sua sobrevivência, deveríamos ser aconselhados a nos curvar diante do milagre e não a pensar que foram nossas orações, donativos e penitências que o causaram. Quando tentarmos outra vez, talvez não entendamos por que nossas orações sejam ineficazes.

Outra categoria de oração inconveniente é aquela que se destina a provocar danos a alguém. Se a oração, da mesma forma que a religião como um todo, visa ao engrandecimento de nossas almas, não deve ser colocada a serviço da baixeza, inveja ou vingança. Conta-se a história de dois lojistas, inimigos ferrenhos. Suas lojas situavam-se frente a frente, na mesma rua, e eles chegavam a passar o dia todo sentados na porta, cada um vigiando o negócio do outro. Quando um conseguia um freguês, lançava seu sorriso de triunfo para o rival. Certa noite, um anjo apareceu em sonho a um dos comerciantes e disse: "Deus me enviou para lhe ensinar uma lição. Ele fará tudo o que você pedir, mas saiba que seu concorrente do outro lado da rua terá em dobro tudo o que você conseguir. Deseja ser rico? Você pode ser muito rico, mas ele terá duas vezes mais sua riqueza. Deseja uma vida longa e saudável? Você terá, mas a vida dele será mais longa e mais sadia. Você pode ser famoso, ter filhos de quem se orgulhar, tudo o que quiser. Mas tudo o que você conseguir ele terá em dobro." O homem franziu a testa, pensou um pouco e decidiu: "Tudo bem, meu pedido é: faça-me cego de um olho." Finalmente, não podemos pedir a Deus em oração que faça algo que está dentro de nossas possibilidades, para nos evitar o incômodo de fazê-lo. Um teólogo contemporâneo escreveu estas palavras:

Não podemos, ó Deus, pedir-Te simplesmente que acabes com a guerra; Pois sabemos que fizeste o mundo De maneira que o homem pode encontrar seu próprio caminho para a paz Dentro de si e com seu vizinho. Não podemos, ó Deus, pedir-Te simplesmente que acabes com a inanição; Pois já nos deste recursos Suficientes para alimentar o mundo todo Se os utilizarmos com sabedoria. Não podemos, ó Deus, pedir-te simplesmente

Para acabar com o preconceito, Pois já nos deste olhos Para vermos o bem em todos os homens, Bastando usá-los corretamente.

Não podemos, ó Deus, pedir-Te simplesmente que acabes com o desespero, Pois já nos deste o poder De eliminar as favelas e distribuir esperança,

Se formos capazes de usar nosso poder com justiça. Não podemos, ó Deus, pedir-Te simplesmente que acabes com a doença, Pois já nos deste grandes inteligências Para pesquisar e descobrir as curas, Só nos faltando usá-las construtivamente. Assim, em vez disso tudo nós Te pedimos, ó Deus, Fortaleza, determinação e vontade, Para fazermos e não apenas orarmos, Para sermos e não simplesmente desejarmos.

(Jack Riemer, *Likrat Shabbat*)

Se não podemos orar a Deus pelo impossível ou pelo que não é natural, se não podemos orar no sentido de vingança ou irresponsabilidade, pedindo a Deus para levar a cabo o que compete a nós fazer, o que sobra para pedirmos em oração? Que pode a oração fazer por nós, para ajudar-nos quando nos sentimos

magoados?

A primeira coisa que a oração faz por nós é colocar-nos em contato com outras pessoas, pessoas que partilham dos mesmos interesses, valores, sonhos e dores que nós. No final do século XIX e começo do século XX, um dos fundadores da ciência da sociologia foi um francês de nome Émile Durkheim. Neto de um rabino ortodoxo, Durkheim estava interessado no papel que a sociedade desempenhava na formação da visão religiosa e ética das pessoas. Passou anos nas ilhas dos Mares do Sul estudando a religião dos nativos primitivos para descobrir como era a religião antes de ser formalizada nos livros de oração e no clero profissional. Em 1912, ele publicou seu importante livro *Formas Elementares da Vida Religiosa*, no qual sugere que a finalidade primária da religião, em seu nível mais primitivo, não era colocar as pessoas em contato com Deus, senão em contato umas com as outras. Os rituais religiosos ensinavam as pessoas a partilharem com seus vizinhos as experiências do nascimento e da privação, do casamento dos filhos e da morte dos pais. Havia rituais para o plantio e para a colheita, para o solstício e para o equinócio. Dessa forma, a comunidade podia partilhar dos momentos mais alegres e mais amedrontadores da vida. Ninguém os enfrentava sozinho.

Eu penso ser isto o que a religião ainda faz de melhor. Até pessoas que em sua vida comum não são muito inclinadas a rituais aceitam o casamento tradicional na presença de amigos e vizinhos, pronunciando palavras familiares e realizando cerimônias familiares, embora o casamento seja igualmente válido ainda que realizado na privacidade de uma câmara judicial. Nós precisamos partilhar nossas alegrias com outras pessoas, e precisamos mais ainda partilhar nossos temores e angústias. O costume judeu do *shiva*, a semana memorial depois da morte, como o velório cristão ou a visita à capela mortuária, nasceram dessa necessidade. Quando nos sentimos tão terrivelmente sós, esmagados sob a mão do destino, quando somos tentados a rastejar pelos cantos sentindo pena de nós mesmos, precisamos lembrar-nos de que fazemos parte de uma comunidade, que existem pessoas ao redor que se importam conosco e que integramos ainda a corrente da vida. Neste ponto, a religião estrutura nosso comportamento, forçando-nos a permanecer com as pessoas e a deixá-las entrar em nossas vidas.

Muito frequentemente, quando me encontro com uma família depois de uma morte e antes dos funerais, ouço a pergunta: "Realmente precisamos de sentar *shiva*, com toda aquela gente se aglomerando em nossa sala de estar? Não poderíamos pedir que nos deixassem a sós?" Minha resposta é: "Não, pois é exatamente disso que vocês precisam — deixar as pessoas entrarem em sua casa, em sua dor. Vocês precisam partilhar com elas, falar com elas, permitir que elas os confortem. Vocês precisam lembrar-se de que ainda estão vivos, como parte de um mundo de vida."

Existe um costume maravilhoso no ritual de luto judaico, chamado *se'udat havra'ah*, a ceia do reabastecimento. Ao regressar do cemitério, quem está de luto não toma alimento para si mesmo (ou para os outros). Outras pessoas devem alimentá-lo, simbolizando o modo como a comunidade se une ao seu redor para sustentá-lo e tentar encher o vazio de seu mundo.

E quando as pessoas de luto assistem ao serviço do Kaddish, a oração recitada durante um ano após a morte, elas sentem o contexto de uma congregação apoiadora e simpática ao seu redor. Elas vêem e ouvem outros também de luto, privados de entes caros, e se sentem menos oprimidas pelo destino adverso. São confortadas pela sua presença, por serem aceitas e consoladas pela comunidade, sem nada que as faça sentirem-se vítimas a que Deus achou por bem punir.

No caso com que abri este capítulo, um estranho me telefona e pede para eu orar por sua mãe, que ia ser operada. Por que concordei, se não acredito que minhas orações (ou as suas, não importa) possam levar Deus a modificar os resultados da cirurgia? Ao concordar, eu estava lhe dizendo: "Eu ouço sua preocupação por sua mãe. Compreendo que esteja aborrecido e temeroso do que possa acontecer. Desejo que você saiba que eu e seus vizinhos nesta comunidade partilhamos de sua preocupação. Estamos com você, embora não o conheçamos, porque podemos imaginar-nos na situação em que você se encontra, desejando e necessitando de todo apoio que possa conseguir. Estamos ao seu lado, esperando e rezando para que tudo corra bem, de modo que você não sinta que está enfrentando esta terrível situação sozinho. Se ajuda a você e a sua mãe saber que também nos preocupamos e esperamos pela sua recuperação, deixe-me garantir-lhe que a realidade é exatamente esta." E creio firmemente que o conhecimento de que outros se importam afeta o curso da saúde de uma pessoa.

A oração, quando feita da maneira correta, redime as pessoas do isolamento. Dá-lhes a certeza de que não precisam sentir-se sós e abandonadas. Leva-as ao conhecimento de que fazem parte de uma realidade maior, de maior profundidade, maior esperança, maior coragem e mais futuro do que qualquer indivíduo poderia ter por si próprio. Alguém vai a um serviço religioso, recita as orações tradicionais, não para encontrar Deus (existem inúmeros outros lugares onde Ele pode ser encontrado), mas para encontrar uma congregação, para encontrar pessoas com as quais partilhar aquilo que de mais valioso se tem. Sob este

ponto de vista, o simples fato de ser capaz de orar ajuda, quer sua oração mude ou não o mundo exterior.

O maravilhoso contista Harry Golden destaca este ponto em um de seus contos. Quando ele era jovem, certa vez perguntou ao pai: "Se você não acredita em Deus, por que vai à sinagoga com tanta regularidade?" O pai respondeu: "Os judeus vão às sinagogas por inúmeras razões. Meu amigo Garfinkle, que é ortodoxo, vai para conversar com Deus. Eu vou para conversar com Garfinkle."

Contudo, esta é apenas a metade da resposta à nossa pergunta "para que serve a oração?" — talvez a metade menos importante. Além de nos colocar em contato com outras pessoas, a oração nos coloca em contato com Deus. Não estou certo de que a oração nos coloca em contato com Deus do modo como muita gente pensa que ela faz — abordando a Deus como um suplicante, como um mendigo pedindo favores, ou como um freguês apresentando-Lhe uma lista de compras e indagando quanto custa. O objetivo principal da oração não é pedir a Deus para mudar as coisas. Se chegarmos a entender o que a oração pode e deve ser e nos livrarmos de algumas expectativas irrealísticas, estaremos em melhores condições de recorrer à oração e a Deus, quando mais estivermos necessitados.

Comparemos duas orações encontradas na Bíblia, ambas pronunciadas pela mesma pessoa, em circunstâncias quase iguais, a um intervalo de 20 anos. Ambas estão no Livro do Gênese, no ciclo de histórias sobre a vida dos patriarcas.

No capítulo 28, Jacó é um jovem e passa sua primeira noite fora de casa. Ele deixara a casa de seus pais, depois de discutir com o pai e o irmão, e viaja a pé para a terra de Arã, a fim de ir viver com o tio Labão. Assustado e inexperiente, sentindo vergonha do que fizera em casa e sem saber o que o aguarda na casa de Labão, ele ora: "Se Deus for comigo, e me guardar nesta jornada que empreendo, e me der pão para comer e roupa para que me vista, de maneira que eu volte em paz para a casa de meu pai, então o Senhor será o meu Deus. E a pedra, que erigi por coluna, será a casa de Deus; e de tudo quanto me concederes, certamente eu te darei o dízimo." Aqui a oração de Jacó é a de um jovem amedrontado, que se prepara para enfrentar uma vida mais dura, não está seguro do que faz e pensa que pode "subornar" a Deus para que Lhe facilite as coisas. Ele propõe uma espécie de barganha com Deus, esperando dEle proteção e riqueza, e aparentemente crê em um Deus cujo favor pode ser conquistado e cuja proteção pode ser comprada com promessas de oração, caridade e culto exclusivo. Sua atitude, à semelhança da de muitas pessoas que hoje enfrentam a doença e a desgraça, exprime-se deste modo: "Deus, faz com que tudo saia bem e eu farei tudo o que quiseres. Pararei de mentir, irei regularmente aos serviços religiosos — basta que digas e eu o farei, contanto que me concedas o que peço." Quando não estamos pessoalmente envolvidos, reconhecemos a imaturidade dessa atitude e a descrição infantil do Deus aí presente. Não é imoral pensar-se dessa maneira, porém tal postura carece de precisão. Não é assim que o mundo funciona. As bênçãos de Deus não estão à venda.

E Jacó acaba aprendendo essa lição. De acordo com a continuação do relato bíblico de sua vida, Jacó passa 20 anos na casa de Labão. Casa com as duas filhas de Labão e tem muitos filhos. Trabalha arduamente e acumula o início de uma pequena fortuna. E chega o dia em que tem de tomar suas esposas e filhos, seus criados e rebanhos, e ir para casa. Ele chega à margem do mesmo rio onde parara e orara no capítulo 28. Novamente, ele está ansioso e com medo. Novamente, ele se dirige para um país desconhecido, uma situação que não Lhe é familiar. Ele sabe que no dia seguinte terá de enfrentar o irmão Esaú, que 20 anos atrás o ameaçara de morte. Uma vez mais, Jacó ora. Mas, desta feita, com 20 anos mais de idade e de sabedoria, sua oração é muito diferente da que fizera quando rapaz. No capítulo 32 do Gênese, Jacó ora: "Deus de meu pai Abraão e de meu pai Isaque, sou indigno de todas as misericórdias e de toda a fidelidade que tens usado para com teu servo. Pois com apenas o meu cajado atravessei este rio; já agora sou dois bandos. Livra-me das mãos de meu irmão Esaú, porque eu o temo. E disseste: Certamente eu te farei bem e dar-te-ei a descendência como a areia do mar."

Em outras palavras, a oração de Jacó não mais é uma proposta de barganha com Deus, não mais apresenta a Deus uma longa lista de demandas — alimento, roupa, prosperidade, retorno. Ela reconhece que em nenhuma oportunidade Deus pode ser pago por nos abençoar e nos ajudar. A oração madura de Jacó diz simplesmente: "Deus, não tenho queixas a Te fazer nem nada a Te oferecer. Já me deste muito mais do que eu tinha direito de esperar. Há apenas uma razão para que eu me volte para Ti agora — eu preciso de Ti. Estou assustado; tenho de enfrentar uma situação difícil amanhã, e não sei se posso fazê-lo sem Ti. Deus, certa vez me deste uma razão para crer que eu era capaz de fazer alguma coisa de minha vida. Se isto faz sentido para Ti, ajuda-me então agora, porque não posso sair disso sozinho."

Jacó não pede a Deus que mande Esaú embora, que diminua a sua força ou que magicamente apague sua memória da face da terra. Jacó pede a Deus apenas que o torne menos temeroso, fazendo-o saber que está ao seu lado, de modo que, aconteça o que acontecer no dia seguinte, ele esteja em condições de enfrentá-lo, pois não estará sozinho.

Este é o tipo de oração a que Deus responde. Não podemos orar para que Ele torne nossas vidas livres

de problemas; isto não acontecerá, e será o mesmo que não orar. Não podemos pedir-Lhe que nos livre a nós e àqueles que amamos da doença, porque Ele não pode fazer isto. Não podemos pedir-Lhe que estenda uma rede mágica ao nosso redor, de modo que as coisas ruins só atinjam às outras pessoas, nunca a nós. As pessoas que rezam por milagres normalmente não conseguem milagres, como as crianças que rezam por bicicletas, por boas notas ou por namorados não os conseguem através de suas orações. Mas aqueles que oram por coragem, por fortaleza para suportar o insuportável, em agradecimento pelo que lhes foi deixado frente ao que lhes foi tirado, estes muito frequentemente têm suas orações atendidas. Eles descobrem que têm mais força e mais coragem do que jamais pensaram ter. Onde a conseguem? Penso que suas orações ajudaram-nos a descobrir aquela força. Suas orações ajudaram-nos a trazer à tona aquelas reservas de fé e coragem que antes não lhes estavam disponíveis. A viúva que me pergunta no dia do funeral de seu marido "O que me prende à vida agora?" no curso das semanas seguintes encontra razões para levantar-se de manhã e olhar o dia pela frente; o homem que perdeu seu emprego ou fechou seu negócio e me diz "Rabino, estou muito velho e cansado para começar tudo de novo", mas, não obstante, recomeça novamente — de onde tiraram eles a força, a esperança, o otimismo que não tinham no dia em que me fizeram aquelas perguntas? Gostaria de acreditar que eles receberam tudo aquilo do contexto de uma comunidade interessada, de pessoas que lhes deram claramente a entender que se importavam com eles e do conhecimento de que Deus está ao lado dos aflitos e dos oprimidos.

Se pensamos na vida como uma espécie de jogos olímpicos, algumas crises da vida são corridas de curta distância. Elas requerem o máximo de concentração emocional durante um breve espaço de tempo. São, então, superadas, e a vida retorna ao normal. Outras crises, porém, são corridas de fundo. Exigem que mantenhamos nossa concentração por um período de tempo muito maior, e isto pode ser um bocado mais difícil.

Visito pessoas em hospitais depois de sofrerem queimaduras graves ou depois de terem suas espinhas quebradas em acidentes. Nos primeiros dias, dão graças por estarem vivas e mostram-se cheias de confiança. "Sou um lutador; vou ganhar esta." Naqueles primeiros dias, a família e os amigos amontoam-se ao seu redor, prestativos e solícitos quanto ao seu bem-estar, cheios de simpatia e preocupação. Depois, à medida que os dias se transformam em semanas e meses, a extensão da crise começa a cobrar sua taxa do paciente e também dos parentes. O doente se torna inquieto com a mesmice da rotina diária e a falta de progresso sensível. Começa a tomar raiva de si mesmo por não curar-se mais depressa, ou dos médicos por não disporem de uma mágica que produza resultados instantâneos. A esposa, que se tornou tão solícita quando o câncer de pulmão do marido foi diagnosticado, faz-se irritadiça e impaciente. "Claro, eu sinto por ele, mas também eu tenho minhas necessidades. Durante anos ele se descuidou, negligenciou a saúde, e agora que o mal o apanhou espera que eu renuncie a minha vida e me torne sua ama-seca." Naturalmente, ela ama o marido e sente terrivelmente que esteja tão doente. Mas está se cansando com uma prova cujo término não é previsível. Talvez tema tornar-se viúva, esteja preocupada sobre sua situação financeira futura, com raiva dele por adoecer (especialmente se ele era fumante ou não ligava para a saúde), desgastada pelas noites de angústia sem dormir. Ela experimenta medo e fadiga, que explodem na forma de impaciência e raiva.

Da mesma forma, os pais de uma criança retardada enfrentam uma situação a longo prazo, sem qualquer perspectiva de um final feliz. Os primeiros anos de simpatia, resignação, prazer ante um passo cambaleante ou uma palavra balbuciada podem ceder a vez à frustração e à raiva quando a criança fica muito atrás de seus coetâneos ou esquece até mesmo aquelas coisas que eles tão penosamente lhe ensinaram. Então, com toda probabilidade, os pais sentir-se-ão culpados e se censurarão por perderem a paciência com uma criança que não é responsável pelas próprias limitações.

De onde tais pais tiram a força de que precisam para ir em frente dia após dia? Do mesmo modo, onde o homem que sofre de um câncer que não pode ser operado ou a mulher com a doença de Parkinson encontram força e propósito para levantar-se e encarar cada novo dia, quando não há nenhuma perspectiva de um final feliz?

Eu creio que Deus é a resposta também para essas pessoas, embora não da mesma maneira. Não acredito que Deus cause o retardamento mental nas crianças ou designe quem deva sofrer de distrofia muscular. O Deus em que creio não nos envia o problema — Ele nos dá força para arcar com o problema.

De onde você tira força para continuar em frente, depois de ter usado toda sua própria força? Para onde você se volta a fim de reencontrar a paciência que perdeu, tendo sido durante anos mais paciente do que se podia exigir de qualquer ser humano e sem nenhuma luz do fim do túnel à vista? Eu creio que Deus nos dá força, paciência e esperança, renovando nossas fontes espirituais quando elas se esgotam. Onde os doentes encontram, no curso de uma doença prolongada, força e bom-humor, a menos que Deus constantemente reabasteça suas almas? Onde mais as viúvas encontram a coragem para juntar os pedaços de suas vidas e enfrentar o mundo sozinhas, quando no dia do funeral dos maridos confessavam não terem tal coragem?

Como os pais de um jovem retardado ou com lesões cerebrais conseguem acordar cada manhã e assumir suas responsabilidades se não são capazes de apoiar-se em Deus quando se sentem fracos?

Não precisamos implorar ou subornar a Deus para nos dar força, esperança ou paciência. Basta que nos dirijamos a Ele, admitindo que não temos força para suportar o fardo, e compreender que enfrentar com bravura uma doença de longo curso é uma das coisas mais humanas e uma das coisas mais divinas que podemos realizar. Uma das coisas que constantemente me dá a certeza de que Deus é real, e não apenas uma ideia que os líderes religiosos tentam impingir-nos, é o fato de que as pessoas que oram por força, esperança e coragem na maior parte das vezes encontram reservas de força, esperança e coragem que não tinham antes.

Também acho que as crianças doentes devem orar. Devem orar em busca de força para suportar o que têm de suportar. Devem orar para que a doença e o tratamento não os magoem em demasia. Devem fazer da oração uma maneira de falar de seus temores sem o embaraço de ter de dizê-los em voz alta e para adquirirem a certeza de que não estão sós. Deus está perto delas mesmo altas horas da noite no hospital, quando os pais foram para casa e os médicos se recolheram. Deus permanece com elas mesmo quando estão tão doentes que seus amigos não mais vêm visitá-las. O medo da dor e o medo do abandono são talvez os aspectos mais perturbadores da doença de uma criança, e a oração deve ser usada para apagar esses medos. As crianças doentes podem até orar por um milagre que lhes restaure a saúde, contanto que não sintam que Deus as está julgando para decidir se elas merecem ou não um milagre. Elas devem orar porque a outra alternativa seria abrir mão de toda esperança e marcar passo até o fim chegar.

"Se Deus não pode acabar com minha doença, para que serve Ele? Quem precisa dEle?" Deus não deseja que você esteja doente ou aleijado. Ele não lhe causou este problema e não deseja que você continue assim, mas Ele não pode afastá-lo. Seria pedir algo que é difícil até para Deus. Para que serve Ele, então? Deus faz com que as pessoas se tornem médicos e enfermeiras para prestar auxílio e dar alívio. Deus ajuda-nos a ser corajosos mesmo quando estamos doentes e amedrontados e nos dá a certeza de que não enfrentamos nossos medos e nossas dores sozinhos.

A explicação convencional, segundo a qual Deus nos manda o fardo porque sabe que somos fortes o suficiente para suportá-lo, é totalmente incorreta. O destino, não Deus, nos envia o problema. Quando estamos às voltas com ele, descobrimos que não somos fortes. Somos fracos; sentimo-nos cansados, irados, sobrecarregados. Começamos a nos questionar o que fazer ao longo dos anos. E quando atingimos os limites de nossa força e coragem, algo inesperado nos acontece. Encontramos reforço vindo de uma fonte que fica fora de nós. E conscientes de que não estamos sós, de que Deus está ao nosso lado, conseguimos ir em frente.

Foi desse modo que respondi à jovem viúva que me desafiou sobre a eficácia da oração. Seu marido morrera de câncer, e ela me disse que, ao aproximar-se o fim, orou pela sua recuperação. Seus pais, parentes e vizinhos, todos oraram. Uma vizinha protestante invocou o ciclo de oração de sua igreja, e um vizinho católico apelou para a intercessão de São Judas, padroeiro das causas desesperadas. Toda variedade, linguagem e idioma de oração foram utilizados em seu auxílio, e nenhum deles funcionou. Ele morreu dentro do prazo previsto, deixando-a e aos filhos privados de um esposo e um pai. Depois disso, disse-me ela, quem pode levar a sério a oração?

É realmente verdade, perguntei-lhe eu, que suas orações não foram ouvidas? Seu marido morreu; não houve uma cura milagrosa de sua doença. Mas o que aconteceu? Seus amigos e parentes oraram; judeus, católicos e protestantes oraram. Em uma ocasião em que você se sentia tão desesperadamente só, você descobriu que de forma alguma estava só. Você descobriu que muitas outras pessoas estavam tristes por você e com você, e isto não é pouco. Elas estavam tentando dizer-lhe que isto não lhe estava acontecendo porque você era uma pessoa ruim. Trata-se apenas de uma coisa podre e desonesta, que ninguém pode evitar. Elas estavam tentando dizer-lhe que a vida de seu marido significava muitíssimo também para elas, e não somente para você e seus filhos, e que, acontecesse o que acontecesse, você não ficaria totalmente só. Era isto que suas orações queriam dizer, e eu suspeito que faça uma grande diferença.

E quanto às suas orações?, perguntei-lhe. Teriam ficado elas sem resposta? Você enfrenta uma situação, que poderia facilmente ter-lhe vergado o espírito, uma situação que poderia torná-la uma mulher amarga e retraída, ciumenta das famílias intatas que estão ao seu redor, incapaz de responder à promessa de estar viva. De alguma forma isto não aconteceu. De alguma forma você encontrou força para não se deixar despedaçar. Você encontrou resistência para continuar viva e dando valor às coisas. Como Jacó na Bíblia, como cada um de nós uma vez ou outra, você se defrontou com uma situação assustadora, orou por auxílio e descobriu-se muito mais forte, muito mais capaz de enfrentá-la do que jamais pensou que fosse. No seu desespero, você abriu o coração à oração, e que aconteceu? Você não conseguiu um milagre para afastar a tragédia. Mas descobriu pessoas ao seu redor, Deus ao seu lado e força interior para sobreviver à tragédia. Eu considero isto um exemplo de oração atendida.

CAPÍTULO 8

Para que serve então a religião?

Em certo sentido, escrevi este livro ao longo de 15 anos. Desde o dia em que ouvi a palavra "progéria" e que aprendi o seu significado, eu sabia que acabaria tendo de enfrentar o declínio e a morte de Aaron. E sabia que, depois que ele morresse, eu sentiria a necessidade de escrever um livro, para partilhar com outros a história de como conseguimos continuar acreditando em Deus e no mundo após tão profundos ferimentos. Eu não sabia que nome daria ao livro e não estava totalmente certo do que iria dizer. Mas sabia que a página depois do frontispício levaria uma dedicatória a Aaron. Eu visualizava a dedicatória a ele e, debaixo dela, mentalmente, podia ver a citação da Bíblia — as palavras do Rei Davi depois da morte de seu filho: "Absalão, meu filho! Eu deveria ter morrido em teu lugar!" Certo dia, porém, um ano e meio depois da morte de Aaron, percebi que estava visualizando aquela página diferentemente em minha imaginação. Agora, em vez da passagem em que Davi deseja estar morto e seu filho vivo, eu lia mentalmente as palavras de Davi em seguida à morte de seu primeiro filho, a passagem que eu de fato usei na página de dedicatória deste livro:

Viu, porém, Davi que seus servos cochichavam uns com os outros, e entendeu que a criança era morta, pelo que disse aos seus servos: É morta a criança? Eles responderam: Morreu. Então Davi se levantou da terra; lavou-se, ungiu-se, mudou de vestes, entrou na casa do Senhor e adorou; depois veio para sua casa e pediu pão; puseram-no diante dele, e ele comeu. Disseram-lhe seus servos: Que é isto que fizeste? Pela criança viva jejuaste e choraste; porém depois que ela morreu, te levantaste e comeste pão. Respondeu ele: Vivendo ainda a criança, jejuei e chorei, porque dizia: Quem sabe se o Senhor se compadecerá de mim, e continuará viva a criança? Porém, agora que é morta, por que jejuaria eu? Poderei eu fazê-la voltar? Eu irei a ela, porém ela não voltará para mim. (*II Samuel 12:19-23*)

Soube então que era tempo de escrever meu livro. Eu ultrapassara a autopiedade, chegando ao ponto de enfrentar e aceitar a morte de meu filho. Um livro que contasse às pessoas o quanto eu sofrera não faria bem a ninguém. Este livro teria que ser uma afirmação da vida. Ele teria de dizer que ninguém nunca nos prometeu uma vida livre da dor e do desapontamento. O máximo que nos prometeram foi que não estaríamos sós em nossa dor e que poderíamos haurir de uma fonte exterior a força e a coragem de que necessitássemos para sobreviver às tragédias e às iniquidades da vida.

Sou uma pessoa mais sensível, um pastor mais eficiente, um conselheiro mais simpático por causa da vida e morte de Aaron do que teria sido sem elas. E eu renunciaria a todos esses ganhos em um segundo se pudesse ter meu filho de volta. Se pudesse escolher, eu me anteciparia a todo crescimento e aprofundamento espiritual que me sobrevieram em função de nossas experiências e seria o que eu era há 15 anos, um rabino médio, um conselheiro indiferente, ajudando a uns e incapaz de ajudar a outros, e pai de um garoto brilhante e feliz. Porém não posso escolher.

Eu creio em Deus. Mas não creio nas mesmas coisas a respeito dEle em que acreditava há alguns anos, quando eu estava crescendo ou quando era estudante de teologia. Reconheço Suas limitações. Ele é limitado no que pode fazer pelas leis da natureza e pela evolução da natureza e da liberdade moral humanas. Não mais considero Deus o responsável por doenças, acidentes e desastres naturais, porque percebo que ganho pouco e perco muito quando incrimino a Deus por semelhantes coisas. Posso mais facilmente cultuar um Deus que odeia o sofrimento, mas não pode eliminá-lo, do que cultuar um Deus que opta por fazer as crianças sofrerem e morrerem, qualquer que seja a razão dada. Há alguns anos, quando a "morte de Deus" estava na moda, lembro-me de ter visto um pára-choque em que se lia: "Meu Deus não está morto; sinto muito pelo seu." Acho que meu pára-choque seria: "Meu Deus não é cruel; sinto muito pelo seu."

Deus não causa nossas desgraças. Algumas são causadas por má sorte, outras vêm de gente perversa e outras ainda são simplesmente a consequência inevitável do fato de sermos humanos e mortais, vivendo em um mundo de leis naturais inflexíveis. As coisas dolorosas que nos afligem não são punição por nosso mau comportamento nem, de qualquer forma, fazem parte de um grande desígnio de Deus. Como a tragédia não decorre da vontade de Deus, não precisamos sentir-nos magoados ou traídos por Deus quando a tragédia nos golpeia. É possível ir a Ele em busca de auxílio para superá-la precisamente porque podemos dizer que Deus está tão ofendido quanto nós.

"Significa isto que meu sofrimento não tem sentido?" Este é o argumento de maior peso que pode ser oposto ao ponto de vista que venho defendendo neste livro. Somos capazes de sofrer qualquer dor ou decepção se achamos que há razão por trás dela, um propósito para ela. E até mesmo o menor dos fardos se torna pesado demais quando sentimos que não faz sentido. Os pacientes de um hospital de veteranos gravemente feridos em combate têm mais facilidade em adaptar-se a suas cicatrizes que os com iguais ferimentos recebidos enquanto se divertiam em uma quadra de basquetebol ou numa piscina, porque podem

dizer a si mesmos que seu sofrimento pelo menos foi em função de uma boa causa. Os pais que conseguem convencer-se de que os filhos deficientes de algum modo servem a um desígnio aceitam melhor o fato, pela mesma razão.

Recorda-se o leitor da história bíblica, no capítulo 32 do Êxodo, de como Moisés, ao descer, do Monte Sinai e ver os israelitas cultuarem o bezerro de ouro, atirou as tábuas dos Dez Mandamentos e elas se quebraram? Existe uma lenda judaica que nos conta que, enquanto descia a montanha com as duas tábuas de pedra nas quais Deus escrevera os Dez Mandamentos, Moisés não tinha dificuldade nenhuma em carregá-las, embora fossem lajes de pedra grandes e pesadas e o caminho fosse em declive. Afinal de contas, ainda que fossem pesadas, tinham sido inscritas por Deus e eram preciosas para ele. Quando, porém, Moisés se aproximou do povo que dançava ao redor do bezerro de ouro, continua a lenda, as palavras desapareceram das tábuas. Tornaram-se apenas pedra novamente. E então ficaram pesadas demais para Moisés suportá-las.

Podemos carregar qualquer fardo, desde que pensemos que há um sentido para o que estamos fazendo. Será que dificultei para as pessoas a aceitação de suas doenças, desgraças, tragédias familiares, dizendo-lhes que não são enviadas por Deus como parte de algum desígnio maior?

Seja-me permitido sugerir que os males que surgem em nossas vidas não contêm nenhum significado especial. Não acontecem por nenhuma boa razão que nos faça aceitá-los de boa vontade. Mas podemos dar a eles um sentido. Podemos redimir essas tragédias da falta de sentido impondo-lhes um sentido. A questão que devemos propor não é "Por que isto me aconteceu? Que fiz eu para merecer isto?" Esta é uma questão realmente irrespondível, sem graça. Uma pergunta mais interessante seria: "Agora que isto me aconteceu, que vou fazer?"

Martin Gray, um sobrevivente do Gueto de Varsóvia e do Holocausto, escreveu sobre sua vida em um livro intitulado *Por Aqueles que Eu Amo*. Ele conta como, depois do Holocausto, reconstruiu sua vida, teve sucesso, casou e criou uma família. A vida parecia boa depois dos horrores do campo de concentração. Certo dia, contudo, sua esposa e seus filhos foram mortos por um incêndio na floresta que destruiu sua casa no sul da França. Gray ficou arrasado, levado até os limites de sua sanidade por esta tragédia suplementar. Os conhecidos insistiam em que abrisse um inquérito para apurar as causas do fogo. Em vez disso, preferiu aplicar todos os seus recursos em um movimento para proteger a natureza de incêndios futuros. Explicou que um inquérito, uma investigação focalizaria apenas o passado, resultando em dor, aflição e censura. Ele desejava concentrar-se no futuro. Um inquérito o colocaria contra outras pessoas — "alguém foi negligente? de quem foi a culpa?" — e, ficando contra outras pessoas, dedicando-se a caçar um vilão, acusando outros de serem responsáveis pela sua miséria, solitário que era, acabaria mais solitário. A vida, concluiu ele, tem de ser vivida por alguma coisa, não contra alguma coisa.

Também nós precisamos superar as perguntas que se concentram no passado e na dor — "por que isto me aconteceu?" — substituindo-as pela indagação que abre as portas para o futuro: "Agora que isto me aconteceu, que vou fazer?"

Seja-me permitido citar mais uma vez Dorothee Soelle, a teóloga alemã que citei no capítulo 5, perguntando-se de que lado Deus estava nos campos de concentração, se do lado dos algozes ou do lado das vítimas. Soelle, em seu livro *Sofrimento*, sugere que a "pergunta mais importante que podemos fazer a respeito do sofrimento é a quem ele serve. O nosso sofrimento serve a Deus ou ao diabo, à causa de nos tornarmos vivos ou moralmente paralisados?" Não "de onde vem a tragédia?" mas "para onde ela conduz?" é o ponto para o qual Soelle quer chamar nossa atenção. Nesse contexto, ela fala de "mártires do diabo". O que entende ela com esta expressão? É-nos familiar a ideia de que várias religiões honram as memórias dos mártires por Deus, pessoas que morreram em testemunho da própria fé. Relembrando essa fé frente à morte, nossa própria fé é robustecida. Tais pessoas são os mártires de Deus.

Mas também as forças do desespero e da descrença têm seus mártires, pessoas cuja morte enfraquece a fé de outras pessoas em Deus e no Seu mundo. Se a morte de uma anciã em Auschwitz ou de uma criança em uma ala de hospital nos deixa em dúvida quanto a Deus e com menos disposição para afirmar a bondade do mundo, então aquela mulher e aquela criança se transformam em "mártires do diabo", testemunhas *contra* Deus, contra a significação da vida moral, em vez de testemunhar a favor. Contudo (e este é o ponto importante de Soelle) não são as circunstâncias de sua morte que os tornam testemunhas a favor ou contra Deus. É *nossa reação* à sua morte.

Os fatos da vida e da morte são neutros. Nós, por nossas respostas, damos ao sofrimento um sentido positivo ou negativo. As doenças, os acidentes e as tragédias humanas matam as pessoas. Mas não matam necessariamente a vida ou a fé. Se a morte e o sofrimento de alguém que amamos nos faz amargos, ciumentos contra toda religião e incapazes de felicidade, *nós* transformamos a pessoa que morreu em "mártir do diabo". Se o sofrimento e a morte de alguém ligado a nós nos leva a explorar os limites de nossa capacidade, no sentido da força, do amor e do contentamento, se nos leva a descobrir as fontes da consolação

que antes não conhecíamos, então *nós* transformamos aquela pessoa em uma testemunha da afirmação da vida e não de sua rejeição.

Isto sugere, segundo Soelle, que há uma coisa que podemos fazer ainda por aqueles que amamos e que perdemos. Não podemos conservá-los vivos. Talvez não possamos sequer, por pouco que seja, diminuir sua pena. Mas há algo importantíssimo que podemos fazer por eles depois de sua morte: fazê-los testemunhar por Deus e pela vida, em vez de, pelo nosso desespero e perda de fé, transformá-los em "mártires do diabo". Os mortos dependem de nós para sua redenção e sua imortalidade.

As palavras de Soelle deixam claro como podemos agir positivamente face à tragédia. Que dizer, no entanto, do papel de Deus? Se Deus não causa as coisas ruins que acontecem às pessoas boas e se Ele não pode evitá-las, para que serve Ele então?

Primeiro que tudo, Deus criou um mundo em que há muito mais coisas boas que coisas ruins. Nós achamos os desastres da vida desconcertantes não apenas porque são dolorosos mas também porque são excepcionais. A maioria das pessoas em geral se sentem bem dispostas. A maioria das doenças são curáveis. A maioria dos aviões decolam e aterrissam em segurança. A maior parte das vezes que enviamos nossas crianças para brincar, elas retornam para casa sãs e salvas. O acidente, o roubo, o tumor que não pode ser operado são exceções que despedaçam a vida, mas são exceções muito raras. Quando se é golpeado pela vida é difícil ter isto em mente. Quando se está muito próximo de um objeto grande, tudo o que se pode ver é o objeto. Somente afastando-se dele é que se pode ver o que lhe está ao redor. Quando somos desorientados por alguma tragédia, só podemos ver e sentir a tragédia. Apenas com o tempo e a distância veremos a tragédia no contexto da vida inteira e do mundo inteiro. Na tradição judaica, a oração especial conhecida como Kaddish não é sobre a morte mas sobre a vida, e ela louva a Deus por ter criado um mundo basicamente bom, em que se pode viver. Recitando aquela oração, a pessoa de luto é lembrada de tudo o que é bom e digno de ser vivido. Existe uma diferença crucial entre negar a tragédia, insistindo que tudo acontece para o melhor, e em ver a tragédia no contexto da vida inteira, conservando os olhos e o espírito no que nos enriquece e não no que se perdeu.

Que diferença faz Deus em nossas vidas, se Ele nem mata nem cura? Deus inspira as pessoas a ajudarem outras que foram feridas pela vida e, ao ajudá-las, elas as protegem do perigo de se sentirem sós, abandonadas ou julgadas. Deus faz com que algumas pessoas queiram tornar-se médicos e enfermeiras, aplicando-se noite e dia, com um sacrifício e intensidade que nenhum dinheiro pode compensar, à tarefa de sustentar a vida e aliviar a dor. Deus faz as pessoas inclinarem-se às pesquisas médicas, focalizando sua inteligência e energia sobre as causas e as possíveis curas de algumas das tragédias da vida. Quando eu era criança, o início do verão era o tempo mais agradável da Cidade de Nova Iorque, mas era também uma época de apreensão para as famílias com crianças pequenas pelo receio de surtos de poliomielite. Seres humanos usaram a inteligência que Deus lhes deu e aquele temor foi eliminado. Através da história humana ocorreram pestes e epidemias que varreram cidades inteiras. Os casais sabiam que tinham de ter de seis a oito filhos para que algum deles sobrevivesse até a idade adulta. A inteligência humana chegou a uma compreensão maior das leis naturais no que diz respeito ao sanitarismo, aos germes, à imunização, aos antibióticos, conseguindo eliminar muitas daquelas pragas.

Deus, que não causa nem elimina as tragédias, ajuda inspirando as pessoas a ajudarem. Como um rabino hasídico do século XIX certa vez observou, "os seres humanos são a linguagem de Deus". Deus demonstra sua oposição ao câncer e aos defeitos de nascença, não eliminando-os ou fazendo-os acontecer apenas às pessoas más (Ele não pode fazer isto), mas convocando amigos e vizinhos para aliviar o fardo e preencher o vazio. Fomos apoiados na doença de Aaron por pessoas que faziam questão de mostrar que se interessavam e compreendiam: o homem que fabricou uma raquete de tênis para Aaron proporcional ao seu tamanho e a mulher que lhe deu um pequeno violino feito à mão, objeto tradicional da família; o amigo que lhe conseguiu uma bola de beisebol autografada pelos jogadores do Red Sox; e as crianças que relevavam sua aparência e limitações físicas para brincar com ele no pátio e que não o deixavam voltar para casa sem alguma lembrança especial. Pessoas como estas constituem a "linguagem de Deus", Sua maneira de dizer a nossa família que não estamos sós, que não somos rejeitados.

Da mesma forma, eu acredito firmemente que Aaron serviu aos propósitos de Deus, não por ser doente ou ter uma aparência estranha (não havia qualquer razão para Deus querer semelhante coisa), mas por encarar com tanta bravura sua doença e os problemas causados por sua aparência. Sei que seus amigos e colegas de escola foram afetados por sua coragem e pela maneira como conseguia viver uma vida plena, não obstante suas limitações. E sei que as pessoas que conheciam nossa família sentiam-se impelidas a enfrentar os tempos difíceis de suas próprias vidas com mais esperança e coragem, inspirados em nosso exemplo. Considero tudo isto como apelos de Deus para mover as pessoas a se ajudarem mutuamente em suas necessidades.

E, finalmente, para quem se pergunta "Para que serve Deus? Quem precisa de religião, se tanto faz praticar o bem como praticar o mal?", eu diria que Deus não pode evitar a calamidade, mas pode dar-nos força e perseverança para superá-las. Onde mais conseguimos essas qualidades que antes não tínhamos? O ataque cardíaco que reduz o ritmo de vida de um executivo de 46 anos de idade não vem de Deus, mas a determinação de mudar seu estilo de vida, de parar de fumar, de cuidar menos da expansão de seu negócio e de passar mais tempo com a família, porque seus olhos se abriram para aquilo que realmente importa — essas coisas vêm de Deus. Deus não provoca os ataques cardíacos — eles são respostas da natureza a um organismo superestressado. Porém Deus promove a autodisciplina e a integração na família.

A inundação que devasta uma cidade não é um "ato de Deus", embora as companhias de seguro assim a designem. Mas o esforço das pessoas para salvar vidas, correndo o risco por alguém que lhes é totalmente desconhecido, e a determinação de reconstruir uma comunidade depois que as águas da inundação abaixarem, isto pode ser denominado ato de Deus.

Quando alguém está morrendo de câncer, eu não considero Deus responsável pela doença ou pela dor que ela provoca. As causas são outras. Mas já vi Deus dar a tais pessoas a força de viver cada novo amanhecer, de serem gratas por um dia de sol ou de relativa ausência de dores.

Quando pessoas que nunca foram particularmente fortes se fortalecem frente à adversidade, quando pessoas que tendem a pensar apenas em si mesmas perdem o egoísmo e praticam atos heróicos em uma emergência, eu tenho de me perguntar a mim mesmo onde elas conseguiram qualidades que francamente admitem nunca terem tido antes. Minha resposta é que esta é uma das maneiras de Deus nos ajudar quando sofremos além dos limites de nossas forças.

A vida não é justa. Pessoas que curam contraem doenças, pessoas honestas são roubadas e pessoas inocentes morrem em guerras e acidentes. Alguns vêem a iniquidade da vida e decidem: "Não existe Deus; o mundo não passa de um caos." Outros vêem a mesma iniquidade e se perguntam: "De onde proveio meu sentimento do que é justo e do que é injusto? De onde proveio meu sentimento de ofensa e indignação, minha resposta instintiva de simpatia quando leio nos jornais sobre alguém totalmente estranho que foi golpeado pela vida? Acaso não provieram de Deus? Acaso não depositou Ele em mim um pouquinho de sua ira divina pela injustiça e pela opressão, como fez com os profetas da Bíblia? Não será meu sentimento de compaixão pelos aflitos simples reflexo da compaixão que Ele sente quando vê o sofrimento de Suas criaturas?" Responder à iniquidade da vida com simpatia e com justa indignação, deixando a compaixão e a raiva de Deus fluir através de nós, talvez esteja aí a prova mais segura da realidade de Deus.

Apenas a religião pode afirmar o sentimento de autovalorização do aflito. A ciência pode descrever o que aconteceu a alguém; apenas a religião pode chamá-lo de tragédia. Apenas a voz da religião, quando ela se libera da necessidade de defender e justificar Deus pelo que acontece, pode dizer ao aflito: "Você é bom e merece algo melhor. Deixe-me aproximar e ficar ao seu lado, para que você saiba que não está sozinho."

Nenhum de nós pode esquivar-se do problema das coisas ruins que acontecem a pessoas boas. Cedo ou tarde, encontramo-nos a desempenhar um dos papéis da história de Jó, ou como a vítima da tragédia, ou como um membro de sua família, ou como um amigo e consolador. As questões nunca mudam; a busca por respostas satisfatórias continua.

Em nossa geração, o inspirado poeta Archibald MacLeish nos dá uma versão da história de Jó em um cenário moderno. A primeira metade do seu drama poético *J.B.* reconta a conhecida história. *J.B.*, a figura de Jó, é um homem de negócios bem-sucedido, rodeado por uma família atraente e carinhosa. Um a um, porém, seus filhos morrem. Seu negócio vai à falência, sua saúde é abalada. Finalmente, sua cidade inteira e a maior parte do mundo são destruídos em uma guerra nuclear.

Três amigos vêm "confortar" *J.B.*, exatamente como na história bíblica, e uma vez mais suas palavras são mais auto-defensivas que confortadoras. Na versão de MacLeish, o primeiro confortador é um marxista que garante a *J.B.* que nenhum de seus sofrimentos é culpa sua. Ele apenas teve a infelicidade de ser membro da classe econômica errada em uma época errada. Ele era capitalista na época do declínio do capitalismo. Tivesse ele vivido a mesma vida em um outro século, não teria sido punido. Ele não está sofrendo por nenhum de seus próprios pecados. Ele apenas foi esmagado pelo rolo compressor da necessidade histórica. *J.B.* não é confortado por esta colocação. Ela trata sua tragédia pessoal muito levianamente, considerando-o apenas como um membro de uma determinada classe.

O segundo confortador é um psiquiatra. *J.B.* não é culpado, assegura-lhe ele, porque a culpa não existe. Agora que penetramos no mais recôndito dos seres humanos, sabemos que não escolhemos. Apenas pensamos que escolhemos. Na verdade, simplesmente respondemos ao instinto. Não agimos; somos agidos. Portanto, não existe responsabilidade, não existe culpa.

J.B. responde que semelhante solução, descrevendo-o como uma vítima passiva de seus instintos cegos, priva-o de sua humanidade. "Prefiro sofrer cada indizível sofrimento que Deus me manda sabendo que... sou

eu quem age, quem escolhe, a lavar as mãos, como me propõe, nesta aviltante inocência."

O terceiro e último confortador é um pastor de almas. Quando J.B. lhe pergunta que pecado cometeu para estar sendo punido tão severamente, ele responde: "Seu pecado é simples. Você nasceu homem. Qual é sua falta? O coração do homem é mau. O que você fez? A vontade do homem é má." J.B. é um pecador digno de punição não por qualquer coisa de específico que tenha feito, mas por ser Homem, e os seres humanos são inevitavelmente imperfeitos e pecaminosos. J.B. replica-lhe: "O seu conforto é mais cruel que o deles, fazendo do Criador do Universo o deturpador da humanidade, um festim para os crimes que Ele pune." J.B. não pode buscar ajuda e conforto em um Deus que é descrito como criador de um homem imperfeito, punindo-o depois por causa dessa imperfeição.

Após rejeitar as explicações dos três confortadores, J.B. se volta para o próprio Deus e, como na Bíblia, Deus responde, dominando J.B. com Sua terribilidade, citando versículos inteiros do discurso bíblico do redemoinho.

Até este ponto, MacLeish nos dá a história bíblica de Jó com vestimenta moderna. O final, contudo, é completamente diferente. Na Bíblia, a história termina com Deus recompensando a Jó por ter suportado tanto sofrimento, e dá-lhe nova saúde, novas riquezas e novos filhos. Na peça, não há recompensas celestiais ao cair do pano. Em vez disso, J.B. volta para sua mulher, e os dois se preparam para continuar a vida juntos, construindo uma nova família. Seu amor, não a generosidade de Deus, fará com que nasçam os novos filhos para substituir os que morreram.

J.B. perdoa Deus e assume o compromisso de continuar vivendo. Sua esposa lhe diz: "Você queria justiça, não queria.? Pois não há qualquer justiça... existe apenas o amor." Os dois narradores, representando as partes de Deus e de Satanás, ficam perplexos. Como pode alguém que sofreu tanto na vida desejar mais vida? "Quem é o herói, Deus ou ele? Deve Deus ser perdoado?" "Não será Deus? Jó era inocente, você deve lembrar." O Jó de MacLeish responde ao problema do sofrimento humano, não com teologia ou psicologia, mas com a escolha de continuar a viver e a criar nova vida. Perdoa a Deus por não ter feito um universo mais justo e decide aceitá-lo como é. Pára de procurar justiça e equidade no mundo, saindo em busca do amor.

Nas últimas linhas da peça, a esposa de Jó diz:

As velas nas igrejas se apagaram, As estrelas saíram do céu. Assopra a brasa do coração e nos veremos mais tarde...

O mundo é um lugar frio e iníquo, onde tudo o que tinham de precioso foi destruído. Mas, em vez de abrir mão deste mundo iníquo e da vida, em vez de buscar fora de si, nas igrejas ou na natureza, as respostas, eles voltam-se para suas capacidades de amar. "Assopra a brasa do coração" — por pequena que seja sua luz e seu calor, ela será capaz de nos dar alento e nos sustentar.

Em *Dimensões de Jó*, editado por Nahum N. Glatzer, MacLeish escreveu um ensaio explicando o que quis dizer no final de sua peça sobre Jó. "O Homem depende de Deus em todas as coisas; Deus depende do Homem em uma. Sem o amor do Homem, Deus não existe como Deus, apenas como criador, e o amor é a única coisa que nem sequer o próprio Deus pode comandar. É uma dádiva livre, ou nada significa. E ele é uma realidade maior, mais livre, quando oferecido não obstante o sofrimento, a injustiça e a morte." Não amamos a Deus porque Ele é perfeito. Não O amamos porque Ele nos protege contra o mal e evita que coisas ruins nos aconteçam. Não O amamos porque O tememos ou porque Ele nos golpeia se Lhe voltamos as costas. Nós O amamos porque Ele é Deus, porque Ele é o autor de toda beleza e ordem que nos rodeia, a fonte da força, esperança e coragem que vêm em nosso auxílio quando delas precisamos. Nós O amamos porque Ele é a melhor parte de nós mesmos e do nosso mundo. É isto que significa amor. Amor não é a admiração da perfeição, mas a aceitação de uma pessoa imperfeita com todas as suas imperfeições, porque amá-la e aceitá-la nos torna melhores e mais fortes. Existe uma resposta à questão por que coisas ruins acontecem a pessoas boas? Depende do que se entende por "resposta". Se entendemos "há uma explicação que dê sentido a tudo isto" — Por que há câncer no mundo? Por que meu pai contraiu o câncer? Por que o avião caiu? Por que meu filho morreu? — provavelmente não há resposta satisfatória. Podemos oferecer explicações decoradas, mas ao cabo, após termos palmilhado todas as casas do tabuleiro e nos sentirmos orgulhosos de nossas habilidades mentais, a dor, a angústia e a sensação de injustiça permanecem intatas.

Mas a palavra "resposta" pode significar "reação", além de "explicação", e neste sentido talvez haja uma solução satisfatória para as tragédias de nossas vidas. A reação seria a atitude de Jó na versão de MacLeish da história bíblica — perdoar o mundo por não ser perfeito, perdoar a Deus por não ter feito um mundo melhor, abraçar as pessoas que estão ao nosso redor e continuar vivendo não obstante tudo.

Na análise final, a indagação das razões pelas quais as coisas ruins acontecem a pessoas boas desdobra-se em perguntas bastante diferentes entre si, não mais se questionando aqui a causa do acontecimento, mas como reagir, o que fazer depois do que aconteceu.

Você é capaz de perdoar e aceitar com amor um mundo que o decepcionou por não ser perfeito, um

mundo em que existe tanta iniquidade e crueldade, doença e crime, terremoto e acidente? Pode você perdoar-lhe as imperfeições e amá-lo por conter grande beleza e bondade e por ser o único mundo que nós temos?

Você é capaz de perdoar e amar as pessoas que lhe estão ao redor, mesmo quando elas o ferem e derrubam por não ser perfeito? Acaso pode perdoá-las e amá-las simplesmente porque ninguém é perfeito e porque a penalidade por não ser capaz de amar pessoas imperfeitas é condenar-se à solidão?

Você é capaz de perdoar e amar a Deus mesmo quando descobre que Ele não é perfeito, mesmo quando o magoou e desapontou permitindo a má sorte, a doença e a crueldade em Seu mundo, e permitindo que algumas dessas coisas o atingissem? Porventura pode aprender a amá-Lo e perdoá-Lo, não obstante suas limitações, como Jó fez e como você certa vez aprendeu a perdoar e amar a seus pais depois de perceber que eles não eram tão sábios, tão fortes e tão perfeitos como você precisava que eles fossem?

E se você puder fazer tudo isto, poderá ainda reconhecer que a capacidade de perdoar e a capacidade de amar são as armas com que Deus nos dotou para viver com plenitude, coragem e sentido neste mundo menos-que-perfeito?

Eu penso no que Aaron e sua vida me ensinaram, e percebo quanto perdi e quanto ganhei. O dia de ontem me parece menos doloroso, e não tenho medo de enfrentar o dia de amanhã.

Agradecimentos

O processo de transformar uma ideia em livro é longo e complicado. Em meus esforços, fui ajudado por muitas pessoas. Arthur H. Samuelson, da Schocken Books, foi um editor que me deu total apoio. Seu entusiasmo, do princípio ao fim, fez com que me fosse mais fácil escrever e reescrever continuamente, e suas sugestões para mudanças foram sempre de grande valia. Os membros das duas congregações a que servi, em Great Neck, N.Y., e Natick, Mass., ouviram meus sermões, trouxeram-me seus problemas e compartilharam da vida e da morte de Aaron com minha família; eles podem, com pleno direito, reclamar sua parte na formulação deste livro. Todos os estudos de caso no livro foram tirados de minha experiência pastoral, constituindo, porém, combinações de pessoas que conheci, sem haver intenção de que se assemelhem ao de qualquer indivíduo especificamente. Diversos amigos íntimos leram o manuscrito em seus vários estágios, e sou grato por seus conselhos e sugestões. Porém, mais que qualquer outra pessoa, minha esposa Suzette e nossa filha Ariel participaram da vida e da perda de Aaron. Minhas lembranças são suas lembranças, e desejo ardentemente que minhas consolações também sejam suas consolações.

Harold S. Kushner

Quando Coisas Ruins Acontecem às Pessoas Boas é um livro que transmite a paz de espírito, capaz de mudar profundamente a sua vida!

Jovem estudante de Teologia, Harold Kushner ficou intrigado com a mensagem do Livro de Jó. Rabino de uma pequena cidade, consolou as pessoas visitadas pela dor e pelo sofrimento. No instante, porém, em que soube que seu filho Aaron, de três anos de idade, morreria de uma doença rara, no início da adolescência, ele se deparou com a mais importante e mais terrível questão que alguém pode enfrentar: Por que coisas ruins acontecem com pessoas boas?

"Tive o pressentimento, então", relembra Kushner, "de que algum dia escreveria este livro. E o escreveria compelido pela necessidade de traduzir em palavras algumas coisas importantíssimas que pude compreender e nas quais passei a acreditar."

QUANDO COISAS RUINS ACONTECEM ÀS PESSOAS BOAS é um livro de profunda ressonância nos agitados tempos modernos. Não foi escrito para defender ou explicar Deus. Dirige-se àqueles que desejam acreditar na bondade e justiça divinas, mas não conseguem conciliar tal crença com a dor do ser humano.